



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
MESTRADO EM PERFORMANCES CULTURAIS**

ANTONIO DE JESUS PEREIRA

**AS LINGUAGENS PRESENTES NAS MÍSTICAS DO MST NO
PROCESSO FORMATIVO DA MILITÂNCIA ORGÂNICA**

**GOIÂNIA
2014**

ANTONIO DE JESUS PEREIRA

**AS LINGUAGENS PRESENTES NAS MÍSTICAS DO MST NO
PROCESSO FORMATIVO DA MILITÂNCIA ORGÂNICA**

**Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Goiás como parte do requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Performances
Culturais.**

Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real

**GOIÂNIA
2014**

Ficha catalográfica elaborada
automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Pereira, Antonio de Jesus

As linguagens presentes nas místicas do MST no processo formativo
da militância orgânica [manuscrito] / Antonio de Jesus Pereira. - 2014.
f.

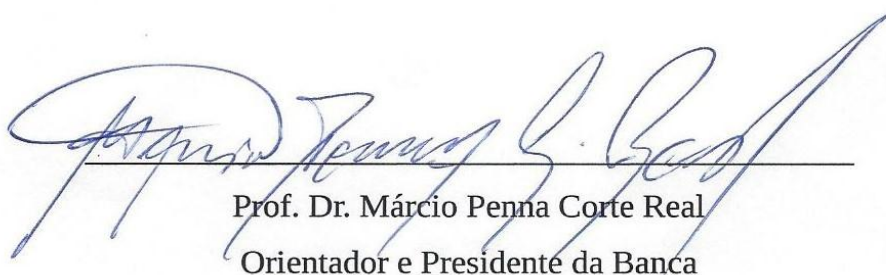
Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de
Música e Artes Cênicas (Emac) , Programa de Pós-Graduação em
Performances Culturais, Goiânia, 2014.
Bibliografia.

1. Mística do MST. 2. Linguagens. 3. Formação. 4. Performance
cultural. I. Corte Real, Dr. Márcio Penna, orient. II. Título.

ANTONIO DE JESUS PEREIRA

**“AS LINGUAGENS PRESENTES NAS MÍSTICAS DO MST NO PROCESSO
FORMATIVO DA MILITÂNCIA ORGÂNICA”**

Trabalho final de curso defendido e aprovado em vinte e quatro de Novembro de dois mil e quatorze, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real
Orientador e Presidente da Banca



Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas
POSLIT/UnB



Prof. Dr. Sebastião Rios Corrêa Júnior
PPGMIPC/UFG



Profª Drª Núbia Ferreira Ribeiro
FE/UFG

**‘Terra Sertaneja’
por Ademar Bogo**

“Somos milhões de companheiros e companheiras
buscando a libertação da terra, de homens e mulheres
em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos,
alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem
sangrar o destino do nosso povo sofredor!
Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos,
trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e
dos cantadores filhos da terra e da esperança no palco imaginário
para onde marcham as colunas dos grandes guerreiros e lutadores sem terra.
A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através
das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços
que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade
de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.
Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra de homens
na grande sinfonia da esperança que aponta o horizonte
e o longe fica perto quando se caminha adiante.
As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações.
O sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer
quando às vezes brotam de forças em movimentos
que ao som suave de belas melodias elevem foices
e facões rompendo cercas, retirando mourões para ver nascer o novo dia.
Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho,
o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho
na trilha estreita plantando futuro.
Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira,
que o som dos nossos hinos anime nossas consciências
e que a luta redima nossa pobreza,
que o amanhecer nos encontre sorridentes
festejando a nossa liberdade”.

Este trabalho faz parte da minha trajetória de vida desde minha inserção na militância do MST. O esforço e a dedicação empreendidos nesta pesquisa foram possíveis por que existem aspectos sociais que fazem parte da minha vida. O fato de ter afeição pelo estudo contribuiu para a minha entrada no Mestrado em Performances Culturais e me possibilitou pensar nos processos educativos desenvolvidos pelos movimentos sociais, bem como me permitiu aproximar da vida cotidiana dos trabalhadores rurais sem-terra. É por esta razão que dedico este trabalho aos militantes do Movimento Sem Terra, que contribuíram de forma significativa para o trabalho de campo, e também, aos professores que se esforçaram em tirar minhas dúvidas. Dedico este trabalho aos meus pais, por entenderem que era necessário buscar novos horizontes para continuar os estudos. Também o dedico a duas pessoas muito especiais em minha vida: Antony Juan Silva Pereira, que ainda não entende o motivo do meu afastamento, mas esteve sempre comigo, mesmo distante; e Deusilene, por sempre estar do meu lado e por ter me apoiado a fazer o mestrado.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado força na continuação dos estudos.

Ao Movimento Sem Terra (MST), que foi responsável pelas experiências adquiridas da luta social dos trabalhadores sem-terra.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real, pela disposição em tirar as minhas dúvidas no período da elaboração da dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais, em especial aos professores Sebastião Rios, Robson Carmago e Sainy Veloso, que mostraram interesse em compartilhar comigo certas ideias que foram fundamentais para meu processo de formação.

Aos colegas da primeira turma do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais que demonstraram interesse pela minha pesquisa, em especial à Samuel Zaratim, que foi meu parceiro de estudo e de orientação - um amigo, e à Deusimar pelas conversas.

À Profa. Dr. Kátia Menezes de Sousa, pelas conversas compartilhadas durante a disciplina que fiz no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG.

Ao Professor Dr. Rafael Litvin Villas Bôas, pela disponibilidade e contribuição na reflexão deste trabalho.

Às lideranças do MST do Estado do Pará e à militância do Pré-Assentamento Lorival Santana e o Assentamento Palmares II que aceitaram ser entrevistados para este trabalho, em especial à Clívia, Messias, Débora, Jéssica, Ivagno, Halayana, Poliana, Wesley e Maria da Conceição. Aproveito para lembrar o nome de duas pessoas importantes na minha jornada de trabalho de campo: a companheira Débora Corrêa e seu esposo, Luís Carlos. Obrigado pelas conversas compartilhadas e por terem me acolhido em sua residência no período da realização do trabalho de campo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	11
 CAPÍTULO I	
A MÍSTICA E SUAS DEFINIÇÕES NO MST.....	17
1.1. Razão existencial da mística no MST: em busca de uma descrição densa.....	17
1.2. A memória social e as místicas do MST.....	52
1.3. A memória social inserida em um jogo de poder nas místicas do MST.....	60
 CAPÍTULO II	
A REDE HISTÓRICA DE ENUNCIADOS QUE PERMEIAM AS MÍSTICAS DO MST.....	68
2.1. Tipos de enunciados que aparecem nas místicas do MST.....	69
2.2. Práticas discursivas constituídas por meio das místicas do MST.....	75
2.3. A constituição de uma posição do sujeito através das místicas do MST.....	87
 CAPÍTULO III	
OS GÊNEROS DISCURSIVOS QUE COMPÕEM AS MÍSTICAS DO MST.....	93
3.1. Gêneros discursivos: os enunciados que circulam nas místicas do MST.....	93
3.2. O gênero discursivo ‘canção’ nas místicas do MST.....	101
3.3. O gênero discursivo ‘poema’ nas místicas do MST.....	114
3.4. O gênero discursivo ‘teatro’ nas místicas do MST.....	124
3.5. Os gêneros na formação de um novo ser social.....	129
 CAPÍTULO IV	
ESTUDO SOBRE A MÍSTICA DO MST NA PERSPECTIVA DAS PERFORMANCES CULTURAIS.....	139
4.1. Uma análise das místicas do MST por meio das discussões sobre performances culturais.....	139
4.2 O drama social presente nas performances que aparecem nas místicas do MST.....	149
 CONCLUSÃO.....	155
REFERÊNCIAS.....	159

RESUMO

Nesta dissertação realizou-se uma análise das místicas do MST. Buscou-se identificar os enunciados que circulam nas místicas do movimento para saber até que ponto podem potencializar o processo formativo da militância orgânica. Identificou-se elementos que contribuem para as manifestações das místicas, os quais permitiram que as mesmas fossem analisadas na perspectiva teórica das performances culturais. Para tanto, realizou-se uma etnografia da mística dos sem-terra a partir de uma descrição densa, apoiada na ideia de Clifford Geertz. A pesquisa que resultou nesta dissertação foi realizada no Estado do Pará e a proposta foi realizar um trabalho com a militância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A escolha do Pará se justifica no fato de que este é um lugar de grandes conflitos entre trabalhadores sem-terra e fazendeiros. Foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: registro através do caderno de campo, observações, entrevistas e gravações. Efetivou-se a pesquisa nos principais espaços de formação dos militantes do MST, tais como: reuniões, associações, assembleias e escolas. Ao longo deste trabalho foram realizadas nove entrevistas com os militantes do movimento. A partir deste percurso, concluiu-se que os sujeitos sem-terra se constituem, por meio dos rituais e das atividades sociais do MST, como atores sociais que incorporam experiências de luta. Neste processo constituem, ainda, a capacidade de sistematizar suas vivências através da linguagem poética, corporal, imagética e simbólica que permeia as místicas do movimento.

Palavras-chave: Mística do MST. Linguagens. Formação. Performance cultural.

ABSTRACT

An analysis of the mystics of the MST (movement of the landless workers) has been conducted in this dissertation. An attempt has been made to identify the enunciations that circulate around the mystics of the movement in order to find out to what extent they can enhance the potential of the formative process of its organic militancy. The elements which contribute to the manifestations of the mystics and which allow for them to be analyzed, in the perspective of the cultural performances, have been identified. For that means we have conducted a dense description ethnography of the mystics of the landless workers, supported by the idea of Clifford Geertz. The research that resulted in this dissertation was done in the state of Pará, and the purpose was to accomplish a work with the militancy of the movement of the rural landless workers (MST). Pará was chosen because it is a place of serious conflicts between landless workers and farmers. The following methodological procedures were adopted: record on field notebooks, observations, interviews and sound recordings. The research was conducted in the main formation spaces of the militants of the MST, such as: meetings, associations, assemblies and schools. Nine interviews with the militants have been conducted. From this trajectory we come to the conclusion that the landless workers constitute themselves by means of rituals and of the social activities of the MST, as social actors that incorporate experiences of struggle. In face of that they have constituted a capacity of systematizing their experience through poetic, body, imagistic and symbolic language that permeate the mystics of the movement.

Key words: Mystics of the MST. Language. Formation. Cultural performance.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ é originária da pesquisa sobre a mística do MST que visa discutir o seu papel na formação da militância orgânica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) a partir das linguagens verbais e não verbal. A reflexão realizada neste trabalho mostra que as místicas do MST se apresentam como algo que vai além da representação do modo de vida dos sujeitos ligados ao movimento. Desta forma, as místicas podem ser analisadas no âmbito das discussões sobre as performances culturais, refletindo sobre as práticas culturais que manifestam as experiências de luta dos sujeitos.

O ritual místico sempre começa antes de uma atividade do MST, seja uma reunião grande ou pequena, ela sempre começa com uma celebração que, às vezes, pode ser breve ou demorada. Além disso, o ato místico articula diversos elementos, que vão desde as sementes que são usadas no plátio das roças até os artísticos, como: os poemas e as músicas populares. Também os gestos são significativos, como o punho cerrado, que expressa a indignação.

A mística passou por um processo histórico até se tornar uma prática cotidiana dos militantes do MST. Para a compreensão deste processo é necessário analisá-lo no contexto da luta do movimento. Do mesmo modo, é fundamental conhecer a história das pessoas que foram se envolvendo na luta pela conquista da terra para compreender o papel do ritual dentro da organização dos sem-terra.

O trabalho intelectual da militância do MST tem influência no processo organizativo dos acampados e assentados, de modo que as lutas sociais ajudaram na formação desta militância. Percebemos que é por meio das lutas do MST que alguns dos trabalhadores, que estão inseridos no processo de conquista da terra, têm hoje um lugar para viver e o lugar para produzir alimentos para sua própria subsistência e para o comércio. A organização não pode, entretanto, considerar a luta finalizada: a conquista da terra é o primeiro passo e as populações assentadas continuam suas lutas por outros direitos. Desta forma, a organização desenvolveu práticas culturais que podem ser usadas para motivar as pessoas a permanecer na luta, como a mística, por exemplo. Na visão de Bogo (2002), a mística, fazendo parte da cultura dos trabalhadores, tem contribuído para que brote ‘o fogo que alimenta a massa a permanecer na luta’.

¹ Para a realização deste trabalho tivemos o incentivo da FAPEG e da CAPES. Como bolsista foi possível dedicar exclusivamente às atividades do curso em Performances Culturais.

É possível dizer que na mística do MST permeia a simbolização que caracteriza a luta dos trabalhadores, sendo que as ferramentas utilizadas no ritual dialogam com a vida e com a história dos sujeitos que fazem parte do movimento. A mística, por trazer os diversos elementos simbólicos em sua manifestação, foi considerada um mistério, segundo Bogo (2002).

Procuramos enfatizar, nesta dissertação, uma interpretação crítica sobre a mística, levando em conta o conhecimento já produzido por Bogo (2002), Sampaio (2002), Castro (2005), Santos (2010), Coelho (2010), Sottilli (2010), Souza (2012) e pelo MST (2014). Os autores citados² foram fundamentais na discussão sobre o MST, sobre a mística e as outras práticas culturais do movimento.

O foco é olhar a mística a partir da perspectiva constituída pela militância do MST, retomando os conhecimentos já produzidos sobre o ritual como referencial para discurtir os elementos que foram se incorporando ao longo dos anos na articulação da mística. Para tanto, iremos nos apoiar na definição de ‘descrição densa’ de Geertz (1989) para descrever a mística após os 30 anos de luta do Movimento Sem Terra. Por isso, foram observadas as linguagens verbais e não verbais presentes nas místicas do MST a fim de saber se elas contribuem para o processo de formação da militância orgânica³. Para tanto, a pesquisa foi realizada nos espaços nos quais a militância do MST está presente, visando saber até que ponto a mística pode ser compreendida como uma performance cultural que serve para significar a vida dos sujeitos sem-terra.

O interesse em investigar as práticas culturais desenvolvidas pelos militantes do MST provém da minha inserção nas atividades do movimento desde 2007, quando nos foi confiada a tarefa de coordenar algumas turmas de alfabetização nos acampamentos e assentamentos do MST. Na época eu cursava a graduação em Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A mística, por ser um ritual do movimento, procura trazer os elementos que fazem parte da cultura de algumas categorias sociais. É neste sentido que as ações desenvolvidas

² Ao se escolher trabalhar com estes autores não se quer dizer que os demais não sejam importantes. Pelo contrário, como se disse, todos foram essenciais para a elaboração do estudo, e o fato de priorizar algumas discussões se deveu à proximidade estabelecida nessa jornada de estudo com alguns deles.

³ Este assunto será tratado no terceiro capítulo.

pelos trabalhadores rurais ligados ao MST se baseiam em uma história que tem, como fundamento, a memória social de uma luta, a de distribuição da riqueza do País.

A ideia de investigar a mística do MST surgiu já na primeira versão do projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Performances Culturais, da Universidade Federal de Goiás (UFG), quando se tinha a intenção de realizar uma investigação das práticas culturais do movimento. Porém, uma abordagem como esta demandava um longo período de reflexão, e os programas de pós-graduação delimitam um período para os alunos realizarem a pesquisa. A delimitação do campo de pesquisa foi adotada no projeto inicial e isto levou ao apontamento da mística do MST como campo de pesquisa, por ser uma prática cultural do movimento fundamental para compreender o modo de vida dos trabalhadores rurais sem-terra ligados ao MST. Além disso, a vivência na organização dos sem-terra nos trouxe a curiosidade de aprofundar a discussão sobre a mística.

A escolha que se fez, de buscar compreender a mística do MST, está vinculada às razões políticas e ideológicas deste pesquisador. Além disso, o processo histórico constituído pelo MST tem grande importância para a luta pela terra dos trabalhadores rurais de todo o País – a qual não é valorizada pelo poder público e pela sociedade de modo geral.

A oportunidade de realizar um trabalho sobre a mística do MST possibilitou conhecer melhor o movimento – embora já tivesse participado das atividades da organização em outro momento. Desta forma, percebemos como o MST se tornou uma organização social de nível nacional que se articula com suas bases através do trabalho dos militantes. E é neste sentido que as místicas têm um papel significativo no processo de organização do sem-terra, pois podem ajudar os sujeitos a permanecer nos acampamentos e nos assentamentos, bem como na luta da organização. A mística é, além disso, uma forma de relação com a sociedade. É nesta perspectiva que Santos (2010, p.16) fala que “a mística faz parte do conjunto de trabalhos de conscientização social que leva à indignação contra qualquer forma de injustiça”.

Existem fatores que contribuem para o reconhecimento das lutas do MST tanto no cenário nacional quanto no internacional. Isto porque, os episódios que ocorreram nos 30 anos de luta do movimento têm servido para dar uma dimensão do poder de mobilização que o MST construiu historicamente. Diante disto, o Movimento Sem Terra é um exemplo de movimento social que luta pela posse da terra e contra as injustiças sociais. É por meio do contexto de luta que os militantes construíram suas práticas culturais; e as místicas, sendo

parte delas, foram responsáveis pela socialização do processo de luta desenvolvido pelo movimento. Nesse sentido, possibilitam aos sujeitos refletirem sobre sua vida e, também, animá-los para permanecerem na luta.

Coelho (2010, p.127) afirma que “a mística seria o segredo que alimenta a existência e a luta dos militantes e de todo o povo que luta”. É por meio da mística que são concretizados os motivos para se permanecer na luta, para que o povo tenha dias melhores. A mística é o mecanismo que fortalece a permanência dos sujeitos na luta da organização.

Investigar o processo de organização e implementação dos rituais das místicas do MST, bem como seus significados e a dimensão política na formação de sua militância, serviu para constituir reflexões teóricas e para produzir conhecimento na área das performances culturais. Isto porque, no Mestrado em Performances Culturais da UFG, ao qual esta pesquisa está vinculada, são investigadas as performances culturais em sentido amplo. Isto é, a investigação das performances culturais, neste caso, abrange um conjunto amplo de práticas culturais, artísticas e rituais, que vai do teatro às festas, cerimônias, eventos cotidianos e de trabalho, passando pelos ritos e rituais – onde se encaixam as místicas, pois é um ritual que acontece nos espaços em que a militância do MST está presente.

Assim, coerentemente com as discussões das performances culturais, o projeto de pesquisa se propôs a investigar o seguinte problema: “Em que medida o processo de organização e implementação da mística do MST pode ser compreendido como uma performance cultural do movimento, na qual circulam vários significados verbalizados ou não, que pode contribuir para a formação de uma militância orgânica?”.

O trabalho de campo foi realizado em dois assentamentos no Estado do Pará. O primeiro escolhido foi o pré-assentamento Lourival Santana, localizado no município de Eldorado do Carajás; o segundo foi o assentamento Palmares II, no município de Parauapebas. A maior parte da militância do MST do Estado do Pará está assentada ou reside nestas duas comunidades, o que justifica a escolha destes locais para a realização do trabalho de campo. Além disso, no assentamento Palmares II existe um instituto de formação dos trabalhadores sem-terra que serve de espaço de encontro dos militantes da organização.

Pesquisar a mística do MST no Pará permitiu analisar como ela consegue formar os trabalhadores sem-terra do Estado, assim como também os militantes que conduzem o processo de luta na região. Diante disso, o olhar foi direcionado aos espaços em que as

místicas são manifestadas pelos militantes, assim como os acampados e assentados que moram nas áreas desapropriadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Para tanto, foi necessário observar e vivenciar a mística do MST em espaços como: seminários, reuniões de cooperativas, reuniões dos coordenadores de acampamentos e assentamentos, entre outras atividades realizadas pela organização. As atividades, principalmente as místicas, desenvolvidas nestes espaços, ficam por conta dos militantes. Em outros espaços as místicas são realizadas pelas pessoas que estão ingressando no movimento, que são militantes em processo de formação. Já nos espaços educativos desenvolvidos pelo MST as pessoas são convidadas a participar das manifestações culturais da organização.

A vivência na organização foi essencial para o processo da pesquisa, o que possibilitou a realização de entrevistas com alguns militantes. Em particular os que têm um vínculo maior com a organização e os que estão passando por algum processo de formação da militância, isto é, os que estão diretamente na liderança do movimento e os militantes que têm vínculo direto com a base de organização dos sem-terra. Por ter feito parte da militância por alguns anos, por ser um simpatizante da luta do MST e, principalmente, por estabelecer uma comunicação com alguns militantes, o trabalho de campo pôde ser realizado nos principais espaços de atuação da militância no Estado do Pará.

Ao longo da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos de coleta de dados: entrevistas com as lideranças e participantes das místicas do MST; participação e observação dos momentos de preparação e implementação das místicas, utilizando instrumentos de registros de campo escritos e audiovisuais. Tais procedimentos foram utilizados para se realizar uma investigação do tipo etnográfica, procurando apreender os sentidos e significados políticos, pedagógicos e rituais das místicas do MST; bem como seu papel para a formação da militância orgânica, descrevendo e analisando este processo de forma densa e intensa, de acordo com a perspectiva antropológica de descrição densa proposto por Geertz (1989).

A pesquisa está dividida em quatro capítulos: o primeiro apresenta um levantamento sobre a definição da mística, além de mostrar que ela surgiu de uma memória social. No segundo capítulo estão os enunciados que circulam nas místicas do MST, mostrando que eles são importantes para a formação dos discursos. No terceiro capítulo está a análise dos gêneros discursivos que permeiam as místicas e de como atuam para servir de instrumento na

formação da militância. Por fim, no último capítulo, realiza-se uma análise em que se consideram as místicas como uma performance cultural do MST por perceber que estas sintetizam os momentos marcantes que fazem parte da vida dos sujeitos.

CAPÍTULO I

A MÍSTICA E SUAS DEFINIÇÕES NO MST

Para falar sobre as místicas do MST é necessário descrever minuciosamente alguns dos passos que possibilitaram, ao movimento, construir os atos místicos para sua militância. Desta forma, faz-se uma descrição das místicas para apontar os elementos que fazem parte desta construção cultural do MST.

Em linhas gerais, a mística é uma prática cultural do Movimento Sem Terra na qual se manifesta o trabalho que os camponeses realizam na terra; bem como, a forma como acontecem as ocupações de terras pelos trabalhadores sem-terra. Dito de outra forma, a mística, como prática cultural do MST, expressa o modo de vida dos camponeses e sua labuta para cultivar a terra.

Neste sentido, as místicas têm um papel fundamental, pois, ao veicular a tradição camponesa, mobilizam os sujeitos para a luta pela conquista da terra. A mística é uma celebração que foi sendo incorporada pelo MST ao longo dos anos e que tem sido articulada em diferentes espaços nos quais a militância da organização está presente. Assim, ela foi se constituindo como uma das práticas culturais do MST em que circulam a cultura e os valores sociais dos trabalhadores sem-terra.

1.1 Razão existencial da mística no MST: em busca de uma descrição densa

Buscamos, neste tópico, fazer uma descrição densa das místicas para apontar os principais motivos de elas aparecerem no Movimento Sem-Terra, isto é, qual a razão de estas manifestações existirem na militância do MST. Para isto, apontaremos os principais elementos que contribuíram para a difusão do ritual, e quais foram os fatores e as condições sociais que permitiram que o MST desenvolvesse a mística nos seus espaços de atuação. Além de descrever como elas são elaboradas pelos militantes e como são apresentadas para o povo sem terra.

A liderança religiosa ligada à Igreja Católica contribuiu para a fundação do MST, a partir do ensinamento do sagrado, e isto fortaleceu a luta pela terra no Brasil. Por outro lado, alguns movimentos sociais e partidos políticos foram responsáveis pela formação do caráter político da organização dos sem-terra. É o que esclarece Coelho (2010, p.305): “na origem,

nos anos 70, o MST esteve associado à CPT (Comissão Pastoral da Terra). Nos anos 80 passou a contar com dirigentes ligados à CUT e ao PT, e a fundamentar seu projeto no socialismo marxista”. Diante disso, é possível dizer que o Movimento Sem Terra se apropriou das experiências de enfrentamentos de várias organizações sociais⁴ para superar os desafios colocados pela sociedade.

Assim, os grupos progressistas ligados à Igreja Católica estabeleceram contato com o MST e isto contribuiu para que o movimento desenvolvesse algumas práticas culturais. A manifestação que recebe o nome de ‘mística’ surgiu na Igreja Católica e posteriormente passou a ser praticada por algumas organizações sociais ligadas à instituição católica. Como pode ser confirmado por Coelho (2010, p.106), quando o mesmo argumenta que “foi possível encontrar práticas no MST que eram desenvolvidas, a princípio, especialmente pela CPT, no trabalho com os sujeitos sem-terra. Uma dessas práticas é chamada de *mística*, [...]”. Isto nos permite dizer que, mesmo que o MST tenha se apropriado da prática da mística, atribuindo a ela os mesmos sentidos que a CPT⁵ atribuía, ela já não é mais a mesma, pois o processo de luta pela terra e as condições de enfrentamento social mudaram ao longo dos anos no MST.

Existem indícios de que a mística se constituiu como uma atividade cultural que foi praticada por algumas organizações sociais, como é o caso da CPT. De modo que o ritual teve influência da Teologia da Libertação na sua constituição. Porém, não devemos limitar nossa reflexão somente a este ponto, já que ela pode ter surgido antes da Teologia da Libertação. Seria o caso de pensarmos que a mística surgiu desde, ou antes, mesmo das lutas messiânicas. Para Barreto (2003, p.7), “a forma de organização destes movimentos messiânicos até os grupos de cangaceiros demarcavam os espaços políticos da revolta camponesa. Era consequência do cerco à terra e à vida”. Mas adiante a mesma autora diz que “[...] em Canudos e em diversos outros movimentos messiânicos que ocorreram no Brasil, os camponeses foram destruídos. Foram movimentos populares que acreditaram na construção de uma organização em oposição à república dos coronéis, da terra do latifúndio e da miséria”. O fato é que as lutas messiânicas tiveram um papel significativo na constituição das lutas de hoje, isto porque, quem liderou as lutas deixou um legado, como é o caso de Antonio Conselheiro, que se tornou o líder do arraial de Canudos e, por conta disto, conseguiu atrair

⁴ Além da CPT e da CUT, outros movimentos foram essenciais para o MST, como: o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MÁSTER), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e as Ligas Camponesas, entre outros.

⁵ Comissão Pastoral da Terra (CPT).

milhares de pessoas, que andavam em peregrinação no nordeste com a esperança de chegar à terra liberta. Diante disto, ele teve um papel importante na constituição da luta pela terra. Mas, com o tempo a luta passou a ter um caráter marxista e pretensamente revolucionário. Isto pode ter contribuído para um caráter específico do ritual místico praticado cotidianamente pelo MST.

O Movimento Sem Terra se apropriou da mística para desenvolver celebrações a fim de significar a luta pela terra e motivar os sujeitos. De acordo com Sampaio (2002), nas místicas existe uma fé que é alicerçada por duas vertentes: a cristã e a socialista-marxista. É nesta perspectiva que o MST vem mostrando, por meio das místicas, os momentos mais marcantes durante sua trajetória de resistência social. Além disso, a mística tem possibilitado relembrar os feitos de muitas pessoas que atuaram em prol da luta pela transformação da distribuição da riqueza, em especial da terra. Conforme Sampaio esclarece:

As celebrações são sempre enquadradas pelos grandes retratos de lutadores do povo. Aqui explode o sincretismo da mística dos sem-terra: Marighela, o líder comunista guerrilheiro, figura ao lado de Paulo Freire, o revolucionário pedagogo católico; Rosa de Luxemburgo junto com Madre Cristina, freira católica; Florestan Fernandes, sofisticado intelectual marxista, vizinho ao Padre Josimo, cura do sertão, assassinado pelos jagunços do latifúndio; Carlos Marx ao lado de Jesus Cristo. (2002, p.3).

É comum existir momentos na mística em que o sincretismo aparece por meio das ações dos participantes, em particular quando o ritual relembra nomes de pessoas que fizeram parte da luta do MST, pois estas servem de exemplo para a luta da organização. Sampaio (2002, p.2) menciona outra base que dá suporte para a mística acontecer frequentemente. Segundo ele, “a base da mística do MST é essa cultura da população rural do país. É na força telúrica dessa população que o movimento alicerça sua fé na possibilidade de mudança e extrai os valores, os sentimentos, as intuições que alimentam a sua mística”. É por isso que o movimento passou a privilegiar suas práticas culturais, já que elas expressam a essência das pessoas que estavam, e que ainda estão, inseridas na luta pela terra no Brasil e no mundo. Além disso, manifesta a objetividade sobre o modo de vida das pessoas pobres, isto é, mostra a desigualdade social que existe no mundo e como algumas pessoas lutam para que ela permaneça, visto que precisam manter a estrutura social em que vivem.

A mística surgiu para desvelar as injustiças cometidas a qualquer pessoa, apontando como e porque os sujeitos são alienados na sociedade. Isto permite que as pessoas entendam

sua condição social por meio das linguagens⁶ que circulam nas místicas. Conforme Sampaio apresenta, que

Em todas essas manifestações resplandece a fé nas grandes transformações, no homem novo, no mundo regido pela consciência social. É esta mística que questiona uma humanidade domesticada e aviltada pela submissão a uma ordem capitalista desumanizadora, contudo aceita como inelutável. (2002, p.1).

O traço religioso que a mística do MST traz em sua manifestação perpassa pela fé de um dia construir um novo mundo, onde as pessoas possam viver melhor. Neste sentido, ela desenvolve um caráter político, por propagar interesses de uma classe social, a classe trabalhadora, o que caracteriza a ideologia da organização dos sem-terra. Neste sentido, Souza esclarece a origem da mística e sua função no MST, enfatizando que:

É evidente o lastro religioso da mística, que no princípio ocorria sob a tutela da Igreja Católica, cujas Comunidades Eclesiais de Base e pastorais sociais foram uma das principais motivadoras do MST. Contudo, com a separação formal da organização com a Igreja, a mística, nos últimos anos, tem se distanciado de uma representação religiosa messiânica sobre o mundo. Acreditamos que esse processo de distanciamento tem favorecido formas de representação da realidade preocupadas com o desnudamento do conflito entre as classes sociais, contribuindo, esteticamente, para ampliar a consciência dos militantes sobre seu papel histórico. [...] Antes precisamos compreender historicamente as articulações que geraram essa forma de representação das idéias e valores do movimento, o que nos obriga a debater as relações entre o marxismo e a religião, dois polos da Teologia da Libertação. (2012, p.52).

De modo geral, a mística surgiu por meio das atividades desenvolvidas pela Igreja Católica, e, por isso, nela se cultiva a fé e a espiritualidade de devoção, de amor à vida e o respeito às pessoas que passaram por este mundo, principalmente pelas que deixaram ensinamentos para a geração presente. Desta forma, a igreja contribuiu com o aspecto misterioso da mística; por outro lado, os grupos progressistas e as organizações sociais ajudaram o MST a pensar e repensar a política e a ideologia que se manifestam no ritual. Uma das influências foi a da Teologia da Libertação, presente nas instâncias da Igreja Católica, que desempenhou o papel de representação dos propósitos e valores sociais que deveriam ser seguidos pelo MST. Souza (2012, p.53) esclarece que “o trabalho de fiéis e padres católicos

⁶ A discussão sobre as linguagens será tratada no capítulo 3.

na reorganização das lutas sociais no Brasil conecta-se à práxis da Teologia da Libertação, que no início da década de 1960 vivenciou uma forte disseminação por toda a América Latina”. Isto possibilita entender que a Teologia da Libertação constituiu um dispositivo revolucionário que a Igreja Católica desenvolveu diante do contexto social da luta pela terra.

A partir da Teologia da Libertação veio à aparição do marxismo e da religião na mística, e isto possibilitou que ela tivesse um caráter político, por representar as ações e os ideais das pessoas engajadas na luta do Movimento Sem Terra. Por meio dela são apresentados os conflitos e os valores sociais que fazem parte da trajetória de luta pela terra do MST. Para Souza (2012, p.84), “as transformações históricas são acompanhadas pelas manifestações estéticas das místicas e a posição social desses trabalhadores em luta, motivados por uma práxis transformadora, ganham relevo nas apresentações”. Isto posto, a mística reforça os aspectos culturais do grupo, definindo os valores sociais e sua luta pela liberdade.

A Teologia da Libertação é uma corrente do cristianismo e traz ensinamentos para o povo, ensinando-o a lutar pelo seu direito de posse da terra. Decerto que esta prática de luta, por meio da Teologia da Libertação, promovia a mudança espiritual dos sujeitos engajados na luta. Provavelmente a energia que as pessoas possuíam para lutar vinha da Teologia da Libertação, visto que ela possibilitava, aos sujeitos, formar uma consciência para os princípios de libertação do povo.

O MST, assim como outros movimentos sociais que estiveram ligados à Igreja Católica, manteve-se, por muito tempo, sob a influência do catolicismo. Na medida em que o movimento foi se distanciando das leis da igreja, a mística sofreu mudanças em sua forma de representação. Isto é, mudou a maneira com ela era conduzida nas manifestações e, com isso, ela passou a focar outra dimensão social que faz parte da vida das pessoas pobres. A partir de então a mística do MST começou a ser voltada para o lado estético, para representar a realidade que as pessoas viviam e vivem hoje. Conforme Souza apresenta,

Com a evidente diminuição da influência da Teologia da Libertação no cotidiano dos Sem Terra, a mística, buscando se distanciar das noções acentuadamente metafísicas dadas pelos setores conservadores que penetram suas bases, tem se voltado para representações cercadas de simbologias mais próximas de um reflexo estético da realidade. (SOUZA, 2012, p.57).

Assim, a mística do MST começou a desenvolver uma representação de cunho político e de protesto, a partir do qual foi possível perceber o lado estético que passou a fazer parte do ritual. A dimensão estética que aparece na mística recebe influência do cristianismo e está apoiada nas lutas messiânicas pela terra, com inspiração nas lutas europeias, berço da criação de movimentos socialistas, sendo que vários movimentos sociais se apropriaram deste legado. Os sentidos que foram contruídos ao longo das lutas sociais possibilitaram a constituição da produção estética dos movimentos socialistas, que são os elementos que circulam nos rituais, nas práticas culturais, no cotidiano dos sujeitos ligados à organização social.

Embora se enfatize que a Teologia da Libertação teve um papel importante na constituição do MST e da mística, vale ressaltar que a tradição estética anticapitalista presente no ritual desenvolvido pelo movimento tem uma raiz, como mencionado, ligada às lutas messiânicas pela terra até a influência das lutas de movimentos, partidos socialistas e comunistas europeus. Isto possibilitou a constituição da dimensão política da produção estética que circula nas místicas do MST. Deste modo, a mística aparece como uma síntese do processo revolucionário construído pelas lutas sociais historicamente, e, por isso, ela manifesta a produção simbólica que as lutas socialistas construíram.

Os sentidos e significados que circulam nas místicas estão presentes nos objetos e nas ferramentas que os operários e camponeses usam para tirar seu sustento e de sua família. Os objetos e ferramentas mais comuns nos espaços de luta ligados a esta dimensão estética são: a cor vermelha, o martelo, a foice e o facão, sendo que para cada deles existem significados, que fazem referência ao contexto social de luta. Neste sentido, o MST se apropriou dos elementos desta estética política de movimentos de caráter socialista para fortalecer a luta pela mudança social. Isto tem tido visibilidade nas místicas do movimento, que incorporam os significados para trazer a visão revolucionária para os espaços do movimento. Portanto, a própria bandeira do Movimento Sem Terra, nas cores vermelha, branca, verde e preta, enfatiza o legado revolucionário, já que expressa o significado da luta do MST.

Os elementos trazidos para a mística fazem parte da cultura da organização. Sampaio (2002, p.2) esclarece que “toda mística expressa-se numa liturgia, ou seja, numa linguagem de símbolos que une a palavra ao gesto. Cada liturgia é uma estética que traduz a visão transfigurada do mundo, “resgate de um drama que conhecerá um fim bom”. Desta forma, a mística leva as pessoas a viverem o não-cotidiano, isto é, aquilo que elas não estão acostumadas a vivenciar – por exemplo, um sonho dos trabalhadores que ainda não foi

possível ser realizado pode ser idealizado através da mística. Vale ressaltar que a mística surge na intenção de motivar os desejos das pessoas que compartilham da mesma esperança.

O papel da mística é variado, mas faz parte de um processo de fazer-se, torna-se coletivo com unidade e identidade do MST e das pessoas que dele participam nas circunstâncias de enfrentamento e resistência com o latifúndio e o Estado, nestas duas décadas de existência. A formação de grupos, equipes, coletivos, setores, brigadas, para a realização de atividades e resolução das questões do Movimento fez e faz com que as pessoas encarnem a mística de participarem do Movimento. E o Movimento ao estar encarnado nesta mística de participação se faz *presente ao seu próprio fazer-se*. (CASTRO, 2005, p.24).

A necessidade de vivenciar a mística está no próprio princípio da organização do MST, ou seja, entende-se que todos os sujeitos que participam da luta precisam dela para compreender sua realidade. É por meio da mística que os militantes fazem as mudanças em seu meio social e também na vida de muitas pessoas. De certa forma o envolvimento das pessoas nas atividades culturais do MST, tem possibilitado elas se apropriarem de técnicas de como tocar uma música, de como realizar uma dança ou de como recitar uma poesia. Estes conhecimentos que são articulados nas místicas têm muito a contribuir para as ações de protesto dos militantes, principalmente porque elas abrangem os elementos que fazem parte da cultura dos sem-terra. E isto tem contribuído para formação da consciência dos sujeitos que estão engajados na luta. É por essa razão que Bogo (2000, p.7) afirma que

Cada vez mais a cultura se tomará consciência, porque tudo o que fazemos e sentimos constituirá a existência de nossa organização. Assim a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística, enfim, tudo o que existe ou acontece no assentamento é a cultura dos trabalhadores sem-terra, que se manifesta e transforma-se em consciência social na medida em que as pessoas passam a repetir tais manifestações de forma consciente e se preocupam em desenvolver aspectos para aperfeiçoar a construção da existência social nas áreas de reforma agrária.

Neste sentido, a mística é um ato que incorpora a cultura do MST, que provoca, no outro, um discurso que vai sendo construído e transformado. O termo cultura pode ser entendido por meio da abordagem antropológica, ou sociológica, por isso, recorreremos à discussão realizada por Williams, quando este autor diz que:

[...] no uso mais geral, houve grande desenvolvimento do sentido de “cultura” como cultivo ativo da mente. Podemos distinguir uma gama de significados desde (i) *um estado mental desenvolvido* – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) *os processos desse desenvolvimento* – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até (iii) *os meios desses processos* – como em cultura considerada como “artes” e “o trabalho intelectual do homem”. Em nossa época, (iii) é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste, muitas vezes desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “o modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social. (WILLIAMS, 2000, p.11).

‘O modo de vida global’ pode ser visto como o principal conceito de cultura definido por Williams (2000). É por meio deste conceito que nos possibilitou perceber que as místicas do MST possibilitam uma representação do modo de vida dos camponeses que lutam pela reforma agrária no Brasil. Diante disto, a cultura que existe e que circula na organização dos sem terra passa a articular os saberes que devem ser manifestados nos rituais para levar as pessoas a uma conscientização política. Além deste autor, encontramos outra definição de cultura abordada por Geertz (1989, p.4), quando este autor diz que, “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise [...]”. Isto tem possibilitado dizer que os sujeitos ligados ao movimento sem terra contribuem para constituição de uma cultura do MST.

Esta constatação nos levou ao seguinte questionamento: a mística é de responsabilidade de quem? E como elas acontecem? Tais questionamentos nos levaram à busca do entendimento de como se dá o processo de preparação das místicas pelos militantes. Embora a mística tenha uma característica particular, uma vez que pode surgir entre os militantes de forma preparada, há o lado do acontecimento místico, pois elas acontecem com objetivos específicos – como o de mobilizar os trabalhadores sem-terra para participar das marchas, das ocupações de terras e de estradas.

Para a mística surgir não é necessário seguir técnicas específicas das artes cênicas, mas elas ajudam na apresentação do ritual, isto porque não existe uma receita para fazer ou elaborar uma mística. Neste sentido, Bogo (2002) diz que, “[...] a mística é um mistério”. Vale ressaltar que o sentido de mistério não está associado ao religioso, embora tenha tido ligação com a religião. O mistério que permeia a mística aponta para a perspectiva revolucionária, já que parte da ideia de que uma realidade pode ser transformada. Portanto, a mística traz a memória para projetar o futuro. Desta forma, o mistério da mística é a

construção da dialética que leva os sujeitos reviver o passado e projetar o futuro, já que o futuro não é algo dado, por isso, a necessidade da luta para mudar a realidade social. Neste sentido, o ritual místico traz uma perspectiva revolucionária. Dito isto, é possível perceber que a mística tem uma dimensão que provoca, que faz os sujeitos pensarem, cobrarem uma postura política dos sujeitos sem-terra (informação verbal)⁷. Além disso, a mística não tem uma forma fixa, pois ela acontece de diversas maneiras, mas não deixa de conservar o lado misterioso e estético nas apresentações dos participantes.

A mística, quando não se fixa somente ao elemento transcendental, mágico, utiliza essa herança (no sentido de conservação dialética, como apontamos) para explicitar uma condição particular dos trabalhadores sem-terra por meio da tipicidade de suas representações, a humanidade passa a se auto-conhecer, aí centrando seu papel pedagógico como objetivação estética enriquecedora do gênero humano. Evidente que nem todas as místicas seguem essa forma, há aquelas que são executadas de forma meramente utilitária, exaltando a colheita e o trabalho diário no campo, que até motivam os militantes, mas sem capacidade de gerar a unidade entre fenômeno e essência apontada por Lukács. (SOUZA, 2012, p.78).

É evidente a presença de uma dialética na mística, pois ela incorpora o passado e projeta o futuro. Isto possibilita, aos sujeitos, reviver as memórias do passado para dialogar com as lutas sociais do presente. Também se vê que na mística não existe uma forma fixa para o ritual, pois é dependendo da situação e da atividade que ela é pensada. Diante disso, para entender a mística é necessário vivenciar uma experiência na própria mística, no cotidiano da luta dos trabalhadores rurais sem-terra. Tendo em vista isto, descrevemos, a seguir, como acontece uma mística⁸ desde a sua preparação.

O caminho para descrição da mística começou com o trabalho de campo, a partir das viagens aos assentamentos do MST, as quais nos possibilitaram conhecê-las melhor. Uma delas se tornou fundamental nessa trajetória, por conta de ter surgido acontecimentos que ficaram em nossa memória e por ter sido o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa e com o ritual a ser analisado. A experiência foi fundamental para que pudéssemos realizar uma análise das místicas do Movimento Sem-Terra.

⁷ Informação fornecida por Rafael Villas Bôas na defesa desta Dissertação, em Goiânia, em novembro de 2014.

⁸ O relato se trata da mística que aconteceu na “Jornada de luta do assentamento Palmares”, onde foi presenciado o ritual, além dessa mística foram observadas as do congresso nacional do MST, entorno de cinco místicas. Elas serviram de base para elaboração desta dissertação, já que entendemos que a semana da Jornada de luta nos trouxe elementos suficientes para realiza uma análise das místicas do MST.

Em agosto de 2013 realizamos a primeira visita de campo ao assentamento Palmares II visando estabelecer contato com os trabalhadores sem-terra. Fizemos as viagens de campo utilizando uma motocicleta por este veículo facilitar o deslocamento de uma comunidade para outra, já que algumas delas não dispõem de estradas nenhuma. Durante a visita de campo ao assentamento Palmares II fomos surpreendidos por um ato de protesto na estrada que dá acesso à comunidade onde foi realizada a pesquisa (FOTOGRAFIA 1). Não estávamos esperando que o assentamento tivesse iniciado a jornada de luta do MST, o que nos surpreendeu e que, de certa forma, ajudou-nos na coleta de dados, pois os sujeitos a serem observados e entrevistados estavam reunidos naquele espaço. Tudo começou quando íamos para o assentamento Palmares, a poucos quilômetros da comunidade avistamos uma fila de carros, isto fez com que tivéssemos a curiosidade de saber o que estava acontecendo.

Aproximamo-nos de um motorista que supomos estar prestando serviço para empresa Vale do Rio Doce pelo fato de que o caminhão tinha o adesivo da mesma. Este comentou que a estrada estava fechada e que ninguém passava, não entrava nem saía da comunidade. Em um primeiro momento imaginamos que havia acontecido um acidente grave e que a estrada estaria fechada por este motivo. Mas, em seguida, outro motorista nos deu mais detalhes do que estava acontecendo: a rodovia fora fechada pelos militantes, assentados e participantes da luta do MST que residiam no assentamento Palmares II. Um dos motivos do protesto era porque o governo local não estava cumprindo os acordos políticos feitos com a comunidade anteriormente, no período de eleição.

FOTOGRAFIA 1 - Jornada de luta do Assentamento Palmares — ocupação da estrada que liga a cidade de Parauapebas (PA) ao assentamento



Fonte: Acervo do autor.

Na medida em que aproximávamos do local onde os trabalhadores estavam acampados na estrada, notamos a diversidade de elementos que fazem parte da cultura do MST – tais como: as bandeiras, as foices, os facões, sendo empunhadas pelas crianças, pelas mulheres e pelos homens que fazem parte do movimento. As pessoas se concentravam em pequenos grupos em volta de uma barricada feita de pneus e pedaços de árvores que impedia o tráfego dos carros. Quando nos aproximamos estabelecemos contato com os trabalhadores e com os militantes; para tanto, procuramos identificar na multidão alguém que já conhecíamos de outras atividades do MST.

A tática utilizada para a aproximação foi perguntar por alguns militantes do nosso círculo de amizade daquela comunidade, em particular pelos professores da escola daquela comunidade. O trabalhador abordado de imediato chamou uma professora que, para nossa surpresa, conhecíamos. Assim, ela nos convidou para participar do ato e, após alguns minutos de participação, a informação de que o fechamento da rodovia tinha sido para assegurar o cumprimento das promessas feitas pelo prefeito à comunidade foi confirmada. Informaram-nos que os alunos que moram nos lotes afastados da vila não estavam indo para a escola porque as estradas não estavam abertas, o que dificultava o tráfego de carros, principalmente do ônibus que levava as crianças à escola. Este foi um dos motivos que impulsionou a mobilização dos trabalhadores para garantir os acordos com o prefeito.

No local da ocupação da rodovia só se ouvia os trabalhadores falando que a estrada só seria liberada após o prefeito comparecer na comunidade Palmares II para negociar a liberação da estrada e os acordos políticos. Isto porque já que havia sido feito contato com os representantes do prefeito e nada tinha acontecido de concreto no assentamento. Em outras palavras, as reuniões com os representantes do prefeito não resolveram os problemas dos assentados.

Depois de duas horas de ocupação da estrada a polícia apareceu e pediu que os trabalhadores desocupassem a mesma. Porém, a decisão da comissão do assentamento foi a de montar acampamento até que o prefeito comparecesse no local para dialogar com os assentados sobre os problemas da comunidade. Além da visita dos policiais, os militantes receberam uma comissão de secretários do prefeito, mas a decisão dos assentados foi de permanecer no local até que o próprio prefeito fosse ao assentamento. Esta comissão informou aos militantes que o prefeito os receberia no gabinete no final daquela tarde, porém, os trabalhadores não aceitaram a proposta. Mantiveram-se firmes na decisão de esperar pelo

prefeito no local do protesto, pois por várias vezes foram ao gabinete e não foram atendidos. Agora queriam que o prefeito fosse ao assentamento, assim como fez várias vezes no período de campanha, quando pediu o voto dos assentados.

Após um dia de muitas reuniões e de tomada de decisões sobre o processo de mobilização do assentamento Palmares II, os trabalhadores optaram por montar um acampamento no acostamento da rodovia. No segundo dia de visita de campo os assentados se concentraram às sete horas na rodovia, juntando-se aos que passaram a noite no acampamento. Depois de alguns minutos ficamos sabendo que o prefeito havia marcado uma reunião com os assentados por volta das 12 horas na comunidade.

Enquanto permanecia um grupo de pessoas na estrada resistindo ao sol e ao cansaço – mas mesmo assim, animandos, já que eles tocavam violão, pandeiro e cantavam, na maioria das vezes coletivamente – saímos da ocupação junto com um grupo de militantes que ia organizar o espaço para recepcionar o prefeito e sua comissão de secretários. O espaço que os militantes escolheram para a assembléia foi a escola do assentamento.

Este espaço possibilitou vivenciar a primeira mística de visita de campo. Na escola mantivemos contato com as pessoas que preparariam a mística, assim como sua manifestação na assembléia. Dentro de poucos minutos os militantes organizaram o espaço de encontro dos assentados com o prefeito e, depois, dirigiram-se para uma das salas de aula para preparar a mística. Fomos ao encontro deles, já que havíamos conversado anteriormente sobre a importância de participar daquele momento.

Quando abrimos a sala, um grupo de oito militantes estava pensando a mística, organizados em círculo, alguns sentados nas mesas e outros em pé. Enquanto uma militante segurava um livro, outra tinha nas mãos um caderno e um lápis, do lado dela estavam os militantes que seguravam uma bandeira e alguns instrumentos musicais, como um atabaque e um violão (FOTOGRAFIA 2). Os sujeitos declamaram poemas de Patativa do Assaré, sendo mencionados ‘A reforma agrária é assim’ e a ‘Terra dos posseiros’; além do poema de Bertold Brecht, ‘Os dias de comuna’; e cantaram músicas de Maria Bethânia, como ‘A carta de amor’, para decidir qual a mais adequada para o momento. A conversa fluía no grupo, eles tomaram decisões para saber quem iria ler os poemas, quem poderia puxar a canção, assim como quem poderia desenvolver algum tipo de gesto durante a apresentação.

FOTOGRAFIA 2 – Preparação da mística na escola Crescendo na Prática, no Assentamento Palmares II



Fonte: Acervo do autor.

Os militantes não seguiam uma regra ou ordem, já que pensavam ora nos poemas, ora nas músicas, ora nos gestos que iriam fazer; mais parecia um jogo de vai e volta, indo de uma canção para outra e de um poema para outro, até a decisão do que poderia ser usado na apresentação. Na preparação da mística o debate entre os militantes é fundamental, visto que é manifestação de cunho político e ideológico do MST. Por isso, a escolha de cada elemento para a mística necessita de uma prévia discussão entre os sujeitos para se entender o motivo de cada instrumento e ferramenta presente na manifestação da mística.

Percebemos que os passos para a mística eram anotados em uma folha de papel de caderno por uma das militantes, isto possibilitou que os passos da mística fossem socializados com o grupo, apontando qual papel cada um ia assumir na manifestação. É por meio do círculo de debate que os militantes vão sugerindo os elementos que podem fazer parte da mística; e não basta só propor e necessário que o coletivo esteja de acordo com a sugestão. Em nenhum momento foi notado conflito entre os sujeitos, pois as ideias de todos foram bem aceitas; no entanto, eles tiveram que tirar algumas coisas para a mística não se estender por muito tempo. Para isto, refletiram antes para escolher o que seria viável para a manifestação da mística naquele momento.

Após os militantes considerarem a mística como pensada, ou seja, preparada, eles permaneceram em círculo e entoaram o hino da organização. Em seguida uma militante disse uma palavra de ordem: ‘Globalizamos a luta! Globalizamos a esperança’, e, assim, cumpriu-se o ritual de uma preparação de uma mística do MST.

Após finalizada a preparação nos dirigimos para o espaço da assembléia, onde uma multidão de pessoas aguardava a chegada do chefe do poder municipal de Parauapebas para começar a plenária com os assentados. Neste ambiente estavam presentes as crianças, os assentados e as pessoas que moravam em volta do assentamento.

Enquanto aguardavam o início da atividade, as pessoas conversavam a respeito da jornada de luta do assentamento, julgando ter sido positiva para a comunidade. A mística do MST começou quando o prefeito e sua comissão chegaram ao local da plenária, dando início com a entrada de um grupo de dez pessoas que surgiram de vários lugares, saindo do meio da multidão ao acaso, e que se dirigiam ao centro da sala. No centro da plenária, os militantes deram início à apresentação carregando ferramentas, livros, cartazes, a bandeira da organização e instrumentos musicais como o tambor, o violão e o pandeiro. Os participantes da mística se dirigiram com os instrumentos para o centro da plenária, à sua volta estavam os assentados, as pessoas que prestam serviço para a prefeitura e o prefeito. Os militantes recitaram as estrofes de um poema de Pátativa do Assaré⁹, um após o outro, e, quando o poema foi finalizado, outro participante iniciou uma música de Maria Bethânia, que foi cantada coletivamente, com a participação de todos os assentados presentes. Utilizamos um trecho de uma das entrevistas para apontar quem participou desta mística do MST.

As pessoas, elas são os sujeitos principais (da mística), talvez, os protagonistas para mística: as pessoas, os sentimentos e os símbolos. Além dos mais principais que são esses: os sujeitos que vão se envolver no momento de apresentação ou em outras atividades de expressão mais popular ou atividade ou ação em fim, mas são as pessoas os principais, depois os símbolos do próprio movimento: a bandeira, as ferramentas, as produções, o conhecimento, os livros e essas coisas que vão ajudando. (...) Existe, isso vai depender do que nós queremos tratar na mística e as coisas vão incorporando de acordo com a necessidade. (Trecho da entrevista/Ivagno).

Os principais protagonistas das místicas são as pessoas, segundo o entrevistado, e é por isso que as ações que os sujeitos desenvolvem são importantes para o caráter político e ideológico que o MST passou a apoiar por meio de sua luta pela terra. Além disso, as pessoas selecionam os símbolos do MST para realização da mística, sendo que em cada espaço podem ser selecionados novos elementos simbólicos para o ritual.

⁹ Os poemas e as canções podem ser encontrados no capítulo 3, já que é realizado uma discussão sobre as linguagens que circulam nos rituais místicos do MST.

Voltando à descrição da mística, à medida que os militantes recitavam o poema e cantavam a música, os mesmos faziam gestos, empunhando o braço para cima, batendo palmas e circulavam de um lado para outro na sala da plenária (FOTOGRAFIA 3). Após o término da música, os militantes participantes da mística se colocaram um ao lado do outro e entoaram o hino da organização, que também foi cantado por todos os militantes e assentados presentes. Durante o hino faziam gestos de levantar o braço, levando o punho esquerdo acima da cabeça e mantendo o corpo reto o tempo todo.

FOTOGRAFIA 3 – A mística de abertura da assembleia geral, na comunidade Palmares II, para discutir os problemas dos assentados



Fonte: Acervo do autor.

O hino foi cantado coletivamente e depois um dos militantes que participavam do ritual puxou duas palavras de ordem: ‘M-S-T: a luta pra valer’ e ‘Cansado? Não! Na luta do povo ninguém se cansa’. Depois das palavras de ordem o público aplaudiu, um militante assumiu a palavra para conduzir a atividade dali em diante e, em seguida, chamou as pessoas para compor a banca de debate.

É por meio da mística que os militantes revelam os conflitos que enfrentaram e que ainda enfrentam. Tais como: os embates ideológicos existentes com os fazendeiros, com o poder judiciário, com as empresas que estabelecem uma grande influência no Estado do Pará – como é o caso da Vale do Rio Doce, além da polícia e da mídia local. Neste sentido, podemos dizer que a mística do MST recupera os elementos do cotidiano dos sujeitos sem-terra, isto implica dizer que o ritual traz a história de vida das pessoas que mora no campo.

É por esta razão que é possível perceber que os militantes vivenciam os momentos que tiveram nas ocupações das fazendas, os momentos de marchas que foram realizadas para

pressionar o poder público. Em outras palavras, as místicas, na maioria das vezes, são realizadas para visualizar como os sujeitos lidam com a terra, como acontecem as ocupações das fazendas e das estradas, sendo frisada a importância de desenvolver o contexto da luta pela democracia. E isto ajudou a fomentar os debates sobre a reforma agrária.

O processo de luta do MST pela terra e pela democratização da riqueza no Estado do Pará tem incomodado muitas pessoas inseridas no governo e nas outras estruturas sociais que têm o poder de controlar parte da riqueza do Estado. Como se não bastasse ter que lidar com as dificuldades de propor uma transformação social em que as pessoas tenham os mesmos direitos de ter acesso à terra, à moradia, ao crédito para investir na agricultura familiar, entre outros, o MST ainda tem que enfrentar os meios de comunicação e a polícia.

Os militantes buscam o diálogo com o poder público e com os fazendeiros procurando discutir a distribuição das riquezas que pertencem ao povo, mas nem sempre isto tem acontecido de maneira amigável. Muitas vezes não há diálogo entre sem-terra, fazendeiros e governantes do Estado do Pará. A falta de diálogo entre as esferas sociais da sociedade contribui para acontecimentos que são chamados de barbáries, como é o caso daquele que ficou conhecido como ‘Massacre de Eldorado dos Carajás’, que aconteceu em 1996, em uma localidade denominada ‘curva do S’, na cidade de Eldorado dos Carajás (PA), quando 19 trabalhadores morreram e vários ficaram feridos.

Além das visitas de campo, que nos dão uma dimensão de como acontece uma mística no MST, podemos observar, também nas entrevistas, como acontece uma mística, a partir da experiência dos militantes. Para demonstrar isto usaremos um trecho longo de uma das entrevistas na qual se percebe como a mística motivou a entrevistada a se tornar uma militante do MST.

Por alguns meses trabalhei voluntária como alfabetizadora, até porque tinha que fazer os estágios do magistério. Foi por meio dessa possibilidade que me indicaram para monitora. No período morava na roça e não na vila, tive que vir para vila por conta desse trabalho de alfabetização, este foi o meu retorno, quando comecei a participar de oficinas e tudo mais. Quando terminou o projeto as turmas fecharam, mas estava concluindo o magistério. Fiquei o período que restava para concluir o magistério sem trabalho e sem nada, até que surgiu a oportunidade para contribuir na ciranda infantil, fui trabalhar na ciranda como educadora e lá nós fazíamos místicas, fazíamos atividades com as crianças. Assim, falo que essa mística foi primordial para mim, porque estar na ciranda, foi primordial por que assim, foi uma mística que fizeram para mim quando eu ia retornar para assentamento, me deparei com alguém me pegando no quarto rapidamente, me chamando para que corresse rápido e tal, foi quando levantei do jeito que... Levantei e quando cheguei à parte

de baixo da casa estava um círculo muito bonito, tudo bem organizado e as pessoas cantava uma música, aquela ‘amigo é coisa para se aguardar do lado esquerdo do peito’, assim, aquela coisa muito bonita mesma, o sol e todo mundo em círculo contado a música e o Gustavo com a bandeira do MST, depois da música eles me agradeceu pelo trabalho prestado na ciranda e tudo mais. Naquele momento ele fez a fala me agradecendo o período que passei no curso contribuindo na ciranda e tal, depois ele me deu aquela bandeira. Assim, aquela mística mexeu e mexe comigo até hoje, aquilo foi mágico (se emociona), assim, não precisou de poema e nem de algo grande, estava simplesmente todo mundo em círculo de mão dado ouvindo uma música e se abraçaram e o Gustavo foi que fez a fala e me entregou a bandeira, então, ali eu decidi, falei – ‘quero fazer parte desse movimento’. Por isso, que sempre falo que foi o momento que me tornei uma sem-terra, não da condição da terra, mas da condição do movimento social. (Trecho da entrevista/Clívia).

A partir do trecho da entrevista acima se pode visualizar como acontecem as místicas do MST e o efeito que elas exercem sobre a vida das pessoas inseridas na organização. Pode-se dizer que é por meio da mística que se conhece a cultura do MST, além de ser possível compreender as mudanças sociais que os membros da organização articulam e também o modo como os sujeitos se organizam e como ela constitui sua própria identidade. Neste sentido, a manifestação da mística reforça a identidade dos militantes; também, mostra a posição que as pessoas assumem em relação ao que está acontecendo em seu meio social. É pensando na identidade forjada na luta que Hall diz que

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem nunca, ser ajustadas [...] aos processos de sujeito que são nelas investidos. (2000, p.112).

Nas místicas aparece o modo de vida das pessoas, ou seja, como as mesmas vivem no campo e como lidam com a terra, portanto, as identidades forjadas através da vida na terra perpassam as manifestações apresentadas pelos participantes das místicas. Possivelmente a militância do MST sente a necessidade das místicas, principalmente de desenvolvê-las em seu cotidiano, pois elas se constituíram como dispositivos de mobilização dos sujeitos para a luta pela reforma agrária e para permanecer fiel a ela.

A partir da descrição dos principais aspectos que contribuíram para constituição do MST, o que o tornou uma organização social, é que passa a ser possível compreender como o mesmo levou a mística para os principais espaços em que o povo sem-terra frequenta. O ritual é manifestado pelos militantes em vários espaços, isto permite que ele seja realizado desde os lugares que são planejados para pequenas reuniões entre os militantes até os eventos maiores.

Para simplificar melhor o entendimento da mística, Sampaio (2002, p.3) ressalta onde e como as místicas do MST acontecem com mais frequência, além de apontar os instrumentos mais usados na celebração.

Reuniões, pequenas, grandes ou enormes, começam sempre com uma celebração. Ela será rápida nas reuniões pequenas, demorada e complexa nas grandes. Os elementos dessas celebrações são sempre os mesmos: terra, água, fogo, espigas de milho, cartilha de estudante, enxada, flor. As palavras são poucas. Poéticas e convincentes, resgatam os poetas populares e os grandes poetas brasileiros como Haroldo de Campos, Drumond de Andrade, Pedro Terra. O gestual é contido e significativo: o canto, o punho cerrado, indicando a indignação, a disposição de luta, a esperança. Canto puro dos trovadores populares, surgidos dos grotões do país, como Zé Pinto, Zé Cláudio, Marquinho, que se junta ao canto da mais fina flor dos artistas brasileiros: Chico Buarque, Tom Jobim, Caymmi, Milton Nascimento.

É comum as místicas acontecerem nas comunidades organizadas pelo MST, mais especificamente em espaços como: as assembléias, as reuniões de cooperativas ou associações. Elas acontecem também nas escolas dos acampamentos e assentamentos do movimento e nos centros de formação dos sujeitos. E ainda: nas Universidades que os militantes integram em todo o País, assim como nos congressos, nas marchas e mobilizações da organização. Isto porque a mística é uma celebração que está presente no MST e contribui para apresentar as circunstâncias e o contexto de luta dos trabalhadores sem-terra. Diante disto, existe o interesse de enfatizar o papel desta celebração no movimento e suas funções nos principais espaços em que a militância da organização está presente. Nestes espaços quem contribui para o aparecimento dos rituais são os militantes e, dependendo do lugar, eles têm o apoio dos acampados, assentados e das crianças, chamadas sem-terrinha¹⁰.

A partir das observações realizadas, e por meio das conversas informais com os militantes, notou-se que as místicas acontecem sem a necessidade de um palco. Em espaços como acampamento, assentamento, escola, cooperativa e congressos elas acontecem no centro do espaço em que serão realizados os debates. Raramente os eventos possuem um palco.

É possível perceber também que vários elementos são agregados à mística pelos militantes por entender que eles contribuirão para o caráter social do movimento, assim como para o fortalecimento da luta pela transformação social que as pessoas almejam. Daí a

¹⁰ Assim são chamados os filhos dos acampados e assentados ligados ao MST.

importância de falar das ferramentas, dos quadros dos mártires, dos poemas, das canções e dos gestos – o conjunto de símbolos e significados contidos nos objetos e que sistematizam o poder de formação de uma consciência dada ao povo sem-terra considerado oprimido.

A mística aparece a partir da necessidade de motivar as pessoas a lutar por seus direitos sociais. Por isso, os sujeitos praticantes das místicas sentem a necessidade de significar seus atos em nome de uma causa social. Os que não estão no ato místico como participantes ativos procuram significar as manifestações desenvolvidas nas místicas. A impressão que se tem sobre a mística pode ser verificada no trecho da entrevista do militante Messias, do MST-PA, compilada a seguir.

Assim, a mística já fala: é algo místico. Acho que algo que anima a luta, que dá essência para a luta. Através dos seus símbolos, de sua simbologia e da força que ela expressa, ela anima a luta e fortifica essa luta. Ela faz com que cada amanhecer seja diferente para o povo trabalhador.

Por vezes, a mística é vista por aqueles que não a conhecem como uma manifestação teatral, mas os seus participantes parecem lhe atribuir outros sentidos. Talvez a articulação da mística dentro dos espaços de sua militância e o sentido dado ao ato místico, através da relação mantida pelos sujeitos, deixe claro que ela não pode ser vista como uma manifestação teatral. Portanto, a ideia da mística como teatro não é sustentada, como se pode ver abaixo, no trecho da entrevista do militante Messias, em particular quando foi perguntado ao entrevistado se existia uma preparação para a mística.

Sim, acredito que não de forma muito preparada como se fosse igual ao teatro, mas de forma mais espontânea, pois, os elementos vão aparecendo no decorrer da mística. Porém, muita coisa é espontânea, vai aparecendo, pois, se pensa a mística e não se ensaia a mística. (Trecho da entrevista/Messias).

Assim, existe um impasse em relação ao entendimento da mística, pois há pessoas que a vêem como uma peça teatral, é o caso das que não tiveram nenhum vínculo com o movimento. No entanto, surgem indícios que a apontam como uma manifestação cultural que acontece de forma espontânea¹¹, conforme se pode perceber a partir do trecho citado da

¹¹ Este termo é usado pelos militantes para enfatizar que a mística acontece sem uma obrigação, pois as pessoas se organizam espontaneamente. Isto é, preparam e apresentam os rituais místicos porque sentem vontade e necessidade de dialogar com os trabalhadores sem-terra. Isto implica dizer que ninguém é obrigado a participar do ritual, pois as pessoas vão se propondo a fazer parte da construção das místicas por meio do desejo e da vontade própria.

entrevista. Assim também é a visão de Camilo e Brandão (2010, p.2): “a mística não é um teatro, é a representação de um fato ou acontecimento”. Do mesmo modo, as reflexões dos militantes do MST apontam as místicas como algo que faz parte da vida cotidiana das pessoas.

Embora alguns discursos de teóricos e de militantes apontem a mística como não sendo um teatro, não podemos ficar preso a esta ideia, pois ela traz uma teatralidade por ter sofrido influência das artes plásticas e das artes cênicas (FOTOGRAFIA 4). Isto, talvez, possibilitou que a mesma constituísse um novo caráter de representação da realidade dos sujeitos sem-terra.

FOTOGRAFIA 4 - Mística da regional amazônica, no VI Congresso Nacional do MST em Brasília (DF), fevereiro de 2014



Fonte: Acervo do autor.

Talvez a necessidade que o MST teve de nortear os princípios de luta da organização para cada momento da história tenha possibilitado a mudança das condições de luta desenvolvidas pelo movimento ao longo dos anos. Possivelmente isto fez surgir novas ferramentas, que foram sendo incorporadas ao longo das três décadas de luta e resistência da organização. Esta mudança é projetada na mística por meio de um trabalho que pode estar consolidado como estético. Mas, afirmar que existe algo de estético na mística do movimento requer uma abordagem sobre a estética, só assim, poderemos compreender o papel social do ritual místico na organização dos sujeitos sem terras. Do ponto de vista de Eagleton (1993), na obra ‘A Ideologia da Estética’ fundamenta que:

A estética é assim, desde o início, um conceito contraditório, de dupla entrada. Por um lado ela se apresenta como uma força emancipatória genuína – como uma comunidade de sujeitos agora ligada pelo impulso dos sentidos e o companheirismo, em lugar da lei heterônima; cada um

preservado na sua particularidade singular embora, ao mesmo tempo, integrado pela harmonia social. [...]. Por outro lado, a estética sinaliza para o que Max Horkheimer chamou de uma espécie de ‘repressão internalizada’, inserindo o poder social o mais profundamente no corpo daqueles a quem subjugava, operando assim como um modo extremamente eficaz de hegemonia política. Mas dar um significado novo aos prazeres e impulsos do corpo, mesmo que só com o propósito de colonizá-los ainda mais eficazmente, sempre coloca o risco de enfatizá-los ou intensificá-los para além de um controle possível. A estética como costume, sentimento, impulso espontâneo, pode conviver perfeitamente com a dominação política; porém esses fenômenos fazem fronteira, embaraçosamente, com a paixão, a imaginação, a sensualidade, que nem sempre são tão facilmente incorporáveis. (EAGLETON, 1993, p.27).

A partir do pensamento do autor acima, pode-se afirmar que, o discurso político que determinado grupo social constituiu historicamente revela uma estética, que de alguma forma contribui para afirmação ideológica de uma classe social. Neste sentido, o artifício estético presente na mística do movimento sem terra se representa por meio das experiências políticas, que fazem parte da cultura dos trabalhadores rurais sem-terra. Para abordar a dimensão estética presente na mística que Estevam (2007), argumentou que:

E, por mais complexa que seja a mística, uma das dimensões dela é a experiência estética, a sociabilidade que se dá mediada pela estética. Se é esta uma das experiências que diferenciam o Movimento dos Sem Terra, a mística é a dimensão estética da organização política. Todos os encontros, desde uma reunião, tudo você começa com uma mística e encerra com uma mística. Como é que a política não é algo só teórico, só abstrato, só no plano racional, um discurso retórico. É constituinte da experiência política do MST a experiência estética, a estetização da experiência política ou a vivência da análise política através da experiência estética. De certa forma, o que o coletivo de cultura desenvolve hoje é algo que já estava no início, talvez não com os conceitos que tem hoje, mas enquanto vivência, experiência, atividade real, prática. E, talvez, tenha dado a base para uma análise que extrapola o que foi visto em outros contextos da vida política. Acho que é, de fato, uma experiência política estética. (ESTEVAM, 2007, p.90).

A partir do pensamento do autor, é reforçado o surgimento de algo estético que está presente na mística, isto caracteriza o discurso do militante como algo político e estético, que é manifestado no ritual às experiências políticas que os sujeitos tiveram por meio do engajamento na luta do MST. Neste sentido, Estevam (2007), ressalta ainda que:

Há uma configuração estética de um imaginário, de uma ideologia, de todas estas experiências sociais, políticas, que a gente precisa compreender para o processo de organização. Isto é algo muito concreto na produção teatral, mas também da música, das artes plásticas e, também, extrapola a parte técnica,

digamos assim, da produção de uma obra de arte, para o conjunto de uma interpretação da realidade, uma forma de pensamento sobre o mundo. (ESTEVAM, 2007, p.91).

O aspecto estético na mística do movimento por ser percebido com o discurso constituído ideologicamente para motivar os trabalhadores para luta pelos seus direitos sociais, como a posse da terra etc.

Em sua realização a mística não apresenta características que permitam defini-la como algo profissional, isto é, não existem profissionais dedicados exclusivamente e preparados para realizar a mística do MST. Isto porque ela pode ser feita por qualquer pessoa envolvida no movimento que aprenda a lidar com os fatos históricos que fazem parte da vida dos trabalhadores rurais ligados ao MST. No trecho da entrevista abaixo é possível verificar quem são as pessoas que participam das místicas do movimento.

Todos os sujeitos que se envolvem no movimento participam das místicas, mas, no geral, acho que a juventude tem participado bastante, os estudantes, as crianças. Acho que eles têm tido uma participação mais efetiva nas místicas. (Trecho da entrevista/ Messias).

Percebemos que a mística, na maioria das vezes, é pensada por uma equipe de pessoas que está participando de uma atividade do MST e a equipe assume a tarefa de pensar e envolver outras pessoas no ritual. Isto pode ser verificado no trecho abaixo de uma das entrevistas.

Então, acontece de várias formas, não tem, por exemplo, um manual de dizer que a mística só se faz dessa forma, pois, tem mística que realmente se prepara, é lido o poema antes e fulano entra. Às vezes, vai dar uma passada na mística por ter tempo para você fazer isso. Por exemplo, a experiência que já tive é quando estava no curso de letras. Às vezes tínhamos a mística e tal, às vezes pensávamos a mística dentro do ônibus, porque o NB não tinha sentado. Mas nós sabíamos que fulano sabe de um poema e tal e outro uma música, então, vai montar, pois, pensava a mística dentro do ônibus na hora que ia para a universidade, pois, fazia ela às vezes sem ensaiar e saía bem mais empolgante e cumpria essa questão mesmo de acender a chama de que às vezes outras em que levava dias preparando ou elaborando. Acontece dessa forma também. (Trecho da entrevista/Clívia).

Não existem espaços específicos para a realização das místicas do MST, pois sua organização depende do momento e da necessidade e, então, os sujeitos se reúnem para planejar o ritual. No decorrer das análises das entrevistas dos militantes do movimento percebemos que as místicas têm dois níveis de apresentação: as que acontecem nos

congressos do movimento e as que acontecem nos acampamentos, assentamentos ou reuniões dos militantes.

As místicas do congresso são pensadas especificamente para os eventos que estão por acontecer, por isso os militantes têm certo tempo para planejar. As de reuniões de acampamentos e assentamentos são aquelas em que há pouco tempo para preparar; e, às vezes, estas são planejadas no momento do acontecimento, sem direito a mudanças. Como os militantes não seguem um roteiro para a apresentação, elas acontecem de forma espontânea, como se pode verificar pelo trecho citado da entrevista. Talvez seja por esta razão que a militante Clívia tenha afirmado que não existe um manual para fazer/realizar as místicas do MST.

A mística pode acontecer em todos os espaços em que a militância do MST está atuando. Existem espaços em que a mística é planejada com antecedência, como é o caso dos congressos nacionais do MST. Nesses espaços sua realização fica por conta dos representantes dos Estados brasileiros; a cada dia é apresentada uma mística por um representante específico. Nesses encontros se fazem presentes representantes de todas as localidades do país em que o movimento se encontra organizado.

Para entender como acontecem as místicas nos congressos do MST é que descrevemos as experiências de campo que tivemos no VI Congresso Nacional do MST, realizado em Brasília, em fevereiro de 2014. No evento presenciamos mais de quatro místicas, as quais foram realizadas durante o encontro dos militantes. É importante ressaltar que nosso interesse se restringe a descrever a mística que os militantes do Estado do Pará participaram (FOTOGRAFIA 5), apesar de considerar que as demais manifestações são importantes para as reflexões feitas nesta dissertação.

FOTOGRAFIA 5 – Mística da regional amazônica, no VI Congresso Nacional do MST em Brasília (DF), 2014



Fonte: Acervo do autor.

Ao participarmos como observador/pesquisador das atividades do MST em Brasília, percebemos a importância da ação coletiva para que as tarefas sejam realizadas pelo grupo. Essas atividades possibilitam, aos sujeitos de todos os Estados, que se reúnam e se conheçam, principalmente na realização das místicas. Em outras palavras, elas se tornam o dispositivo que integra as pessoas das mais diversas comunidades ligadas ao Movimento Sem Terra.

No congresso nacional do MST em Brasília as místicas foram pensadas pelos representantes dos Estados¹², sendo que, para cada dia de atividade foi realizada uma mística pelos representantes de uma grande região. Para fins de organização, no movimento os Estados são organizados por regionais. Assim, Pará, Maranhão e Tocantins constituíam a Regional Amazônica. Esta regional apresentou uma mística que trazia a trajetória dos trabalhadores na luta pela terra na Amazônia, assim, como o papel que cada trabalhador desenvolvia. Para isto, o grupo de militantes pensou nas ferramentas que caracterizam o trabalho que desenvolvem para tirar o sustento da família.

A mística da Regional Amazônica foi realizada no segundo dia de atividade dos militantes, mas, teve início no primeiro dia, com a preparação do ritual durante a noite, após as atividades da plenária. Na noite anterior à apresentação os militantes do Pará, junto com os do Maranhão e do Tocantins se encontraram no Ginásio Nilson Nelson, onde as atividades programadas estavam acontecendo. No momento de preparação do ritual havia pelo menos 40

¹² No Congresso do MST de 2014, os integrantes do movimento sem terra representavam, aproximadamente, vinte e três (23) estados brasileiros.

pessoas, entre eles dirigentes e militantes de base, que são os acampados e assentados ligados ao MST.

Na ocasião os dirigentes dos três Estados conduziram o planejamento da mística, dando sugestões para os sujeitos que estavam no espaço e contribuindo para a escolha de determinados elementos para apresentar na manifestação. É válido ressaltar que enquanto os sujeitos se reuniam no Ginásio Nilson Nelson para planejar a mística, no pátio do ginásio aconteciam festas nas barracas das regionais. No entanto, os militantes aparentemente se dedicavam ao momento da mística; isto é, naquele momento era mais importante a preparação da mística, embora as feiras das regionais e as festas também fossem consideradas momentos importantes para a interação social dos sujeitos.

A preparação da mística objetivou escolher um tema, assim como os poemas, as músicas e as pessoas que iriam recitar e/ou cantar as canções. Estas pessoas passariam a ter uma atividade programada para o dia seguinte. Decidido o tema e feita a indicação de quem ia recitar ou cantar, os demais membros desse grupo específico ficaram responsáveis pela ornamentação do espaço da plenária. O grupo esteve reunido até uma hora da manhã, o que levou os militantes a programar um ensaio para as cinco da manhã. E foi no momento do ensaio da mística que os militantes ficaram sabendo o papel que cada um iria desenvolver na manifestação, bem como eles iriam se caracterizar para a mística. Só então o grupo iniciou o ensaio, que durou uma hora.

Quando chegou o horário de começar a plenária, os portões foram abertos e os militantes entraram e se sentaram na arquibancada. Os que iriam participar da mística foram para trás do palco e ficaram lá até a hora da apresentação. Apesar de haver um palco, o espaço escolhido para realizar a mística foi a área à frente dele. Acreditamos que a escolha se deu por este espaço ser maior para os militantes realizarem as manifestações artísticas e culturais.

Na hora da apresentação os militantes saíram organizados em grupos. Havia os que levavam a bandeira do MST, os que empunhavam as foices e os facões, os que traziam balaios, varas de pesca, vasos, entre outros elementos. Os trajes dos militantes se diferenciavam de grupo para grupo: os que levavam as bandeiras estavam com blusas e camisas do movimento; os que traziam as ferramentas de trabalhos estavam de calça, chapéu e bota; e os que traziam os vasos estavam com saias longas. Além dos instrumentos que os militantes traziam nas mãos, a frente do palco estava ornamentada com vasos, balaio,

bandeiras, algumas foices, tambores e os monumentos que representavam o ‘Massacre de Eldorado do Carajás’.

O momento inicial, ao presenciar esta mística, foi de contemplação dos objetos e do cenário, depois viveram outras coisas que também nos chamaram atenção. O centro da plenária começou a ser povoado por grupos de pessoas que entraram caladas. Ao mesmo tempo um grupo entrava em fileira em direção aos guarda-chuvas colocados no piso do ginásio. Desta forma, as pessoas seguiam cada uma para o local determinado e, quando chegavam ao seu lugar, ficavam como se estivessem congeladas, isto é, imóveis. Os que estavam com as ferramentas as mantinham em punho, acima de suas cabeças, por exemplo.

Depois da entrada dos sujeitos uma militante começou a recitar uma poesia. Após a poesia os militantes começaram se mover novamente: pegaram as ferramentas que estavam no chão e começaram a se movimentar como se estivessem trabalhando, uns cortando cana ou capim, outros roçando com as foices, outros pescando ou caçando, outros carregando um pote na cabeça como se fosse água. Completando o quadro, do outro lado da plenária viam-se as pessoas movimentando as bandeiras da organização de um lado para o outro. Em certo momento surgiram pessoas com cartazes que estampavam palavras do contexto do MST, tais como ‘capitalismo’, enquanto era ouvido um som que representava o trem passando nas cidades, transportando minério, como acontece na ferrovia que corta o Pará e o Maranhão.

Em seguida começou a ser recitada uma poesia que se referia à extração do minério. A recitação foi dividida entre os militantes, ora eram vozes de mulheres, ora de homens, até que chegou um momento em que todas se fundiram em uma só. Em seguida as pessoas começaram a se movimentar mais devagar, até que teve início o cântico de uma música¹³ por uma militante. Neste momento várias pessoas, de pontos distintos, se dirigiram para centro da quadra para formar uma torre humana, de forma que uns tinham que subir nos ombros de seus colegas até ser recitado um poema. Depois as pessoas se uniram mais ainda e cantaram em uma única voz fazendo o gesto de empunhar o braço. Logo começou outra música. Os militantes jogaram sementes no chão e continuaram o movimento de antes, dando a entender que estava sendo festejada a luta dos trabalhadores da Amazônia e do mundo. Vale dizer que foram cantados apenas trechos das canções e não a letra toda.

¹³ Ver capítulo 3.

Depois disso, um cantor regional do Pará se apresentou no formato voz e violão. O mesmo encerrou a mística cantando o hino do movimento¹⁴ acompanhado pelos militantes da organização. Em seguida, um militante anunciou a palavra de ordem do congresso: ‘Lutar, por reforma agrária popular’. Assim, a mística foi encerrada pela palavra de ordem, seguida de palmas dos presentes no encontro. Após isto teve início uma atividade no palco com a presença de professores simpatizantes e de militante do MST.

Com esta experiência ficou clara a existência de dois tipos de místicas do MST que devem ser exploradas, isto porque as místicas dos congressos são diferentes das que acontecem em outros espaços. O que pode ser comprovado pelo trecho a seguir de uma das entrevistas realizadas.

Não assim, eu particularmente, nunca participei de um momento mais planejado digamos, pois teria que ter uma semana para poder apresentar enfim. Agora é claro para um cenário que nós precisamos ter que apresentar uma mística, ou por ser abertura de uma grande atividade. (Trecho da entrevista/Ivagno).

A mística usada em acampamento e em assentamento, que aparece espontaneamente na maioria das vezes, é aquela que utiliza vários elementos artísticos, como os gestos e as palavras de ordem. Estes conjuntos de artifícios culturais são expressos de tal forma pelos militantes que chega ao ponto de serem incorporados os valores e os costumes dos sujeitos em geral. As místicas dos congressos do MST articulam os mesmos elementos, mas de forma mais elaborada (FOTOGRAFIA 6), porque existe um tempo para serem pensadas.

FOTOGRAFIA 6 - Mística dos sem terra, no VI Congresso Nacional do MST em Brasília (DF), 2014



Fonte: Acervo do autor.

¹⁴ É feita uma análise do ‘Hino do MST’ no capítulo 3, na discussão sobre a música que circulam nas místicas do movimento.

É comum as pessoas que participam das atividades do MST se dividir em equipes, como de saúde, de infraestrutura, de registro/memória, de mística. A equipe de mística, por exemplo, tem a tarefa de pensar as místicas nos eventos específicos. Mas estas equipes não permanecem organizadas para outras atividades, em cada atividade são constituídas novas equipes, sendo que as pessoas mudam de equipe constantemente, embora existam aquelas que acabam se identificando mais com uma equipe do que com outras.

A manifestação da mística contribui para o processo de luta da organização. E, deste modo, desperta um significado, como mostra o trecho a seguir de uma entrevista.

Olha a mística para mim é uma das... Não sei se é manifestação, mas é um dos atos, uma das vivências do Movimento Sem-Terra mais importante. Talvez, até aqui ocupar a própria terra, que ocupar terra é uma mística, mas o que antecede, por exemplo, o ocupar a terra ele é tão importante quanto cortar o arame e está dentro que é essa mística, porque a mística para mim não se restringe, por exemplo, só a uma atividade, há tem um encontro e vamos fazer uma mística, vamos fazer uma apresentação algo para levantar, não, a mística dentro do Movimento Sem-Terra para mim é alimentar, é algo que alimenta um sonho, que alimenta a pertença da luta, que alimenta em você o desejo de lutar por algo melhor, por uma sociedade melhor, por uma escola melhor, para não utilizar esse termo sociedade que algo muito... Mas, por uma escola melhor, por uma comunidade, então, a mística para mim é essa chama que não se restringe só naquele momento. (Trecho da entrevista/Clívia).

Em síntese, o depoimento revela que a mística não se restringe ao momento de um acontecimento específico. Isto porque a mística está presente nas diversas ações que representam as práticas cotidianas dos sujeitos sem-terra; inclusive quando se manifestam por meio de uma apresentação. Em outras palavras, a mística pode acontecer desde a ocupação da terra, conforme foi definido no trecho da entrevista, assim como outras ações dos militantes do MST que servem para fortalecer a luta dos trabalhadores sem-terra. Possivelmente a mística surge com a intenção de apontar os caminhos que os militantes devem percorrer, assim como mostrar aqueles que já foram trilhados. Ela serve para celebrar o modo de vida dos sujeitos que estão na luta, seja os que passaram e deixaram um legado até os que estão construindo uma nova vida no campo. Neste sentido, a partir do trecho da entrevista da militante Clívia, podemos dizer que a mística não se resume a uma única coisa, pois ela é uma prática cultural, também uma manifestação, uma celebração, um ritual e uma ação coletiva.

Não é possível ver a mística sem pensar nos aspectos sociais, pois ela traz a história de luta dos camponeses, a realidade vivida pelos sem-terra. Assim como não dá para pensá-la sem considerar o hino, a bandeira da organização, o poema, a música, a artes cênicas e artes

plásticas. Sottilli (2010, p.21) diz que “os fatores sociais, políticos, históricos e cotidianos se relacionam aos fatores estéticos que compõem os elementos artísticos evocados na mística: poemas, músicas, teatro, artes visuais (cenários, vídeos, filmes, produção de figurinos, painéis, quadros etc.)”. É possível concordar com Sottilli por duas razões: a primeira pelo fato de a mística recuperar as experiências de luta dos sujeitos e representa-las na manifestação do ritual; a outra é que os elementos que aparecem no ritual são simbolizados por meio da natureza estética, o que ajuda motivar os sujeitos sem-terra a permanecer na luta pela democratização da terra.

A mística foi definida por Bogo (2002) como uma prática cultural do MST, e é por meio desta definição que se passa a compreender o caráter formativo que a mística tem desenvolvido historicamente. Isto porque a mística do MST traz representações do modo de vida das pessoas inseridas nas manifestações. Deste modo, ela tem o potencial de mover os sentimentos das pessoas, seus costumes e valores sociais. Na tentativa de chegar a uma compreensão sobre a definição comum da mística do MST é que se perguntou ao militante Ivagno o que é a mística do MST. Este disse que é preciso ter cuidado com a resposta, porque não existe um conceito pronto e acabado para a mística do movimento.

Cara a mística é difícil por que não há um conceito definido em relação a mística. Então, ela é uma prática há muitos anos no MST, praticamente desde a fundação do MST ela vem, ela foi se incorporando como uma necessidade de mover os militantes para essa luta pela reforma agrária, que é a bandeira principal pela democratização da terra, mas também por uma coisa muito mais utópico, coisa que mais abrangente que é essa luta pela transformação social, que é pelo modelo de sociedade. (Trecho da entrevista/Ivagno).

Existe certo cuidado quando os militantes se propõem a falar da mística, já que envolvem os segredos do ritual místico construído pelo povo sem-terra ao longo dos anos. No trecho da entrevistada Ivagno, a mística é articuladora da ideia de transformação social e, também, o instrumento que move os sujeitos para luta pela reforma agrária. Diante disto, a mística é constituída pela experiência social do sujeito na luta e que, de alguma forma, tende a expressar as bandeiras de luta da organização dos sem-terra.

No dizer de Bogo (2002, p.15), “os povos em luta descobrem a arte de repor as energias gastas através da mística e a continuarem através dela. Esta, como um líquido, umedece a consciência para que as sementes germinem”. Nesse sentido, é possível dizer que a mística se tornou, para a militância, uma ferramenta importante em sua luta pela terra.

Também ela tem a característica de manifestar um discurso para os sujeitos, principalmente aquele que está escondido nas entrelinhas da história, por isso os militantes desenvolvem a mística com tanta frequência. No trecho da entrevista da militante Jéssica ela fala sobre a importância da mística para o MST e para os militantes.

Para mim é muita coisa, acho que a mística dentro do MST ela tem muita importância, pois acho que se não fosse a mística... Porque ela dá um espírito mais animador para eu e para os outros companheiros. Particularmente, quando estou fazendo a mística me entrego totalmente, porque a mística é a aquilo de se doar, ela tem muito de lembrar os outros companheiros que já fizeram parte dessa luta, mas que tombaram, no entanto, continua forte a presença deles. Acho muito importante para nós, porque nos dá mais força para continuar na luta, nos dá mais ânimo, renova a nossa espiritualidade e nossa alma. Acho que é muito importante para nós, acho que, por exemplo, a gente trabalha muito com a nossa juventude a importância da mística, a importância dela para nós enquanto movimento, e porque não podemos deixar se perder a mística em todos os aspectos. (Trecho da entrevista/Jéssica).

Deste modo, nota-se que os sujeitos se animam para lutar por meio da mística, visto que ela serve como instrumento de denúncia, apontando os descasos do poder público com a população, entre outras coisas. Mais adiante ela desperta, nos militantes, a vontade de fazer a sua própria história. É por esta razão que ela se tornou tão importante para a luta do povo sem-terra; assim, a juventude tem se apropriado do ato místico para desenvolver sua intervenção na sociedade.

Nos encontros organizados pelo movimento as místicas tendem a acontecer a partir de uma sequência lógica, tendo como base a cultura dos sujeitos ligados à organização, visto que elas partem de um planejamento que possibilita a ação de representar a observação do contexto social de luta da organização. De certo que existe uma reflexão coletiva para realizar a mística, como uma sistematização da vida e do cotidiano dos trabalhadores ligados ao MST que nela se manifestam.

Tem uma preparação pelas pessoas, por exemplo, se nós estamos em um curso tem uma equipe que vai pensar a mística, que vai escolher os elementos: a música e se vai usar vídeo, quem vai ler o poema. Então, não aleatório, ela tem uma preparação prévia também, às vezes tem místicas que tem até ensaio antes para ver se vai ficar tudo bem na manifestação, pois não é uma coisa aleatória que acontece só em nós dizer vamos fazer a mística, pois tem uma preparação. (Trecho da entrevista/Débora).

Existe divergência nos discursos dos sujeitos ligados ao movimento: alguns afirmam a existência de uma preparação para as místicas, como vimos acima; já outros dizem que as místicas acontecem sem uma preparação, como se pode ver no trecho da entrevista abaixo.

Preparação é como estou te falando, ela é uma inspiração, nós não nos preparamos, nós não pensamos o próprio momento. E as pessoas que não é engajada na luta ela tem muita dificuldade de compreender isso, que é uma inspiração e nós precisamos estar inspirados, nós precisamos estar engajados no movimento e na luta para compreender o momento que nós estamos vivendo, assim, a mística flui naturalmente. (Trecho da entrevista/Poliana).

Embora uma parte da militância não assuma a existência de uma etapa de preparação das místicas, o que se acredita é que haja uma preparação que antecede a apresentação delas, já que os poemas e as músicas que costumam ser usadas são escolhidos de acordo com o estágio de enfrentamento vivido pelos militantes.

Nas atividades organizadas pelo movimento são realizadas oficinas de teatro, de música e de poesia. Elas, talvez, possam ajudar na manifestação das pessoas nas místicas do MST. É bom esclarecer que estas atividades não são realizadas necessariamente para ajudar nas manifestações das místicas do movimento, mas elas acabam sendo fundamentais para os rituais dos militantes. Pode acontecer de as oficinas citadas ajudarem os militantes que estão ingressando na organização. Por isso, a importância de se valorizar a arte no MST e de trazê-la para o cotidiano dos militantes e trabalhadores sem-terra.

A inserção de outras práticas culturais no MST pode levar à mudança do sentido e do significado da luta do movimento; também das manifestações dos militantes, como é o caso da mística, que passa ser o espaço de expansão da arte na organização. Por outro lado, a arte começa a surgir no MST, porém ainda tímida, porque existe o lado estético nas produções artísticas e o lado cultural da organização dos sem-terra. Conforme Sottilli apresentou que

A mística é afetada pela força da tradição estética que os elementos artísticos carregam em si mesmos, e tais elementos também são alterados pela tradição da mística que dá a eles uma nova leitura, um novo fôlego e sentido, atravessado pela perspectiva popular que está latente no seu interior. (2010, p.24).

A mística do MST é afetada pela tradição cultural do MST e por uma tradição estética a partir de elementos artísticos que circulam no movimento através das práticas culturais.

Neste sentido, pode-se ver a arte no MST por meio da mística. Entende-se a arte conforme Lefebvre (1980, p.17) define: “[...] como representação do mundo exterior, uma espécie de cópia, mas uma cópia à qual se admite, geralmente, que o artista acrescenta alguma coisa de si mesmo: é a “natureza vista através de um temperamento”.” Desta forma, representar o contexto social que os sujeitos sem terra vivem pode ser entendida como uma arte. Assim, a arte é a cópia representativa do modo de vida que os próprios sujeitos fazem de si mesmo.

O espaço em que a arte é trabalhada no movimento são as escolas dos acampamentos e assentamentos. Com o objetivo de trazer a história que os trabalhadores construíram com sua luta pela terra, outro espaço que é possível trabalhar com os elementos artísticos são as místicas da organização. Em razão disto, Bogo (1998, p.10) argumenta que:

No campo da arte desenvolvemos a parte musical, a recuperação de personalidades que servem como exemplo nas questões de comportamento, e desenvolvemos o teatro como forma de resgatar a história, além dos concursos e campeonatos na área do esporte e festivais da canção.

A partir do momento em que o MST se apropria da arte e a manifesta de múltiplas maneiras nos seus espaços, ela contribui para a educação ideológica dos militantes, como afirma Bogo (1998). Este autor ainda afirma que as manifestações culturais se tornaram uma expressão cultural do MST. Neste sentido, a arte deve estar a serviço do povo, por ser uma arma que dá poder para as pessoas se manifestarem e, com isso, reivindicar seus direitos sociais.

Do ponto de vista de Bogo (1998), a arte no MST passa a fazer parte da cultura dos sem-terra e, por isso, ela serviu e serve para a educação das pessoas inseridas no movimento. A organização dos sem-terra realiza diversas atividades culturais para formar os sujeitos. Nestas atividades as pessoas têm a possibilidade de se tornar conscientes de sua realidade, isto faz parte do princípio de uma cultura: a dos trabalhadores sem-terra que a construíram por meio das experiências de luta pela terra.

Voltamos a ressaltar que são predominantes para a realização da mística do MST as experiências vividas pelos participantes, tanto na vida no campo quanto nas bases do MST. Isto porque o MST construiu uma cultura, alicerçada nas experiências de movimentos sociais e das pessoas que se inseriram na organização dos sem-terra. É por meio disso que Bogo (1998, p.6) diz que a “cultura é a produção da vida social que se manifesta através do

trabalho, objetos, dos costumes, princípios, normas, valores, superstições, conhecimentos etc.”.

A mística como uma celebração que faz parte da vida social dos militantes pertence à cultura do MST, mais que isto, ela possibilita que os militantes articulem os principais elementos que faz parte da vida coletiva. Desta forma, o sentido e o significado da mística mudou ao longo dos anos, pois a vida que os sujeitos sem terra levam é dinâmica, já que passam por vários desafios para conquistar a posse da terra, e isto possibilita construir uma consciência social. Bogo (1998, p.10) esclarece que

[...] a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística, enfim tudo o que existe ou acontece no assentamento é a cultura dos trabalhadores sem-terra que se transforma em consciência social na medida em que as pessoas passam a repetir estas “criações” de forma consciente e se preocupam em desenvolver estes aspectos para aperfeiçoar a vida social.

Talvez a mística, por fazer parte da cultura do MST, expresse o ‘grau’ de conscientização dos participantes do ritual; por outro lado, ela ajuda no processo de conscientização dos trabalhadores sem-terra, assim como as demais atividades da organização. Mas se percebe que a mística ressurgue em cada espaço em que os militantes estão presentes como uma linguagem que recupera a cultura camponesa, isto possibilita apontar para os valores sociais da geração passada que devem ser valorizados. Conforme apresenta Bogo (1998, p.8):

Este constitui-se para nós o grande desafio; saber separar saudosismo de valores culturais que foram “asfixiados” ao longo do tempo pela cultura de interesse burguês, e resgatar o que de saudável existiu na convivência social em décadas passadas que sirvam para formar a consciência social das gerações futuras.

Por meio da mística os militantes procuram expressar a cultura camponesa; isto pode ser visto nas representações dos participantes, quando eles assumem, no ritual, a identidade campesina, por meio do figurino e das ferramentas de trabalho. Além disso, o próprio estilo de vida que os trabalhadores têm nos acampamentos e nos assentamentos do MST expressa essa cultura.

A mística como uma das práticas culturais da militância do MST tem possibilitado a formação da consciência social dos sujeitos sem-terra, por reproduzir os gestos que pertencem a uma cultura e que devem ser apropriados pelos sujeitos por meio das circunstâncias vividas na luta pela reforma agrária.

Até aqui a preocupação neste trabalho foi a de descrever alguns dos aspectos da mística que foram sendo agregados ao longo dos anos. Além disso, enfatizou-se como os militantes do MST definem as místicas. Neste sentido, reforça-se a ideia de que as místicas possuem múltiplos significados para os militantes; mas, talvez, para as pessoas que não tiveram ligação com o movimento, não passam de uma manifestação sem maiores sentidos. Diante disto, há, na mística, uma dimensão de veiculação da luta desenvolvida pelos sem-terra. Podemos verificar, a partir do trecho da entrevista abaixo, a relação das místicas com a arte guiada por meio de uma ideologia de mudança social.

Nossa eu acho que é a própria inspiração do militante, há sua ideologia inspirada na arte. Acho que é isso, a mística por si só ela fala sobre os nossos anseios, os nossos sonhos, as nossas utopias. (Trecho da entrevista/Poliana).

De fato, a mística contribui para a luta do MST, pois sem ela o movimento encontra certa dificuldade em animar os trabalhadores sem-terra. Além dessa dimensão que a mística ocupa no MST, ela tem focado na arte¹⁵, trazendo alguns elementos artísticos que servem para os militantes socializar suas ideias. Existe a preocupação do movimento em inserir as pessoas no campo da arte por acreditar que as pessoas podem se conscientizar e, ao mesmo tempo, conscientizar outras pessoas por meio de apresentações artísticas. É neste sentido que a entrevistada D diz que ‘a mística contribui com a luta por meio da arte, isto possibilita a conscientização das pessoas de várias formas’.

Bogo (1998, p.13) tem percebido a necessidade de trazer a arte para ajudar na luta do povo camponês. O autor salienta que “é importante que tenhamos claro este importante papel da arte dentro da cultura camponesa”.

Embora a mística contribua para a manifestação da dança, da canção, do poema, entre outras manifestações da arte, estas acontecem em locais específicos. E isto determina onde e

¹⁵ Estamos usando o termo ‘arte’ para referir à produção cultural que circula no MST por meio das atividades desenvolvidas pelos acampados, pelos assentados e pelos militantes.

quando a arte está presente na organização. Isto posto, é importante a militância se desafiar mais para se apropriar das expressões artísticas visando fortalecer a luta pela reforma agrária. Na visão de Bogo (1998, p.13), “a arte somente acontece se tiver artistas dispostos a desenvolvê-la”. Claro que nem todos terão as mesmas habilidades, mas a “revolução é uma obra de arte coletiva” por isso devemos escolher onde podemos contribuir. É por meio desta afirmação que percebemos que a arte na organização passa a ter um papel fundamental na transformação social do sujeito que está envolvido na luta, porque é uma arte que está a serviço da educação ideológica dos trabalhadores sem-terra.

Neste sentido, a mística é tida como um instrumento da organização que se torna fundamental para mobilizar os sujeitos a permanecerem fiéis na luta pelos seus direitos. Podemos ver, no trecho da entrevista a seguir, a forma como a mística contribui para a luta do MST.

A mística contribui bastante não só para o MST, mas acho que ela contribui para a própria sociedade, porque através da mística vão se forjando lideranças, não que as lideranças não sejam primordiais, mas liderança no sentido de compartilhar este desejo de verdade com outras pessoas. A liderança nesse sentido ela é primordial não só dentro do MST, acredito que para vários outros movimentos sociais também, porque é através da mística que nós não desistimos. A mística não é algo só para mim, não é algo assim, vamos utilizar só um poema ou uma música numa atividade pontual ali, ontem não sei se no horário que você chegou ali (na ocupação da estrada), pois, ontem para mim aquilo ali (a forma como foi conduzida as atividades como a chegada da polícia e dos representantes do poder público local) foi uma mística que não estava no *script*, nós não sentamos, não projetamos e não foi pensado nada. Apenas chegaram os repórteres e todo mundo querendo uma resposta (como que iria ser resolvido o problema da estrada, da escola e da comunidade) entre nós da comissão que estava quem que vai falar? O que vamos falar? Mas assim, se nós não tivéssemos, por exemplo, essa mística dentro de nós de querer a mudança e de querer a transformação das coisas, de mobilizar outras pessoas para a luta, para fazer com elas reconheçam seus direitos de vir lutar, nós não tínhamos tido a coragem de ir lá pra frente, com que eu não tinha tido a coragem de ir lá pra frente e me expor, porque assim, estava lá todo mundo filmando. (Trecho da entrevista/Clívia).

A partir do exposto, podemos concluir que a mística é o ato de representação da vida cotidiana dos trabalhadores sem-terra. São ações dos militantes por meio dos quais representam sua realidade e também as realidades das gerações passadas, que deixaram seu legado para as gerações presentes. Além disso, a mística contribui para forjar os quadros de dirigentes para o MST; também formam as pessoas para a sociedade que vivemos, já que possibilita, aos sujeitos, refletirem sobre sua vida e a dos demais.

1.2 A memória social e as místicas do MST

Para falar de memória social na mística do MST é preciso levar em conta o percurso histórico desenvolvido na definição das memórias, visto que estas reflexões foram fundamentais para se chegar ao conceito de memória social. E é pensando nisto que podemos discutir como a memória social aparece na mística do Movimento Sem-Terra.

Para Abreu (2005, p.34), “os primeiros esforços de demarcação do conceito de memória social como designação do caráter social da memória humana foram empreendidos por Émile Durkheim no contexto da Escola Sociológica Francesa”. Este fato estimulou novos conceitos sobre memórias, principalmente sobre a memória social.

A discussão inicial sobre memória social surgiu no pensamento sociológico. Mais tarde, com a difusão das várias abordagens que foram apontadas, surgiram discussões sobre os tipos de memórias que poderiam existir. No entanto, o foco deste subtítulo se limita apenas ao estudo sobre a memória social por ser importante para compreender como ela pode se manifestar na mística do MST. Assim, é possível pensar no processo formativo da militância do movimento através da capacidade de os trabalhadores recordarem as imagens que fazem lembrar a memória social das lutas camponesas.

Percebemos que as místicas são construções dos militantes do MST, e é por esta razão que começamos a investigar como as memórias sociais fazem parte do MST. Mas, para pensar nestas possíveis memórias, é necessário retomar o processo histórico de lutas sociais que deu origem ao movimento. Percebemos que as memórias sociais carregam elementos indispensáveis para o fortalecimento da história das pessoas, principalmente para os militantes da organização que, através das memórias populares, reforçam os valores sociais dos sujeitos engajados na luta.

A memória social pode ser manifestada através de aspectos sociais da vida de um coletivo. Ela se apresenta de forma objetiva ou subjetiva, isto é, a memória social se apresenta tanto nos objetos que circulam na sociedade, quanto nos fatos históricos que somente a faculdade da memória humana consegue guardar a partir da visualização de imagens do presente.

Neste sentido, a mística pode contribuir para a circulação de memórias que fazem parte da história de luta dos grupos sociais. As memórias sociais são fundamentais para dar

sentido aos objetos que fazem parte da vida das pessoas, como os acontecimentos que vivemos nos contextos sociais. Mas isto só acontece através da simbolização que as pessoas dão para tais fatos, isto é, os objetos e os acontecimentos que traçaram a trajetória de luta do MST perpassam na mística, isto porque as pessoas significam tudo que está à sua volta.

Podemos dizer que, na mística do MST, circulam as memórias sociais, uma vez que as místicas são pensadas por temas. E o contexto social que os sujeitos vivem permite articular uma mística. É por meio dos temas escolhidos para as místicas que aparecem as memórias sociais; o sujeito realiza estudos sobre a história e isto tem possibilitado articulação do elemento ‘estudo’ na manifestação das místicas do movimento. É possível perceber, a partir da entrevista com Clívia, quais temas são trazidos para as místicas do MST, assim como o motivo de eles aparecerem.

Quais os temas? Bom, por exemplo, se for um tema que está tratando sobre a agroecologia ou questão agrária, a equipe de mística para poder fazer ela às vezes utiliza, por exemplo, a questão agrária, vai pensar em algo da questão agrária, questão educacional, educação do campo, então, vai pensar numa mística em que venha fortalecer, por exemplo, o debate ou construir com o debate ou vice e versa com a mística, mas que de alguma forma tem relação, assim, são bem variados, porque depende do encontro que essa mística mais pontual, por exemplo, nos cursos quando acontecem as místicas... Faço curso de linguagens nas escolas do campo, assim, cada NB faz uma mística durante o dia, geralmente, pergunta-se que dia é hoje? Então, vamos rememorar o que aconteceu, talvez, na história para trazer para o presente alguma coisa da luta, para rememorar algo da história voltada a questão da luta, principalmente da questão agrária mesmo nas lutas sociais que tiveram, pensa-se a mística a partir disso que é uma das coisas que acontece, outra tem alguns mártires, então tem o 17 de abril, por exemplo, chega 17 de abril todo mundo vai fazer a mística sobre o massacre de Eldorado de Carajás, vai falar sobre Oziel, o jovem que foi assassinado, também, retrata os 19 companheiros mortos no massacre, isto varia muito não tem um tema específico. (Trecho da entrevista/Clívia).

Percebemos que são vários os temas abordados pelas místicas do MST, os quais contemplam tanto os aspectos positivos como os negativos da luta. Em outras palavras, os temas são desde os de celebração da ocupação e da conquista, até os acontecimentos que revelam a memória social. É o caso da lembrança que possibilitou a entrevistada recordar o episódio ocorrido no município de Eldorado dos Carajás (PA), está se referindo à representação daquilo que ficou conhecido como ‘o massacre de Eldorado dos Carajás’ na vida dos trabalhadores rurais sem-terra. Do mesmo modo que enfatiza que é necessário lembrar os momentos que fizeram parte de suas lutas (FOTOGRAFIA 7). O ato de lembrar as mortes dos trabalhadores neste acontecimento está vinculado à memória social em que o

acontecimento faz reviver a trajetória de luta dos sujeitos, assim como outros acontecimentos ocorridos na luta pela terra.

FOTOGRAFIA 7- Monumento em homenagem às vítimas do Massacre da ‘Curva do S’ em Eldorado dos Carajás (PA)



Fonte: Acervo do autor.

O massacre de Eldorado dos Carajás faz parte da memória social do MST. Quando ocorre um conflito entre os sem-terra e os latifundiários as pessoas se recordam das lutas que aconteceram no campo, bem como a intensidade dos conflitos, sendo que este na ‘curva do S’ é um dos mais conhecidos confrontos entre sem-terra e a polícia. Neste sentido, a memória social é um dispositivo que faz lembrar da morte dos 19 trabalhadores sem-terra, ocorrida durante um confronto com a polícia do Estado do Pará e que ficou mundialmente conhecido como ‘o massacre de Eldorado dos Carajás’.

Podemos dizer que as místicas possibilitam uma enunciação que leva as pessoas a despertar sentimentos de indignação; e são compostas por elementos que vão além das formas linguísticas, como é o caso das palavras e do modo como as pessoas usam tais recursos na entonação de dizeres. Os elementos que compõem os temas da enunciação dos trabalhadores sem-terra estão relacionados à memória social, que é manifestada não só através da enunciação verbal, mas também através da não verbal. De qualquer forma, contribuem com a interação entre os sujeitos sem-terra.

Percebemos, através das discussões sobre memórias, em especial sobre as memórias sociais, que as mesmas contribuíram de forma significativa para entender como as memórias são importantes para a vida das pessoas. A memória social funciona como dispositivo que mobiliza os sentimentos das pessoas de uma época para outra. Neste sentido, as memórias

sociais articuladas pelas místicas do MST têm a capacidade de envolver os trabalhadores sem-terra na luta pelos seus ideais. Elas perpassam nas linguagens poética, imagética, corporal e musical presentes nas místicas, possibilitando o surgimento da coletividade no MST. Ou seja, as memórias sociais no exercício das linguagens trazem um passado de luta pelos direitos sociais e de sobrevivência das pessoas que viveram por uma causa social. Isto é o que agrega e une, cada vez, mais os vários indivíduos em torno dos mesmos objetivos.

A memória é constituída de um conjunto de lembranças que possuímos de determinados momentos que vivemos. Por isso, ela se concretiza por meio de vários caminhos que nos possibilita rememorar os acontecimentos. Diante disso, falar sobre memória social requer a busca por uma definição conceitual, exigindo definições mais específicas, de forma que as coisas ou os objetos tenham um sentido para existirem, como pertencentes a uma cultura, por tanto, a um tipo de memória social. Lissovský (2005) diz que a memória é um acontecimento, portanto, um fato que marca um momento da vida das pessoas, e, por alguma razão, as pessoas sentem necessidade de se lembrar das suas memórias para projetar sua vida para o futuro. Neste sentido, as místicas se constituem como uma dinâmica que leva as pessoas a lembrar dos acontecimentos, fazendo disto o elo entre passado e presente da luta para pensar o futuro.

O termo ‘memória social’ foi desenvolvido para dar conta dos acontecimentos sociais, pois ela, a memória social, tem a função de desenhar os diversos acontecimentos sociais que fizeram parte de uma geração passada. Neste sentido, a memória pode ser considerada simbólica, por resgatar a essência da cultura de um povo; mais ainda por reconhecer as particularidades da vida e do cotidiano das pessoas.

A memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos (GONDAR, 2005, p.12).

A memória social na mística do MST é a indispensável para que as pessoas tomem consciência de suas origens, ou melhor, de suas raízes. Ela surge através de signos que aparecem no cotidiano das pessoas. Daí a necessidade de significar as coisas que circulam no meio social para voltar à memória que leva, em seguida, a reconhecer a identidade.

Podemos dizer que a memória, por ter uma ligação com fatos que marcam a vida das pessoas, acaba sendo confundida com a história, isto é, as pessoas consideram a memória como sendo a própria história. No entanto, ressalta-se que ambas se diferem em alguns momentos, embora tenham algo em comum, que é o fato de as duas trabalharem com os acontecimentos, diz Lissovský (2005). A história processualista trata os eventos como causalidade; a memória trata como acontecimento, que surge de momento em momento.

História e memória se separam quando a primeira organiza os fatos dentro de um esquema cronológico linear. Neste sentido, não se pode ver a memória dentro do mesmo sistema trabalhado pela história, pois a memória trabalha com os momentos marcantes da vida das pessoas e considera que eles fazem parte, socialmente, de outras pessoas que passaram pelas mesmas experiências. É por isso que lembramos Benjamin¹⁶, que elaborou 18 teses sobre o conceito de história, a partir dela (memória) é possível refletir sobre a dimensão espiritual da luta de classes que a história se encarregou de contar. No entanto, as lembranças que fazem parte de dado contexto da história não correspondem aos acontecimentos que fazem parte da memória dos vencidos, como disse Benjamin (1994).

Podemos perceber, nas teses escritas por Benjamin, o esforço que autor fez para desvendar a realidade que as pessoas viviam e o contexto social em que estavam inseridas, buscando, para isto, compreender a história e também o papel que ela exerce na vida dos sujeitos. A partir desta compreensão é que temos a possibilidade de pensar na memória social, pois ela é diferente da história, já que é uma construção coletiva. É por isso que a história, como disse Benjamin (1994), é contada pelos vencedores.

Na mística do MST a memória social aparece por meio da luta de classes a qual o grupo está ligado, isto é, a luta que os oprimidos da sociedade desenvolvem se manifesta na mística. É por isso que, muitas vezes, os trabalhadores buscam entender a história para desenvolver sua luta. Neste sentido, o estudo de Benjamin, em especial a obra ‘Sobre o conceito de história’, passa a ser fundamental para entender a memória social que visualiza a luta de classes. Na tese 4, Benjamin, enfatiza que

¹⁶ É pertinente o pensamento de Benjamin, pois este autor elaborou uma discussão sobre memória no texto ‘Sobre o conceito de história (1994)’. É neste escrito que ele enfatizado o papel da história e das lutas sociais, o que possibilita pensar na constituição da memória social dos movimentos sociais.

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas.

O questionamento de Benjamin (1994) é que a história sempre foi contada pelos dominadores, mas a luta de classes mudou os sentidos e significados do aspecto da cultura dos vencidos, já que estes buscam um lugar na história. Assim, a memória dos seus antepassados passa a ser vista como um monumento cultural. Na tese 7 passamos a visualizar que os dominadores tiveram que massacrar o povo trabalhador para conseguir seus objetivos. Mais adiante é possível perceber que a condição social que muitos trabalhadores viveram é responsável pela cultura que o povo procura manter viva através de suas memórias.

[...] Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (Tese 7).

A história que faz parte da vida dos trabalhadores se relaciona com os acontecimentos vividos na luta de classes, como pode se inferir a partir da tese 7; também se percebe que as lembranças passam a fazer parte da cultura dos sujeitos oprimidos. É por esta razão que Benjamin (1994), considera a classe oprimida como a redentora da liberdade do povo que sempre foi escravizado. E é neste sentido que a luta por igualdade e por mudança na distribuição da riqueza faz parte do contexto de luta dos trabalhadores sem-terra, pois, é por meio da luta que circula a memória social, que esteve presente na vida das pessoas e que foi sendo socializada de geração para geração. Diante disso, passamos a perceber que o principal objetivo da memória social que se manifesta na mística do MST é trazer os acontecimentos do passado para o presente. É a partir das lembranças que se busca motivar os sujeitos para lutar por uma história que não foi conhecida como verdadeira.

Na tese 12 percebemos que a classe oprimida tem o poder de libertar os sujeitos que sempre foram alienados na sociedade. Além disso, ela carrega uma memória social que faz parte das gerações de pessoas que se doaram para a luta, para construir um mundo melhor. É por isso que Benjamin (1994) a nomeou como sendo a classe vingadora, por manter uma consciência de classe que tem a tarefa de libertar os nomes das gerações derrotadas.

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consome a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados. Essa consciência, reativada durante algum tempo no movimento espartaquista, foi sempre inaceitável para a social-democracia. Em três decênios, ela quase conseguiu extinguir o nome de Blanqui, cujo eco abalara o século passado. Preferiu atribuir à classe operária o papel de salvar gerações futuras. Com isso, ela a privou das suas melhores forças. A classe operária desaprendeu nessa escola tanto o ódio como o espírito de sacrifício. Porque um e outro se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não dos descendentes liberados.

Na tese acima, o autor afirma que a classe trabalhadora desfruta de um conhecimento, isto pode ser a memória social que articula os momentos marcantes que fizeram parte de sua história de luta. Isto posto, podemos dizer que a mística do MST traz os valores históricos que expressam a história de luta da classe oprimida, esta memória é um monumento cultural da vida das pessoas, e é por esta razão que a memória se constitui nas experiências sociais que os sujeitos tiveram, a partir da relação social que mantiveram com outro grupo social.

As místicas do MST manifestam os momentos que fazem parte da memória dos trabalhadores sem-terra, eles também relembram outras épocas e outros contextos sociais. É dessa forma que a memória surge dos momentos individuais e coletivos, por se relacionar com a cultura dos sujeitos.

Para Benjamin (1994, p.8), “em lugar de apontar para uma “imagem eterna do passado”, como o historicismo, ou, dentro de uma teoria do progresso, para a de futuro que contam, o historiador deve constituir uma “experiência” (“Erfahrung”) com o passado [...]”. No historicismo a história já está dada, no sentido de que ela não faz parte do presente; em contrapartida, no materialismo histórico a história está sendo construída a partir das experiências dos sujeitos, isto é, o materialismo busca outros meios para entender a história.

Percebemos que existe uma crítica sobre como a história é construída, isto porque a mesma não dá conta de narrar como os acontecimentos se deram no passado. Embora a

história não esteja fora das pessoas, ela não consegue sistematizar as experiências dos sujeitos, pois a história tem sido construída por meio de uma única experiência, a dos vencedores.

A memória social é uma construção coletiva, é por isso que ela não pode ser associada à lembrança de uns e outros, pois os acontecimentos fazem parte da história dos sujeitos. Benjamin (1994) diz que:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à *lordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final. (Tese 3).

Ao relacionar esta discussão da história com a da memória social é que percebemos que a experiência de uma pessoa se completa com as de outras. Isto possibilita a construção da memória social que circula na mística, pois foi diante do fato de a classe oprimida não ser reconhecida na história que ela passou a reivindicar sua participação na construção da cultura e dos valores sociais da sociedade. É por meio disso que as pessoas se organizam em determinado grupo social para lutar por seus direitos. Por isso a classe social vencida tem acumulado conhecimento para vingar a memória das pessoas que deram sua vida em prol da luta. Neste sentido, a imagem que a classe social faz do passado possibilitou que ela levantasse uma bandeira de luta.

A ideia de memória está vinculada à percepção de que a vida é repleta de acontecimentos, ou melhor, de momentos que provocam ruídos que fazem emergir as lembranças, as quais nos levam a recordar tais acontecimentos. Esta dimensão da memória se reflete na apresentação das místicas do MST, isto é, elas trabalham com os acontecimentos passados, isto possibilita emergir as lembranças trágicas da luta.

Nos estudos sobre memória foi possível perceber que a mesma se manifesta de forma involuntária ou de forma inconsciente, isto porque as pessoas, ao proferirem seus discursos, fazem o uso de memórias sociais. É pensando nisso que Oliveira e Horrífico (2005, p.73). Afirmam que “a linguagem é uma das principais faculdades humanas e os estudos relacionados à memória, associados àqueles referentes à própria linguagem, mostram que a relação entre as duas têm seu papel na nossa manutenção”. A partir desta ideia que se afirma o discurso de que a memória está presente em nossas vidas, em nossos atos e em nossas

relações sociais. Neste sentido, retomando Oliveira e Horrífico (2005, p.78), podemos considerar “[...] o discurso como acontecimento e, como tal, um instaurador de sentidos que são, por excelência, sentidos memoriais”.

Percebemos que a memória ligada à luta camponesa que é manifestada na mística se encontra dentro de uma dimensão política. Mas se compreende que isto traz algumas implicações, pois a memória é constituída através das relações de poder manifestas na mística. Por isso a memória tem sido considerada como um campo que tem vários sentidos; o mesmo acontece com as místicas do MST. Daí a memória ser considerada polissêmica, por representar as realidades de várias maneiras; os sentidos são construídos dependendo de quem olha, e de onde olha, para um determinado fenômeno.

Podemos dizer que a memória se manifesta no momento de uma necessidade, em que as pessoas revisitam os acontecimentos do passado. Isto porque o passado é responsável por possibilitar que se projete o futuro, como afirma Lissovský (2005).

Percebemos que a memória está associada aos momentos simbólicos que fazem parte da vida e da trajetória dos seres humanos. Provavelmente as memórias que circulam nas místicas fazem parte de uma construção dos membros e têm o compromisso de contribuir com a formação da identidade do grupo, uma vez que trazem os valores sociais dos sujeitos para não serem esquecidos ou perdidos no tempo. Portanto, as memórias sociais presentes nas místicas do MST trazem elementos que fazem parte de seu projeto e de sua luta política.

1.3 A memória social inserida em um jogo de poder nas místicas do MST

Percebemos que as organizações¹⁷ que se mantiveram atuantes como movimentos sociais no período da ditadura militar contribuíram para a luta dos atuais. Para isto tiveram que recuperar o discurso ideológico de um determinado grupo, que serve de base para articular seu processo de luta pelos direitos sociais, pela terra, pela mudança social, entre outras coisas. Por isso que a memória discursiva¹⁸ é um dispositivo importante na formação dos militantes das organizações sociais atuais.

¹⁷ Ligas Camponesas, MÁSTER, CPT, CUT, MPA, etc.

¹⁸ Referem-se aos valores sociais que fazem parte da história, os que se manifestam nos discursos e nas ações das pessoas. Desta forma, quando são lembradas, reforçam os aspectos da identidade das pessoas, entre outras coisas.

As práticas culturais, entendida como “[...] a cultura popular, as cerimônias e os rituais, os comportamentos cotidianos nas mais diversas circunstâncias, as artes dos espetáculos [...]” (PAVIS, 2005, p.263). A partir do ponto de vista de Pavis é que passamos a pensar sobre as práticas culturais. Diante disto, é possível dizer que perpetuam nas práticas culturais do movimento à manifestação de memória social, já que trazem saberes da cultura camponesa. E uma das formas que possibilita tal apresentação da memória é a mística do MST. Talvez a grande sacada do MST foi a de usar as místicas para propagar ou divulgar a sua luta pela terra, pela mudança na política de distribuição das riquezas para todos, o que justifica a luta pela reforma agrária. Desta forma, elas podem ser vistas como uma ferramenta de protesto. As místicas, quando articuladas com as memórias sociais, possibilitam a elevação do nível de consciência política dos trabalhadores. Neste sentido, as memórias representam, para as organizações que lutam pela terra, a possibilidade de garantir os direitos básicos das famílias assentadas e acampadas.

A memória social aparece com mais frequência nas místicas do MST através da produção artística e cultural dos sujeitos que vivem na organização, que vai desde um poema e de uma música até os símbolos. E, como já dito, isto está relacionado à cultura do povo do campo. Vejamos o trecho a seguir de uma entrevista.

Geralmente, quando nós vamos pensar uma mística, primeiro pensamos em um poema e numa música que tem haver com o tema que queremos representar na mística. Pois, se nós queremos falar de reforma agrária, escolhemos um poema que fala de reforma agrária ou que tem alguma coisa a ver, e também, uma música e os símbolos que tem haver com o tema. Por exemplo, alguns símbolos vai ser referir à reforma agrária, os mais usados são: o facão, a foice, a enxada, essas coisas. (Trecho da entrevista/Débora).

Percebemos que os elementos que são escolhidos para as místicas têm a ver com a luta do MST. Tais cuidados são para fazer os sujeitos lembrarem suas trajetórias de luta, assim como dos seus companheiros. Deste modo, os elementos que aparecem nas místicas da organização têm levado as pessoas a dar significado aos objetos que lhe rodeiam, como os gestos, as músicas, os poemas. Isto acontece porque existe uma memória dinamizada através das diversas linguagens artísticas.

Os militantes costumam sistematizar as experiências de luta através das canções e dos poemas. É por meio da música e da poesia que eles trabalham as memórias sociais. As místicas, neste processo de socialização das experiências dos militantes, servem para

mobilizar os sentimentos das pessoas para desvendar os aspectos que faz parte da luta pela democracia. As místicas do MST, como uma das formas de manifestação dos militantes, revelam as condições sociais vividas pelos trabalhadores rurais na sociedade, isto porque elas estão inseridas em um jogo em que os sujeitos constituem o poder de manifestar os seus anseios, porque articulam a memória social que estabelece a união entre a classe trabalhadora. É neste sentido que Moraes (2005, p.94) afirma que “[...] a memória se constitui como poder, como contato e uma luta pela imposição de uma hegemonia, [...] a sua dimensão de poder e, portanto, sua eficácia depende da política, cuja pretensão de controlar ou orientar a memória social é dos interesses de luta”.

A memória que as organizações sociais desenvolveram durante a história é carregada de sentidos e, por isso, traz um poder, o de mobilizar as pessoas para reivindicar o direito de fazer parte da história. Talvez daí tenha surgido o interesse dos movimentos sociais em buscar dados na luta de outras organizações para fortalecer sua luta por direitos iguais. Nesta linha de raciocínio, Moraes (2005, p.101) esclarece que “[...] a memória social mobiliza e produz significados, signos e conteúdos”. Isto permite inferir que a memória social passou a ser organizada pelos movimentos sociais e que hoje tem como base a história ou as narrativas de luta de outras organizações sociais que deixaram as suas experiências.

Poucas vezes os entrevistados enfatizaram que os elementos que circulam nas místicas têm caráter político e ideológico, mas se vê que o fato de estes elementos serem escolhidos pelos militantes para serem manifestados nas místicas já se caracteriza como ato político e ideológico. Este lado político e ideológico que as místicas representam pode ser percebido no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Nas místicas existe o lado político e ideológico, também os símbolos têm um significado muito grande para nós, pois não é só um símbolo, não faz só representar. Ele tem um significado, por exemplo, a foice tem um significado na luta do movimento, o facão, a enxada é muito ideológica no movimento, pois o significado que tem para nós não é mesmo para as pessoas que não conhece o MST. O exemplo disso é que o facão no movimento tem um significado para as pessoas que conhecem o MST, porém, o facão pode ser um símbolo de violência para as que não conhecem o movimento, tudo isso está impregnado com o político e com o ideológico. (Trecho da entrevista/Débora).

Nas místicas do MST existe um jogo de encanto, o que leva as pessoas a ter simpatia pela luta, isto porque através delas se revelam as memórias sociais que foram fundamentais

para tornar os sujeitos conscientes da vida que levam. E é neste sentido que as místicas manifestam a relação de poder implantada pelos princípios de mudança da sociedade.

As místicas precisam das memórias sociais para que as pessoas possam interagir dentro e fora do MST. Decerto que elas trazem um conhecimento significativo para as pessoas se manterem unidas na luta. Moraes (2005) diz que a memória é constituída de um saber, que serve para produzir novos conhecimentos. É neste sentido que a mística se constitui como uma ferramenta pedagógica, que forma os militantes sem-terra, porque a memória social está presente nas ações e nos objetos que circulam nas místicas do MST.

O ritual que perpassa a mística do MST é permeado por diversos significados e, dependendo de como os sujeitos interpretam as místicas, eles se apropriam do poder de dizer certas coisas. Vejamos o trecho abaixo de uma entrevista, a partir dele se pode perceber o significado que a mística tem na vida do militante.

Olha o significado da mística para mim, acho que é significado de liberdade, assim, a mística parece que dar essa força, e essa liberdade também para poder lutar e para poder sonhar, para poder... Então, ela traz esse significado, por isso que falo que ela é a chama, ela tem que ser essa chama, em algum momento ela é e outro não, porque também a mística não é algo estático ali. A mística é isso agora, mas ela pode ser transportada de lugar para outro, então, a cada período histórico ou a cada realidade ela traz... Acredito também, talvez, para cada sujeito ela pode trazer significado diferente, porque ela não é algo estático pronto e acabado. (Trecho da entrevista/Clívia).

A mística se apresenta como algo que dependendo do momento pode sofrer mudanças, por isso, a entrevistada alerta que ela nunca está pronta e acabada. Diante disto, podemos dizer que, a criatividade dos militantes podem agregar novos sentidos e significados para as representações, dependendo é claro, do contexto social que os sujeitos estão vivendo.

Percebemos que a mística tem a capacidade de fazer as pessoas refletirem e, ao mesmo tempo, permite que elas construam sentimentos que respaldem a luta por uma vida melhor. Por isso despertam a vontade dos sujeitos em lutar, pois as pessoas começam a compartilhar os mesmos desejos dos militantes do MST. Busca-se, com os sentimentos, um querer fazer as mudanças sociais pensando em uma sociedade melhor, como foi visto nas entrevistas.

Moraes (2005, p.102) afirma que “[...] a memória utilizada como saber, metodologia de produção de conhecimento e resistência social reinventa a identidade e a cidadania de grupos excluídos”. Talvez a memória social seja a forma para destacar os saberes deixados

pelos povos historicamente. Tais cuidados marcam as identidades dos grupos sociais. Certamente esta identificação pode contribuir para a formação de novas identidades sociais.

Percebemos que a participação do indivíduo na mística do MST tem como princípio o envolvimento na luta, o que demanda o surgimento de um novo princípio, no caso, o estudo, pois se acredita que através dele as memórias sociais podem ser lembradas com mais clareza. A partir deste princípio, o MST tem dado informações e formação para os sujeitos se aperceberem das injustiças da sociedade.

É possível dizer que a mística contribui para os sujeitos terem uma participação na luta e apreço pelo estudo, além de ser uma prática que articula vários gestos sociais que permitem que as pessoas reflitam sobre a realidade e sobre o papel da coletividade. Também, a mística por ser uma prática coletiva e por ter um método que reúne participação e apresentação coletiva, ela envolve uma práxis, isto é, o trabalho coletivo dos militantes contribui para o desenvolvimento de uma práxis da mística, que é quebrar com a divisão do trabalho. Ao mesmo tempo o ritual desenvolve um princípio que é contra-hegemônico, já que a mística é resultado das experiências culturais e sociais coletivizadas pelos sujeitos em luta. É esta práxis da mística que contribui para a formação de uma militância do movimento.

A importância do estudo para os militantes surgiu a partir do momento que os sujeitos tiveram que constituir os seus discursos para as atividades de caráter político e ideológico, visando defender sua classe social. A prática discursiva que circula na sociedade tem a tendência de contribuir com a formação da identidade dos sujeitos. É por esta razão que Fairclough (2001, p.92) enfatiza que “[...] a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como é, mas também contribui para transformá-la”.

Os grupos sociais organizam os enunciados para formar os seus discursos e produzir sentido para a luta de seu povo. A linguagem poética ou musical tem um papel importante por ser uma das formas que aciona a memória social, a qual é necessária para lembrar a trajetória de luta dos movimentos sociais. A mística do MST aponta o rumo da luta para os trabalhadores através da linguagem, seja ela poética ou musical. Esta, por sua vez, tem o papel de trazer conhecimentos que permitem as pessoas refletirem. A memória social traz ensinamentos que registram as experiências das pessoas em dada época. O conhecimento

adquirido através da linguagem perpassa a relação social estabelecida pelas pessoas em situação de interação – esta interação estabelece um diálogo que pressupõe condições de indagar certas coisas no meio social e, também, de ter respostas para as devidas situações de comunicabilidade que os sujeitos necessitam no seu cotidiano.

Os seres humanos têm constituído seus discursos com alguns objetivos específicos: mostrar sua identidade, mostrar sua relação social e sua posição na sociedade; por isso as falas que aparecem nestes discursos trazem uma história embasada numa ideologia. As narrativas que circulam entre as organizações sociais são elementos das memórias sociais que foram construídas historicamente pelos sujeitos. Nelas são apresentados os valores dos grupos sociais; as imagens dos objetos que fazem parte da vida cotidiana aparecem através das práticas discursivas que carregamos conosco.

É possível afirmar que algumas falas dos grupos sociais aparecem no discurso dos militantes do MST como ‘poder’ para mudar o pensamento individual e coletivo de uma comunidade. A relação de escolha de signos é um mecanismo que tem o propósito de trazer a memória social para o presente. Diante disso, a memória que o discurso veicula é de caráter político.

As pessoas que contribuem com as atividades sociais do movimento tiveram como instrumento de formação o próprio processo de luta, ou seja, a sua inserção nas tarefas e na prática do cotidiano foi o processo formativo. Por outro lado, a mística tem o papel de fazer os sujeitos se tornarem militantes da organização social, o que, por fim, pode levá-los a ser dirigentes.

O processo usado pelas lideranças para possibilitar que os indivíduos tenham uma visão diferenciada de outras pessoas se concretiza através da distribuição de material de leitura: boletins, jornais, livros e revistas. Os textos que circulam nas místicas trazem elementos que podem servir de subsídio para defender a classe. Isto é, somente através da luta, estudo e das místicas que os sujeitos constituem suas memórias discursivas para formar seus discursos ideológicos.

As relações sociais são expressas nos discursos e têm a função de mostrar a identidade dos sujeitos. É desta forma que as organizações têm pensado em formar seus intelectuais para manifestar a sua luta no campo econômico, político e ideológico. É conhecendo a cultura e os ideais de um movimento social que o movimento poderá levar o sujeito a se tornar um líder.

O processo de vivência dentro do coletivo a que pertence pode fazer com que ele assuma a liderança da organização antes do desejado, já que o sujeito ligado à organização dos sem-terra tem que se apropriar dos valores sociais do povo oprimido. Vale ressaltar que o sujeito tem que se apropriar de um discurso para enunciar outro para o povo trabalhador que lida no cotidiano.

Os discursos existem e são proferidos pelos sujeitos com uma intenção ‘social’; e estes discursos permeiam o poder de articular os propósitos dos indivíduos.

O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder ‘é tolerável somente na condição que mascare uma grande parte de si mesmo’. (FAIRCLOUGH, 2001, p.75).

Existe um ‘poder’ construído dentro de instituições sociais como igrejas, partidos políticos e instituições jurídicas; e o discurso que é proferido pelas instituições é um texto que traz regras que devem ser seguidas pelas pessoas a qualquer custo.

A memória social se manifesta na hora do perigo, como disse Lissovský (2005). Através de um acontecimento que já passou as pessoas, em momentos de perigo, necessitam da lembrança para dar significado às coisas que acontecem à sua volta. Esta dimensão social da memória se encarrega de reviver as lembranças que possibilitam relembrar o passado e que levam a pensar no futuro.

Percebemos que o ato de lembrar está associado a algo e quando as pessoas procuram lembrar determinado acontecimento acabam afetadas por outras lembranças que fazem parte de suas memórias. É neste sentido que o ato de lembrar é uma atividade intelectual, por trazer as imagens dos acontecimentos ou das coisas do passado para o presente. Porém, às vezes, nem todas as coisas são possíveis de serem lembradas, isto porque as pessoas não são donas das memórias.

A memória surge através da linguagem e das narrativas. E pode surgir de maneira voluntária ou involuntária. A lembrança é tão importante, pois é através dela que as pessoas reconhecem as razões da existência do ser humano. O sujeito precisa da memória, do

contrário o ele vive no escuro por não reconhecer sua classe social, sua identidade e seus valores sociais.

É possível dizer que sem a memória os sujeitos não têm condições de narrar sua vida. O convívio social das pessoas possibilita uma memória social, que passa de geração para geração através das memórias discursivas ou narrativas. A memória discursiva também possibilita recuperar a história do sujeito.

O MST se apropriou das memórias sociais que serviram para formar seus sujeitos, o que pode ter acontecido com outros movimentos sociais que também trabalham a formação de seus sujeitos a partir das memórias sociais. No caso do MST foi percebida a presença de símbolos nas místicas, os discursos dos sujeitos se manifestam através das ações e da simbologia representada em cada objeto que faz parte do cotidiano de sua luta.

A dinâmica que cada grupo social usa para a luta é um jogo que estabelece poder de mudança, o MST trabalha com a transformação social a partir da conscientização das pessoas, e as místicas que manifestam as memórias sociais têm ajudado neste processo, porque as memórias sociais estão inseridas em um jogo de poder nas místicas do MST, visto que elas possibilitam o protesto contra as injustiças como: o não acesso à terra, a falta de fomento para os trabalhadores desenvolverem a agricultura familiar, entre outros. Neste sentido, a mística do MST pode ser vista como discurso ideológico, já que manifesta os aspectos culturais e o propósito da luta dos trabalhadores sem-terra.

Vimos, neste capítulo, as principais definições das místicas do MST, sendo que para isto, foi feita uma descrição densa, apontando os elementos fundamentais que elas trazem para a vida dos militantes do movimento. Mais adiante, trouxemos a relação que a memória social desenvolve nas místicas e, com isso, percebemos que a memória social está muito presente nos rituais desenvolvidos pelos militantes da organização dos sem-terra. Além disso, dissemos que a memória social presente nas místicas do MST estabelece um jogo de poder, isto porque elas promovem, em suas apresentações, a contestação social a partir da luta pela terra.

CAPÍTULO II

A REDE HISTÓRICA DE ENUNCIADOS QUE PERMEIAM AS MÍSTICAS DO MST

Vimos, no capítulo anterior, a definição da mística do MST e o papel que ela assume na organização e na vida da militância do movimento. Neste capítulo que ora inicia buscamos enfatizar os enunciados que fazem parte das manifestações das místicas do MST e, também, como são formados pelos militantes através da circunstância da luta do movimento. Os enunciados que compõem os discursos dos militantes estão circulando nos seus espaços e, portanto, fazem parte do cotidiano dos sujeitos lidar com os enunciados ditos e não ditos, já que eles permitem a reflexão sobre a sua realidade.

Procuramos fazer algumas reflexões sobre os jogos de poder que são estabelecidos pelos enunciados que circulam nas místicas do MST. Isto porque as místicas dos militantes do MST se tornaram uma das ferramentas fundamentais para a formação dos militantes. Elas são constituídas de sentidos e são perpassadas por uma energia que motiva algumas das categorias sociais a permanecerem organizadas para lutar por seus direitos.

Estudar os discursos vindos das místicas do MST torna possível entender as vozes que permeiam as práticas discursivas dos sem-terra e se constitui uma base fundamental para entender os rituais que os grupos sociais desenvolvem em seu meio social. Existe uma razão social para tais rituais e para as manifestações dos grupos sociais, e é com esta ideia que se pretende entender os elementos que compõem os rituais do MST.

Para a discussão sobre o enunciado e o discurso nos propomos fazer uma reflexão a partir da abordagem de Foucault (2000), um dos teóricos fundamentais para entender o funcionamento da língua dentro do ‘sistema de exclusão’. As pessoas fazem escolhas e ao realizá-las estão aderindo a um discurso (certas vozes) e excluindo outros (excluindo vozes). Somos levados a fazer escolhas acerca das formações discursivas as quais queremos aderir pelo fato de pertencermos a uma estrutura social.

Por esta razão, este capítulo trata dos enunciados que aparecem nas místicas, além de enfatizar a importância deles para a continuação da luta dos trabalhadores sem-terra e, também, para a formação política desenvolvida na formação da militância do MST.

2.1 Tipos de enunciados que aparecem nas místicas do MST

O MST se tornou um movimento social que articula os trabalhadores de várias categorias. Busca valorizar a cultura destas pessoas a partir da visão de seus antepassados. De que modo estes aspectos culturais são manifestados pelos sujeitos? A resposta para esta pergunta se encontra na dinâmica das relações sociais vividas pelas pessoas. Isto é, as práticas sociais possibilitam que os elementos culturais de seus antepassados sejam manifestados. Deste modo, os sujeitos ligados ao MST revêem algumas das práticas culturais das gerações passadas para manifestá-las no movimento. Fernandes (2007, p.11) argumenta que:

O sem-terra, como todo sujeito, vive em um mundo social, em um ininterrupto processo de interação no qual se encontra, direta ou indiretamente, em interlocução com outros sujeitos, com outros grupos sociais, com diferentes questões ideológicas e políticas, enfim, com o mundo e parte da complexidade que o envolve.

Talvez o fato de os sujeitos sem-terra se espelharem nas experiências de outros que dê origem aos enunciados no MST, embora não existam critérios para determinado enunciado circular nas místicas do movimento. Isto porque os enunciados são escolhidos pelos militantes conforme a necessidade de expressar o que se vive no momento, dentro da ordem discursiva e dos valores do movimento. Podemos verificar isto no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Não existe critério específico, depende do momento que nós estamos vivendo, a nossa mística ontem, por exemplo, nós estávamos num momento de luta e de indignação, então, ela tinha esse espírito de dizer que nós estávamos indignados e que o poema e a música escolhidos foram nesse intuito. (Trecho da entrevista/Poliana).

A mística cria o espaço que possibilita a enunciação do trabalhador, serve para o sujeito expressar as suas agonias e, ao mesmo tempo, para interagir com o outro. A partir disso, ele escolhe um texto (discurso) em forma de canção, de poema, ou até mesmo faz uso de outros elementos encontrados nos espaços do MST, para sistematizar as situações vividas na luta pela posse da terra. Indo por este viés, pensar na mística do MST implica em falar de alguns elementos simbólicos (FOTOGRAFIA 8) que fazem parte da sua existência na organização, tais como: a bandeira, as palavras de ordem, as poesias, as músicas, as ferramentas de trabalho (foices, facões e enxadas) usadas pelos trabalhadores e também o acervo fotográfico dos mártires.

FOTOGRAFIA 8 - Mística dos sem-terra no IV Congresso Nacional do MST, em Brasília (DF), em fevereiro de 2014



Fonte: Acervo do autor.

Quando citamos os elementos presentes na mística estes se relacionam com a cultura dos trabalhadores e, por isso, a mística pode ser vista como um objeto orgânico que caracteriza a identidade do grupo. Bogo diz que (1998, p.10), “a mística para nós se torna uma parte prioritária do desenvolvimento pessoal e social das pessoas”. Provavelmente os elementos citados são responsáveis por motivar os trabalhadores para a luta. Isto pode ser visto no trecho abaixo de uma das entrevistas.

Acredito que é utilizado na mística são os símbolos: a foice e também os artísticos: a música e os poemas muitos utilizados na mística. (Trecho da entrevista/Débora).

Os cuidados em valorizar os elementos simbólicos presentes na mística do MST têm a ver com a história ou a visão histórica que o movimento construiu durante os anos de sua luta. Em outras palavras, tais signos (simbólicos) construídos e constituídos pelo MST têm como base a memória e a cultura de seu povo.

As pessoas precisam organizar os seus discursos, e as relações sociais que as mesmas mantêm contribuem para a formação e a organização de discursos políticos e ideológicos que são lançados na sociedade. Bakhtim (2006, p.124), ao falar de enunciação, esclarece que

O *centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente

marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social.

Neste sentido, a mística representa a cultura do MST através de sua apresentação para o povo sem-terra. Os mecanismos encontrados pelos militantes do MST para significar sua cultura permeiam os símbolos e a ação simbólica, construídos para representar o processo de luta da organização a partir destes elementos: a bandeira, as ferramentas, as fotos, as músicas, as poesias, as palavras de ordem e a ornamentação dos espaços. Ao lado disso, as linguagens verbais e não verbal são ferramentas importantíssimas no processo de motivação do sujeito. Neste sentido, Fernandes (2007, p.12) esclarece que:

Por meio desse processo interacional, o sujeito, bem como seu grupo social, constitui-se em espaços e momentos histórico-sociais determinados e seus atos verbais e não verbais, ou seja, suas enunciações têm sentido em conformidade com os aspectos socioculturais, que englobam as condições de produção e que redefinem sua identidade social, bem como a do grupo.

Os sujeitos constituem relações de interação no contexto social em que vivem. É a partir disso que eles conseguem ajudar no processo de luta do seu grupo. É pensando nisto que os grupos sociais passaram a criar os espaços e os momentos para as pessoas realizarem enunciações sobre os aspectos culturais que fazem parte da sua condição social. Neste sentido, a mística do MST, como uma atividade cultural, tem despertado o fortalecimento de interação dos sujeitos do movimento através das condições sociais em que eles vivem. Por isso o ritual místico tem um significado importante para a vida do militante, como pode ser verificado no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Para mim a mística ela tem um significado muito importante, porque assim sem ela a luta não seria a mesma, porque você sabe que toda luta inicia com a mística, até para ocupar a terra existe todo um ritual acontecendo. Então, essa mística é que nos move para a luta também, é o que nos anima, é que nos mostra as batalhas, as conquistas, as guerras até as derrotas também (nas místicas). Então, sem essa mística a luta não tinha a condição de... Como se diz, de até mesmo acontecer, poderia até acontece mais sem ânimo, pois é ela que nos anima a continuar lutando. (Trecho da entrevista/Messias).

Percebemos, pelo citado trecho da entrevista, que a luta dos trabalhadores não seria a mesma sem as místicas do MST. Efetivamente, as místicas se tornaram uma peça fundamental para motivar esta parcela da classe trabalhadora. Desta forma, as místicas do movimento

articulam enunciados que fazem referência à luta dos sem-terra. De acordo com o trecho da entrevista acima, podemos ver que os enunciados que circulam nas místicas da organização são aqueles que representam acontecimentos ligados às lutas, conquistas ou mesmo derrotas do movimento. Estes enunciados dos rituais do MST têm conteúdos que caracterizam sua luta pela terra, pela mudança na política e pela distribuição da riqueza.

Cada palavra que surge na mística leva a um novo contexto social, conduzindo para uma realidade revisitada através da lembrança. Além das palavras que aparecem nos discursos dos sujeitos no momento da mística do MST, existem as palavras de ordem que costumam surgir no final da mística. Silva (2011, p.245) esclarece que: “as palavras de ordem quando enunciadas têm o seu efeito no plano oral, e ao cantar o hino, seja em marcha ou após a mística, empunha-se o braço esquerdo três vezes com muita força, só então as palavras de ordem são ditas”.

A função destas palavras após a apresentação da mística é fortalecer o compromisso que os sujeitos devem ter com a luta. Por outro lado, as palavras de ordem que surgiram, e que ainda surgem no MST, são permeadas pela ideologia da organização sem-terra e têm como propósito reforçar as bandeiras de luta para os militantes no momento de sua constituição. Na opinião de Silva (2011), as palavras de ordem são criadas nos congressos realizados pelo movimento e é por meio destas que o MST procura contribuir para a formação política dos militantes, levando-os a se tornar mais críticos e reflexivos sobre o seu papel social. Silva (2011, p.245) esclarece que:

No primeiro congresso, a palavra de ordem foi ‘Ocupar é a única solução’; no segundo, ‘Reforma agrária uma luta de todos’; a terceira palavra de ordem foi ‘Por um Brasil sem latifúndio’; a quarta ‘Ocupar, resistir, produzir’ e a quinta, ‘Reforma agrária: por justiça social e soberania popular’. Cada palavra de ordem traz consigo uma carga de outras vozes e a historicidade de seu acontecimento.

Percebemos que as palavras de ordem, na visão de Silva, são um dos instrumentos de luta do MST. Dito isto, a autora argumenta que, “essas palavras de ordem produzem uma forma de interação por meio do discurso, através do qual se percebe o quanto a linguagem é uma arma poderosa” (SILVA, 2011, p.246). Isto nos possibilita dizer que as palavras de ordem são enunciadas que trazem o contexto social vivido pelo MST. Mais adiante, Silva (2011, p.248) apresenta que, “as palavras de ordem cumprem um papel social não apenas de

informar, mas provocar a reflexão entre os sujeitos”. A cada momento o MST tentou expressar suas necessidades através das palavras de ordem. Elas têm características de enunciados com semântica ideológica, visto que buscam trazer as memórias sociais pelas práticas discursivas dos que almejam realizar mudanças na sociedade.

As palavras de ordem aparecem com mais frequência nas místicas do MST, o que demanda a maior articulação dos enunciados políticos e ideológicos que fazem parte da luta do MST no País. E por meio destes enunciados os militantes assumem o compromisso de mudança social na luta pela terra, apesar dos entraves para a conquista da reforma agrária.

Tomando como exemplo a assembléia realizada na escola para discutir os problemas dos moradores do assentamento Palmares II, atividade realizada em agosto de 2013 desencadeou outras, como a preparação da mística, e, por fim, a realização das místicas dos sem-terra. Os militantes do MST ornamentaram o refeitório da escola do assentamento Palmares II para receber a comissão do prefeito e no mesmo espaço aconteceu a assembléia com a comunidade. Nesta atividade foi apresentada uma mística, na qual apareceram algumas das palavras de ordem que frequentemente circulam nos momentos de apresentação das místicas do movimento. As palavras de ordem, às vezes, surgem por meio da oralidade, isto é, no final das místicas, elas são faladas em alto e bom som pelos militantes como forma de grito de ordem. A seguir são apresentadas algumas delas, um recorte do caderno de campo.

depois que a comissão do prefeito e o próprio chegaram no assentamento Palmares II, especificamente no local da assembleia, de repente começou a mística, quando no meio da multidão apareceram jovens com cartazes, que cujo esta escrito: ‘juventude que ousa lutar na construção do poder popular’; além disso, tinha um quadro com o nome: ‘educação do campo: direito nosso, dever do Estado’; e também, cabaça, enxada, foice e a bandeira da organização dos sem-terra. (Recorte do caderno de campo).

Os enunciados que surgem na mística, seja por meio das palavras de ordem ou através dos objetos de trabalho dos camponeses, de certa maneira, simbolizam a razão de lutar dos trabalhadores. E, ao mesmo tempo, mostram que eles têm garra para reafirmar a bandeira de luta que propõem. Daí a importância da juventude neste processo, pois os jovens engajados no movimento estão assumindo o compromisso de continuar a luta dos trabalhadores sem-terra.

O poder de mobilizar os trabalhadores que os militantes do MST conseguem é fruto dos saberes advindos das lutas de outros movimentos sociais e também porque o MST tem a sua especificidade como organização social. Isto foi possível, ou é possível, através das

músicas, dos poemas, da história de luta pela democratização da terra e das riquezas do nosso País. E este legado é deixado através de uma memória discursiva. Isto tem possibilitado, ao MST, organizar os trabalhadores para lutar em prol da classe social desprovida dos bens fundamentais para uma sobrevivência digna na sociedade.

Na visão de Bogo (1998), um sujeito se torna um ser social por meio de sua participação consciente na comunidade que possui sua própria cultura, forjada a partir do trabalho coletivo e das orientações políticas definidas pelo grupo para manter a convivência.

As expressões artísticas, de modo geral, trazem os elementos que fazem parte da luta pela terra e pela política participativa dos sujeitos na discussão de um projeto social. E os gêneros discursivos, que trataremos mais adiante, articulam os enunciados a que se referem a luta e que são escolhidos conforme o momento; se o momento é para falar de reforma agrária, os sujeitos escolhem os poemas ou as músicas que têm haver com o tema da mística. Por exemplo, os enunciados são fundamentais para os sujeitos se remeterem à luta pela terra, como se pode ver no trecho a seguir de uma entrevista.

É que nem falei para você, por exemplo, se vai fazer uma mística que plenária vai falar sobre a educação muito dos elementos vão ser o que? Os livros, canetas, lápis. E se vai fazer uma mística que fala do massacre, quais são os elementos? Nós vamos ter a bandeira, vai ter pessoas e vão... E vai dos atores também, que nós temos atores que não precisa nem fazer formação, nós temos atores muito bons (risos). Por exemplo, são introduzidas várias coisas não dar especificar por quê? Depende muito da mística, pois, cada mística é um elemento diferente, mas tem a sua importância. (Trecho da entrevista/Jéssica).

Compreendemos que os enunciados das místicas do MST são articulados através de um tema específico, sendo que para cada tema existem seus elementos. Neste sentido, é possível dizer que as místicas da organização trabalham, em cada momento, com tipos de enunciados e que variam dependendo do espaço e do momento que os sujeitos sem-terra estão vivendo. Além disso, é visto que os sujeitos são importantes no processo de articulação dos enunciados nas místicas, sendo eles responsáveis por ‘dramatizar’ os enunciados nos rituais, porque sua experiência no movimento tem possibilitado uma formação.

Nas místicas do MST é comum ouvir enunciados do tipo: ‘Reforma agrária quando? Já!’, em uma sequência de repetição, sendo que um sujeito grita ‘Reforma agrária quando?’, e os demais dizem o restante. Este enunciado, em geral, é repetido por três vezes, assim como

acontece com os demais enunciados. Mas não se pode descartar aqueles que surgem no decorrer da apresentação das místicas da organização através dos poemas e das músicas.

Na mística existem práticas discursivas para dar conta da história social que o MST continua. Elas são forjadas pelos militantes de diversas maneiras, como já foi citado no decorrer deste trabalho – é o caso das canções, dos poemas, das palavras de ordem, entre outros, que compõem a rede histórica de enunciados que circulam na mística da organização dos sem-terra.

Os elementos que aparecem nas místicas e em outros espaços em que os militantes do MST estão presentes, têm a função de trazer os valores sociais dos sujeitos através dos enunciados. Estes, por sua vez, procuram conscientizar as pessoas para que possam dar sentido à sua vida. Porém, isto só é possível na medida em que os enunciados, que surgiram por meio dos objetos simbólicos, possibilitam que as pessoas reflitam sobre sua realidade.

2.2 Práticas discursivas constituídas por meio das místicas do MST

A partir do questionamento “Como se constitui o ato enunciativo da mística do MST?” passamos a refletir sobre o assunto. Partimos da ideia de que quando os militantes preparam as místicas eles estão participando do processo que resultará na enunciação dos discursos políticos e ideológicos do grupo. Neste sentido, quando os militantes usam, nas místicas, os discursos ou enunciados que vieram da luta, este acontecimento se constitui em um ato enunciativo.

Para falar das práticas discursivas presentes nas místicas, torna-se fundamental discutir a participação dos sujeitos nos rituais. A participação é um ato de manifestação, portanto, uma prática que possibilita as pessoas se manifestarem; ela contribui para o surgimento de outras práticas discursivas. A partir da inserção das pessoas nas manifestações que é possível perceber a constituição das práticas discursivas, como por exemplo, os textos que os militantes escrevem para serem lidos nas místicas, os poemas, as músicas e as palavras de ordem que são criadas para dar sentido à luta do povo sem-terra. Assim, o texto lido, a palavra de ordem gritada, a linguagem poética e musical são formas de manifestações comunicativas, ou seja, são atos enunciativos, portanto, práticas discursivas.

Os militantes e os simpatizantes do movimento são convidados para os momentos de preparação e de realização da mística. No entanto, nem todos eles se disponibilizam a organizarem essa atividade, tampouco realizá-la. Podemos perceber, no trecho a seguir de uma entrevista, que todas as pessoas são convidadas para participar, mas nem todas têm vontade de participar.

Creio que sim, todos têm as mesmas oportunidades de participar das místicas, mas nem todos se inserem nelas por acharem tímidos, outros por acharem que não tem habilidades. Mas, tem gente que tem mais facilidade para ler um poema, para se expressar, para interagir com o público, então, vai ter gente que tem mais facilidade e os que não têm por ser mais tímido, e por isso, se retrai um pouco na hora da mística. (Trecho da entrevista/Messias).

Existem, no MST, pessoas que não participam das místicas porque se consideram tímidas. Além destes, têm os que não sentem vontade e, por isso, muitas vezes deixam de participar das atividades culturais da organização. A participação nas místicas se constitui como um ato enunciativo, já que os militantes usam a ação de participar para enunciar os seus discursos, dessa forma eles podem ser vistos como atores. Vejamos como acontece o ato de enunciação na mística do MST.

Tem, oportunidade tem, mas vontade é o difícil de ter, pois, nem todo mundo tem vontade de participar de mística, acha bonito e gosta, mas participar mesmo não tem. Mas nós damos oportunidade sempre até mesmo para diversificar tanto é que se em uma sala de aula são cinquenta e três alunos nós precisamos apresentar algo com a cara deles, tem como inserir esses cinquenta e três alunos por oportunidade, mais por vontade mesmo alguns deixar de participar. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Esta situação tem dado lugar para a juventude assumir as atividades culturais da organização, pois se vê a participação massiva dos jovens nas místicas do MST. Os jovens ligados ao MST, em muitos espaços, são os responsáveis pelas místicas. O trecho a seguir de uma entrevista atesta isto.

Aqui no Estado do Pará a juventude é muito engajada nas místicas, geralmente todo mundo participa como as grávidas, as crianças, os recém-nascidos, criança de zero a doze anos, todo mundo é inserido na mística, mas aqui na nossa região são os jovens que mais participam da mística, [...] são os jovens do próprio movimento e que aqui no caso é ligada a igreja também, grupo de jovens da igreja que participam das místicas do movimento. (Trecho da entrevista/Hallayana).

De modo geral, a juventude dos assentamentos e acampamentos do MST tem assumido as bandeiras de lutas da organização dos sem-terra e, deste modo, tem desenvolvido algumas das atividades do movimento em alguns espaços, como é caso das místicas que são apresentadas nos cursos, nas assembleias e nas associações. Neste sentido, as místicas possibilitam a constituição de atos enunciativos, visto que as pessoas assumem o poder de repassar certos dizeres para a classe trabalhadora e para a sociedade. Os sujeitos são convidados a serem autores nos espaços do MST, mas, na maioria das vezes, quem assume o ato enunciativo delas é a juventude ligada ao movimento. Verificamos como o ato enunciativo se constitui na mística do MST:

Às vezes, acabamos criticando um pouco... nós enquanto juventude. Pois em todos os espaços nós sempre ficamos responsáveis pela mística, e por isto, que em alguns momentos de avaliação começamos perceber a importância que a mística tem nos nossos espaços de debates, e como já falei ela é própria arte falando, então, ela por si só consegue expressar um pouco nossa luta, o anseio do nosso povo. Assim, ela imprescindível na nossa luta, assim, como nas outras tarefas as místicas não pode faltar, então, nós temos experiências de momento de crise que não tínhamos inspiração para mística, isto acabou desanimando o nosso pessoal. A mística vem para animar, para nos mostrar o horizonte, pois sem ela nós acabamos fraquejando na luta. (Trecho da entrevista/Poliana).

A mística dá o poder de enunciação para os militantes do MST, já que eles usam o ritual para declarar, para o público que assiste, as condições sociais que vivem no dia-a-dia. Por isso, a ideia de que só os militantes que possuem certas habilidades de falar em público, por exemplo, podem participar da mística não é verdadeira; os militantes afirmam, em seus discursos, que todos os sujeitos são capazes de fazer parte das místicas do MST. Basta que eles se disponibilizem, pois todos têm o potencial para realizá-las. No trecho a seguir de uma das entrevistas se pode perceber isto.

Olha como existe essa questão que é ilusória para mim, de as pessoas acharem que um sabe fazer mística e outros não. Em minha opinião que é pessoal, acho que todos os sujeitos podem fazer mística, mas nem todo o sujeito se coloca como disposto para fazer a mística, por exemplo, não é algo que já vem e só fulano e sicrano sabe isso e aquilo e outro não, os próprios sujeitos às vezes não se vê com um potencial de fazer a mística, essa mística mais elaborada a pontual. Mas, às vezes você olha para aquele indivíduo que não sabe declamar e às vezes não lê com uma entonação tão boa um poema, não vou dizer tão boa, mas assim exigida, que não sabe cantar de acordo com a melodia. Porém, às vezes pega o microfone e vai lá para frente e faz uma animação para lutar. Esse desejo que outro tem de declamar poemas e fazer isso (...) na mística e não consegue então, isso é muito relativo, essa situação. (Trecho da entrevista/Clívia).

Percebemos que alguns militantes não se sentem à vontade para participar das místicas por vários fatores. Porém, o fato de um sujeito não participar da realização das místicas não significa que não possa aprender, ou seja, compreender as mensagens que elas trazem para reflexão.

O momento de preparar as místicas do movimento coloca os sujeitos em situação de estudo, possibilitando a eles pensarem como será o ritual para cada momento e necessitando de uma pesquisa prévia sobre os elementos que podem aparecer durante a apresentação. O conhecimento que as pessoas se apropriam através do estudo para a realização das místicas ajuda as mesmas a se tornar autores, sujeitos que dizem certos enunciados para os trabalhadores na tentativa de convidá-los para a luta. A partir do trecho da entrevista da H é possível perceber o que eles aprendem com a realização das místicas da organização.

Aprende por que quem está realizando a mística está buscando, está pesquisando. Quando vamos pensar uma mística, pesquisamos algo que remete à história, e para isto, a pesquisa é realizada por meio da internet, em revista, em livros; sempre nós lemos outras coisas para falar, por exemplo, como eu já tinha falado no massacre, para falar do massacre não basta o que sei agora, tenho que pesquisar como aconteceu o massacre, quem que teve envolvido, por quê? Quem participa também tem que está inteirado disso, tanto quem pensa quem participa tem que está inteirado. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Percebemos que a mística se constitui em um processo formativo dos sujeitos, visto que, por meio dela eles estudam, realizam reflexões e, por fim, uma ação. Assim, a hipótese que temos é que a mística contribui para o processo formativo dos militantes do MST, dessa maneira, os sujeitos vão assumindo as atividades da organização dos sem-terra.

Quem tem exercido o poder de enunciar o processo de luta do movimento através das místicas são os jovens, que pensam, planejam e realizam as místicas do MST. Tais cuidados possibilitam, aos trabalhadores, pensar sobre a realidade em que vivem. Em outras palavras, a juventude tem se tornado, dentro da organização, uma referência forte, já que muitos estão à frente de alguns setores do movimento.

É visto que um grupo pequeno pensa a mística do MST e é a partir disso que são inseridas outras pessoas para participar de suas manifestações. Desta forma, é formado um grupo maior que privilegiar um momento para a preparação da mística. No trecho a seguir de uma entrevista se pode perceber isto.

Normalmente, só é pensado algo num grupo pequeno (para a preparação da mística), senta no máximo dez pessoas para articular a mística e depois... Se for num congresso articula com um grupo maior, mas ensaios mesmo, ensaio como se tem no teatro normalmente é muito raro acontecer, a preparação é esse pensar, mas ensaio não tem. O preparar, por exemplo, na próxima semana vai ter uma mística, o preparar é esse de catar as ferramentas de acordo com o tema, é escolher poemas de acordo com o tema, essa é a preparação. (Trecho da entrevista/Hallayana).

De acordo com a entrevistada, o momento de ensaio não existe para a mística do MST, porém, é admitida a existência de uma preparação. Entretanto, há indícios de que ele (ensaio) pode acontecer quando ela diz que ‘é muito raro acontecer’. No nosso entender, a preparação é diferente do ensaio, pois esta é o momento em que a mística é pensada. A preparação da mística possibilita, aos militantes, escolher os elementos que vão fazer parte do espaço de apresentação, como pode ser visto no trecho acima de uma entrevista.

Para aprofundar nesta discussão sobre o ato enunciativo que surge nas místicas do MST buscamos apoio nas abordagens que falam de um sujeito social, considerando que as místicas trazem os discursos do sujeito sem-terra. Bakhtin (2006) utiliza de um aporte teórico que lhe possibilita dizer que existe o sujeito social, e que este é atravessado pelas vozes de outros sujeitos. Este autor explica que

Com efeito, se a palavra não lhe pertence totalmente, uma vez que ela se situa numa espécie de zona fronteira, cabe-lhe contudo uma boa metade. Em um determinado momento, o locutor é incontestavelmente o único dono da palavra, que é então sua propriedade inalienável. (2006, p.115).

Dessa forma, podemos dizer que o sujeito se constitui através do meio social em que vive, e que o contexto social vivido é que determina sua consciência. É provável que desta maneira o sujeito ocupe uma posição que lhe possibilite dizer certas coisas. Ressaltemos ainda que esta posição que o sujeito ocupa em determinado momento só é permitida porque antes houve uma apropriação dos saberes de uma dada realidade.

O sistema de representação simbólica da vida no campo desenvolvido pelo MST nas místicas existe nas relações de interação e na consciência subjetiva dos indivíduos que participam do grupo. Esta coletividade criou as normas por meio das crenças adotadas por eles em um processo de interação social. Existe um cuidado com as normas, pois é necessário haver coesão entre os participantes desta coletividade. Isto porque na mística é construída uma

significação social que está inserida dentro de um contexto social diferente. Bakhtin afirma que

Todo sistema de normas sociais encontra-se numa posição análoga; somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regida por essas normas. São assim os sistemas de normas morais, jurídicas, estéticas (tais normas realmente existem), etc. Certamente, essas normas variam. Diferem pelo grau de coerção que exercem, pela extensão de sua escala social, pelo grau de significação social, que é função de sua relação mais ou menos próxima com a infra-estrutura, etc. (2006, p.92).

O sistema de normas adotado por um grupo social existe para manter a coletividade entre os sujeitos; a coesão é o que mantém o grupo unido para lutar e resolver os seus problemas. Dessa forma, o que mantém a união do grupo para enfrentar a estrutura social posta na sociedade é o sistema de normas que os indivíduos construíram, mas ele indica como os membros do grupo devem agir, pois está na consciência subjetiva das pessoas. Em síntese, as relações sociais entre os sujeitos passam a ser outras, desde que os mesmos começam a viver um drama que lhes obrigue a buscar uma solução para reverter os problemas sociais, antes que a sua comunidade seja afetada e não exista mais uma coesão no grupo.

Para Foucault (2000), o discurso é histórico e social. O autor aponta que ninguém é dono do discurso, mas que cabe ao sujeito a função de autor, porque este organiza os enunciados que permeiam nosso meio social para formar seus discursos. E é neste sentido que o enunciado está sempre ligado a outros enunciados, como se fosse uma teia ou uma rede, utilizando a expressão de Foucault (2000). Por outro lado, as pessoas precisam se apropriar dos saberes deixados através dos símbolos ou dos signos para dominar os mecanismos que lhes possibilitam dizer certas coisas em determinados momentos.

É por meio da mística que alguns militantes assumem a condição de donos de um discurso, isto porque os mesmos, na mística, passam ter a função de atores. No entanto, seus discursos não são neutros, visto que assumem a mística como ferramenta de protesto e, por isso, proferem certos enunciados para expressar seus desejos. Nestes discursos é possível perceber alguns dos princípios defendidos pelos militantes da organização, tais como: a defesa pela posse da terra e distribuição da terra, a luta pela democracia e pela liberdade.

Para proferir seus discursos os sujeitos são levados a eleger alguns enunciados e os ditos que irão possibilitar dizer o que se pretende. Depois de escolher estes enunciados, as

pessoas se apropriam dos ditos para formar seus discursos. Mas vale dizer que, ao fazer isso, surgem novos enunciados, com novos sentidos. O processo de apropriação de um enunciado apresenta um problema, ao possibilitar escolher alguns enunciados se está excluindo tantos outros, pois nem todos os enunciados são compatíveis para serem utilizados em um discurso. Nesse sentido, Bakhtin considera que

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (2006, p.124).

A interação social entre as pessoas é estabelecida pelas práticas discursivas dos sujeitos, que estabelecem contatos. Às vezes é legitimada por um acontecimento, visto que o discurso é da ordem dos acontecimentos, mas isto necessita ser reconhecido pela linguagem. O processo de estabelecimento de poder entre as camadas sociais se dá através do padrão de vida social dos sujeitos. A pobreza provoca, em uma sociedade como a nossa, a divisão da humanidade. Deste modo, algumas pessoas se colocam como superiores e estigmatizam outras como inferiores.

É por meio da palavra que surge a diferença entre as pessoas, pois há aqueles que podem dizer certas coisas e os que não podem. Claro que isto está relacionado à ideologia, que na percepção de Chauí (1980, p.92): “a ideologia é o processo pelo qual as idéias da classe dominante se tornam idéias de todas as classes sociais, se tornam idéias dominantes”. Portanto, a ideologia é as idéias que prevalecem por meio de uma postura política de uma classe social. Neste sentido que a autora diz que, “as idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação” (CHAUI, 1980, p.92). Isto tem nos levado a refletir que as palavras usadas por um grupo dentro de um contexto social têm um caráter ideológico, isto porque, elas são usadas pelos sujeitos para expressarem as relações sociais construídas historicamente, portanto, as palavras possuem sentidos. Sobre isso Bakhtin esclarece que

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*.

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (BAKHTIN, 2006, p.115).

O sujeito que vive nesta sociedade é produto da ideologia e dos saberes que foram constituídos através das produções de enunciados que surgiram da necessidade de os sujeitos expressarem o mundo. Por outro lado, os discursos entram em constante contradição, visto que são formados pelos sujeitos através de relações diversas e a significação muda de acordo com o contexto social em que o discurso é pronunciado. Neste sentido, Bakhtin ressalta que

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. (2006, p.115).

A enunciação é o mecanismo que possibilita a realização de um discurso, mas para isso é necessário organizar os enunciados que vêm dos saberes populares. Estes surgem através das relações sociais dos sujeitos e se materializam na interação verbal. O que possibilita o surgimento da ideologia é articulação dos saberes de uma crença.

É por meio da discussão sobre enunciação que nos leva falar sobre a manifestação da mística do MST, já que ela possibilita a circulação de enunciados que traz as ideias políticas do movimento. Diante disso, os militantes, ao realizá-las, estão trabalhando com a ideologia do seu grupo social. Isto só é possível através de imagens que representam a luta pela terra. Neste sentido, as místicas trazem os discursos do sujeito sem-terra.

Acho que a mística é o que alimenta o movimento, na verdade, acho que é uma das marcas do movimento, por isso, é um símbolo grande, é o espírito da motivação para organização, porque é nós conseguimos organizar o raciocínio, consegue organizar o comportamento, a história para através de a mística mobilizar, articular e fazer algumas frentes que é preciso. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Notamos no trecho acima da entrevista que a mística é um dos elementos que alimentam o movimento, isto se dá pelo fato de ela ter se tornado essencial para a luta do MST. Por outro lado, a mística ajuda na formação da militância, fazendo com que os sujeitos

conheçam a história e se apropriem do conhecimento. Daí é possível dizer que os enunciados usados para a constituição dos discursos dos militantes venham das místicas do MST, e que isto (a mística) tem possibilitado uma formação discursiva dos sem-terra.

Na visão de Foucault (2000), os enunciados são carregados de sentidos, de modo que eles desenham significados para as pessoas, organizam os discursos conforme a pretensão social. Foucault (2000) também afirma que os enunciados estão circulando em nosso meio social. Em outras palavras, os enunciados são as unidades discursivas que nos possibilitam formar nossos discursos, e estes estão presentes em todos os lugares, basta sabermos organizá-los para fins específicos.

É possível dizer, através desta reflexão, que a formação discursiva perpassa não só o enunciado, ou melhor, dizendo, não só a palavra que foi dita através de uma enunciação. Além disso, o enunciado pode ser constituído de uma ferramenta que faz parte de uma cultura, e também da produção artística, seja do artesão ou do ator. Para tal entendimento Foucault (2008, p.95) enfatiza que “será preciso admitir que qualquer série de signos, de figuras, de grafismos ou de traços – não importa qual seja a sua organização ou probabilidade, é suficiente para construir um enunciado, e que cabe à gramática dizer se se trata ou não de uma frase [...]”. De fato, o enunciado é constituído por meio de vários signos que são manifestados pelos objetos, de modo que estes objetos precisam ser significados pelas pessoas para se tornar um enunciado. Foucault (2008, p.95), diz que “o limiar do enunciado seria o limiar da existência dos signos”. Na opinião deste autor, é necessário que as pessoas dêem sentido para as coisas que estão à sua volta, somente depois os objetos poderão fazer parte de seu mundo.

Quando se fala de signos de uma língua percebemos que existe uma estrutura e que ela não é base para a formação do enunciado, visto que a formação do enunciado se encontra na exterioridade. Decerto que a língua funciona como um dispositivo que possibilita, às pessoas, pronunciar os seus discursos. No fundo, os enunciados já estão disponíveis nos objetos e isto tem possibilitado que as pessoas reflitam sobre eles para formar novos enunciados com novos sentidos. Foucault considera que

A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição (mais ou menos exaustiva) obtida a partir de um conjunto de enunciados reais. A língua e o enunciado não estão no mesmo nível de existência; e não podemos dizer que há enunciados como dizemos que há línguas. Mas basta, então, que os signos de uma língua constituam um enunciado, uma vez que foram

produzidos (articulados, delineados, fabricados, traçados) de um modo ou de outro, uma vez que apareceram em um momento de tempo e em um ponto do espaço [...]. (2008, p.96).

A língua é o suporte fundamental para a produção de enunciados, visto que ela é um sistema de regras que possibilita constituir os discursos. Mas nem sempre os enunciados são constituídos sob a orientação da função estrutural da língua, antes disso existem os aspectos sociais que estão ligados ao modo de vida dos sujeitos que fazem uso da língua de uma comunidade. Foucault (2008, p.98) argumenta que

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

O enunciado tem a sua maneira singular de existência, na visão de Foucault (2008). Esta característica dos enunciados determina em que nível os signos linguísticos são utilizados pelos sujeitos na formação de outros enunciados. Outro ensinamento de Foucault (2008) é que os enunciados são formados ou elaborados de acordo com os interesses de determinados sujeitos. Desse modo, os enunciados são construídos com certo cunho político.

É possível pensar que a mística do MST trabalha com uma diversidade de enunciados. Ora ela surge espontaneamente¹⁹ e, de vez em quando, aparece de forma planejada. De qualquer forma, a mística, dependendo de como ela surge no movimento, contém enunciados específicos que caracterizam o momento que os trabalhadores estão vivendo.

A mística ela não é uma ação individual das pessoas, às vezes ela é espontânea sim, em sua maioria. Quando se decide fazer a mística ela é espontânea, mas a mística acontece naturalmente, mas agora é claro com o esforço de um coletivo ou de grupo que vai preparar a mística, mas ela é [...] como instrumento, como as coisas são escolhidas vem do debate coletivamente para ir incorporando os elementos necessários para fazer a mística, por isso, isto também vai depender da circunstância e da conjuntura que estamos vivendo, isto vai apontar para um tema. (Trecho da entrevista/Ivagno).

¹⁹ O sentido espontâneo ou natural na fala dos militantes é estabelecido pela consciência de que a mística não foi ensaiada para acontecer.

No trecho acima da entrevista se nota que, dependendo da conjuntura social que os sujeitos vivem, surgem apontamentos para os temas das místicas. Mas, geralmente, os temas são signos linguísticos que servem para representar a luta dos trabalhadores sem-terra. Além disso, podemos perceber que elas são fruto de um esforço coletivo dos trabalhadores sem-terra, como é possível perceber no trecho da entrevista acima. No que é corroborado por Bogo (1998, p.14), que considera que “a mística no MST é um produto coletivo, bem como a sua apresentação e a sua preparação”. Isto posto, compreende-se que a mística desperta a coletividade no movimento.

De fato, as pessoas criam os signos linguísticos como ação simbólica; e isto começa a partir da necessidade de significar as coisas à sua volta. Tais cuidados têm possibilitado que os mesmos (os signos linguísticos) sejam moldados conforme o interesse das pessoas que os utilizam. Isto é o bastante para se constituir a relação de poder nos discursos dos sujeitos, visto que estes selecionam os signos que serão responsáveis pela formação dos enunciados que constituem seus discursos. Desta forma é possível se identificar as identidades dos sujeitos, por sua posição de locutor.

Apropriamo-nos de signos e os reproduzimos em nosso cotidiano através dos enunciados que fazem parte da nossa memória discursiva. Neste sentido, os enunciados que articulamos não vivem no passado, mas no presente; a partir do momento em que pronunciamos os enunciados em dado contexto social, os mesmos passam a fazer parte do presente. É por esta razão que Foucault (2000) argumenta que o enunciado é da ordem do acontecimento.

O enunciado só faz sentido quando é dito; ao contrário disso não existe enunciado. Porém, existe o jogo que permite que os enunciados sejam articulados, visto que eles são pensados para um determinado contexto. Então, os enunciados estão relacionados a temas específicos. É por isso que Foucault (2008, p.104) diz que “não há signos sem alguém para proferi-los ou, de qualquer forma, sem alguma coisa como elemento emissor. Para que uma série de signos exista, é preciso – segundo o sistema das causalidades – um ‘autor’ ou uma instância produtora”.

A função enunciativa fazendo parte do agora é o ato de dizer algo. Isto é, a função enunciativa tem como propósito dizer algo que se concretiza no dito que é o enunciado. A construção do signo se dá pela necessidade das pessoas. Mas isto só é possível se for proferido

por um canal de comunicação em que existam interlocutores e que a comunidade linguística seja partilhada por ambos. Foucault (2008, p.105) afirma que “o sujeito do enunciado é uma função determinante; [...]”, isto porque quem anuncia algo assume uma posição em relação a outra pessoa, criando relações de poder. Neste sentido, torna-se necessário que o sujeito organize seu enunciado para constituir seus discursos.

A descrição dos enunciados só é possível a partir do contexto social em que é dito o enunciado. É somente aí que podemos buscar os significados do enunciado formulado. O sentido dado às coisas está no dito. Na visão de Foucault (2008), as coisas ditas dizem mais que elas mesmas. A partir do ponto de vista deste autor, podemos pensar no não dito que prevalece sobre o dito, mas que ainda não foi considerado pela história.

O dito e o não dito dialogam entre si, sendo que o segundo completa o primeiro. Ao se dizer algo, outros também são ditos, no entanto, permanece o dito em uma margem e o não dito em outra. A existência do não dito está oculta, mas, mesmo assim, o não dito diz algo para aqueles que buscam, nas entrelinhas, fatos que não são contados pela história.

O discurso se encontra no nível do indefinido, para cada expressão são atribuídos sentidos e significados que podem ou não ser compartilhados pelos membros de uma comunidade. A lei da raridade para Foucault (2008) é encontrada nos enunciados não ditos. A língua abre um leque para que as coisas sejam enunciadas, mas nem sempre isso acontece, pois muitas coisas não passam por um processo de formulação, porque vai contra os princípios de algumas formações discursivas de alguns grupos sociais.

Isto significa que a pessoa, ao assumir determinados discursos, acaba negando outros. Dessa forma, ela acaba sendo influenciada pelos enunciados que estão ao seu redor. Os enunciados são construídos e podem dar poder para o sujeito assumir uma posição social. Certamente, algo é dito de um determinado lugar. Isto é, o enunciado ocupa lugar na superfície, já que é proferido com um objetivo, assim como está dentro de uma esfera que é dita e por conta disso pertence a um lugar.

Os discursos surgem das práticas dos sujeitos e incorporam uma relação de poder. Para saber como isto foi construído na sociedade é necessário que as pessoas se apropriem dos enunciados e compreendem o processo histórico que contribuiu para a construção de sentido. Descrever um enunciado é tentar desvendar uma colcha de retalhos, pois existem lacunas que devem ser desvendadas na descrição dos conjuntos de enunciados ou de performances verbais.

É por meio dos enunciados que circulam na mística do MST que os militantes enfatizam, para os que estão em processo formativo, a ideologia marxista presente no MST apoiada no princípio de mudança social. De acordo com Souza (2012, p.57), “o papel político da mística já foi admitido e esse recurso torna-se hoje ferramenta primordial no sentido de pertença ao grupo, contribuindo, junto aos setores de educação, formação e cultura, com a disputa entre ideologias regressivas e progressivas no interior dos acampamentos e assentamentos”. Neste sentido, a mística passa a ser o canal que possibilita aos sujeitos anunciar certos ditos para os trabalhadores e, com isso, reforça a necessidade das pessoas se formarem para ajudar na educação dos sujeitos ingressantes na organização dos sem-terra.

2.3 A constituição de uma posição do sujeito através das místicas do MST

A posição que os militantes assumem na luta do movimento advém, muitas vezes, das experiências adquiridas nas místicas do MST, pois as mesmas orientam os sujeitos a lidar com os problemas que enfrentam durante a luta da organização. Neste sentido, a mística da organização dos sem-terra traz ensinamentos para os militantes de modo geral. Vejamos o trecho a seguir de uma das entrevistas.

Com certeza, porque a mística ela serve como horizonte para nós continuarmos andando, ela nos inspira, ela nos ensina. É a forma que nós temos para expressar o que estamos sentido naquele momento, por isso, que nem falei para você que ela flui naturalmente, eu... precisamos estar inspirados, então, ela acaba ensinando... nós expressa aquilo que às vezes não conseguimos colocar em palavra. (Trecho da entrevista/Poliana).

Assim, cada vez que os sujeitos presenciam uma mística, eles aprendem novas coisas. Daí que se acredita que a mística do MST potencializa o processo formativo dos sujeitos, pois eles se constituem como militantes do MST através das atividades que são realizadas cotidianamente. As místicas assumiram, dentro da organização, o papel de formar os sujeitos para luta e, deste modo, têm contribuído para a identidade e a cultura das pessoas inseridas no MST. Isto tem nos permitido refletir que existe um método da mística do MST, já que a constituição dos rituais do movimento passa por pelo menos dois tipos de processo, o de preparação e o de apresentação. Diante disto, fica clara a existência de algumas regras para as místicas acontecerem, sendo uma delas a participação coletiva dos sujeitos ligados ao movimento. Assim, é possível quebrar com a divisão do trabalho, pois todos podem e devem participar do momento de preparação do ritual. Outra regra é a do debate coletivo, este é o

momento de reflexão e de divergência de ideias que possibilita a constituição de aprendizagens. Assim, é constituída a cultura política no ato de produção da mística. Podemos verificar, no trecho a seguir de uma entrevista, como os sujeitos aprendem com o fazer das místicas.

Olha, é porque esse é outra situação também de pensar que, por exemplo, que só um grupo que pensa a mística e outro não podem pensar a mística, isto acontece e não vou dizer que não acontece, mas assim, o fazer da mística na minha visão que é pessoal ele não tem isso, ou seja, ele não pode ser isso de dizer assim, tem o que pensar e os que executam, porque é um processo tão rico você pensar a mística e ao mesmo tempo realizar a mística. É claro que as pessoas que usam a expressão realizar a mística, ela não é simplesmente pegar aqui e vou só fazer só isso. Ele vai ter a noção do todo também, discutir também o todo apesar de que ele não participou minuciosamente da construção do espaço da mística, assim, ele ao pegar a habilidade que tem ler o poema, outro posso contribuir aqui, porque tenho mais segurança de fazer isso, mas é claro que ele quando ler o poema estará atento para a aprendizagem também, a ele reparar, por exemplo, qual é o primeiro passo, quem entra agora e por que disso, também existe aprendizado grande nessa questão de discutir a mística, pois é um aprendizado fantástico por que existe divergência de ideias, por exemplo, ali vai ser pensada a mística passo por passo e as pessoas vão ter chegar num consenso, às vezes não, por que tem sujeito que não cede e isto fazem as pessoas ficam chateadas. Porque a ideia de um é melhor que outras, e por isso, uma prevalece sobre a outra, isso para mim é uma aprendizagem, porque nessa questão da mística existe muito divergência, e para mim isso é primordial, porque a mística que não tiver divergência não cumpre com essa questão do aprendizado. (Trecho da entrevista/Clívia).

A partir deste trecho da fala da entrevistada Clívia se nota que é frisada a existência de aprendizagem nas atividades que os sujeitos realizam para as místicas acontecerem. Além disso, confirma-se, a partir deste trecho da entrevista, que há um método da mística do MST que possibilita a troca de ideias no momento de elaboração das místicas. No entanto, nem todas as ideias são aceitas para uma determinada mística do MST, porque existe um debate no momento da preparação que permite serem escolhidas aquelas ligadas ao contexto social vivido pelos sujeitos sem-terra. Este fato tem sido responsável por alguns atritos entre os militantes, porque nem todos se conformam com o fato de a sua ideia não ter sido aceita. A entrevistada Clívia afirma que as místicas conseguem fazer com que os sujeitos pensem coletivamente. Percebemos que o conflito existe na preparação das místicas e que é próprio das relações sociais haver conflitos. Talvez o principal mecanismo que contribui para a existência de conflitos é a relação de poder que existe nos grupos sociais. O que tem a ver com os diferentes protagonismos assumidos pelos sujeitos ao longo do processo de luta e nos rituais místicos.

É possível perceber que as pessoas que têm certo comprometimento com as místicas se constituem como sujeitos militantes do MST e, por isso, são respeitadas pelo grupo. Assim se percebe que as místicas do MST se constituem em algo muito sério para os militantes, pois tudo que acontece durante uma mística serve como conteúdo de reflexão.

Apontar os elementos das místicas do MST tem possibilitado entender os enunciados de cunho político e ideológico que aparecem e circulam na organização. Do mesmo modo, permitem identificar de que maneira estas vozes que surgem dos enunciados, e que persistem em aparecer nas manifestações culturais do MST, podem ajudar na criação de uma memória discursiva. Veja como a mística faz parte de uma memória discursiva no trecho da entrevista abaixo.

Porque primeiro ela é envolvente, ela é esse sentimento de pertença, então, todo mundo que vai fazer uma ocupação, as pessoas se apaixonam pela proposta, então a mística também ela é essa paixão, ela também é essa paixão, ela tem esse poder de convocatória, ou seja, de convocar as pessoas e os sujeitos a fazer parte inclusive da luta para fazer uma ação, para fazer uma jornada, para fazer uma marcha, para fazer uma mobilização. Então, ela é importante sim, porque a mística ela é o instrumento necessário no MST que vai aglutinando em torno de seu projeto maior. (Trecho da entrevista/Ivagno).

A partir do trecho da entrevista acima, percebemos que os sem-terra interagem com uma memória discursiva que revela a trajetória de luta de outros movimentos sociais. Diante desta percepção, os enunciados são fundamentais para se compreender como os trabalhadores assumiram uma posição social em que existe uma reflexibilidade que permite aos militantes do MST enunciar um discurso que seja aceito por algumas categorias sociais.

A memória discursiva é constituída pelos valores sociais que foram construídos por meio das relações sociais que os povos mantiveram entre si, a mesma perpassa de geração para geração através das práticas discursivas. Neste sentido, a mística do MST traz uma memória discursiva que recupera os valores sociais dos índios, dos camponeses, dos meeiros que lutaram para ter a posse da terra, dos quilombolas, dos garimpeiros, entre outros.

O que a mística traria como elemento para reflexão! A mística também é um momento para reflexão, ele vai apreender o que foi decidido para trazer como reflexão, também, a mística é resgate e é história, presente, futuro e fim. As pessoas também vão aprendendo em sua maioria os outros (além da reflexão tem outras coisas que a mística traz), por presenciar ou assistir a mística. Além disso, aprende a ser uma pessoa expressiva que consegue se expôr melhor, porque é o momento aonde as pessoas vão se dedicar e se doar

para fazer o melhor. Acho que aprende isso, além do tema que foi adotado elas aprendem como se comportar em determinadas situações ou que tipo de leitura que as pessoas precisam fazer em determinadas situações. A mística ela vai fazendo o resgate, também, apreende o passado, apreende o futuro e aprendem o que estão fazendo. (Trecho da entrevista/Ivagno).

É neste sentido que o presente trabalho busca enfatizar como podem ser entendidos os enunciados que surgiram, e continuam a surgir, de uma memória discursiva que foi construída pelas experiências sociais das lutas camponesas e que são incorporadas na luta do MST. Estes enunciados que surgem da memória discursiva de organizações sociais são responsáveis por formar os discursos. Isto tem sido o dispositivo que leva a formar as práticas discursivas que promovem as mudanças sociais, já que os discursos não são neutros, como Foucault (2008) tem mostrado em seus estudos.

A arte de falar tem sido, para o MST, o instrumento de despertar e de conscientizar os milhares de trabalhadores rurais para a luta. É através dos enunciados que as pessoas expressam suas vontades, seus desejos e sua história. Desta forma, os militantes do MST têm demonstrado não só seus ideais, mas de toda uma classe social.

É inconcebível imaginar os dirigentes, isto é, uma liderança ou um quadro se ele não tiver essa capacidade de expor seus sentidos sobre determinada coisa. Um quadro inclusive tanto intelectual técnico ou político do MST deve ser uma referência para esse momento. Imagina o que seria um quadro se não tiver todos esses elementos, por isso, ela (a mística) vai preparando sim, desde o primeiro passo que nós fomos conversamos aqui, pois, a base da militância tanto intermediária como essa militância mais pontual do dia-a-dia, ela vai se formando com esses espaços, tanto politicamente como ideologicamente até se tornar um futuro quadro orgânico e político do MST, para tocar um conjunto de tarefas no MST e, também, da classe trabalhadora. (Trecho da entrevista/Ivagno).

Em outro momento da história a maioria das pessoas não tinha condições de dizer certos ditos. Isto porque na constituição da história algumas das categorias sociais não tiveram voz para expressar suas vontades. É por este fato que o discurso é formado por vários enunciados – percebe-se que os militantes do MST construíram um discurso permeado por várias vozes que a história se encarregou de silenciar. Possivelmente estas vozes estão presentes nas atividades do movimento, nas suas práticas culturais, que vão desde a mística até outras manifestações que acontecem nos espaços nos quais os militantes estão presentes.

Podemos dizer que as místicas são fruto de discursos produzidos ou fabricados pelos sujeitos que foram esquecidos pela história da sociedade. Por isso, elas incorporam as

histórias das lutas, as dificuldades e os problemas sociais encontrados por algumas categorias sociais que ficaram à margem, no esquecimento. Por fim, o enunciado está dentro de uma rede que torna necessário que o sujeito busque referências em outros enunciados para trazer o não dito que foi silenciado pela história dos excluídos da sociedade.

Percebemos que os sujeitos assumem uma posição para dizer certos ditos por meio da mística, porém, o que contribui para que o discurso tenha efeito é se ele está coerente com os valores sociais do grupo, no caso dos trabalhadores sem-terra.

Para Foucault (2008), o importante para análise do discurso não é quem diz algo, mas o que é dito e de que lugar, pois este lugar é que determina os sujeitos. Existe a necessidade de saber, nos estudos sobre os enunciados, em que posição o sujeito se situa para dizer determinadas coisas. Neste sentido, podemos dizer que os sujeitos sentem necessidade de dizer algo, mas nem todos têm o poder de dizê-lo.

Ter o direito de falar para uma comunidade exige a apropriação dos saberes do modo de vida daquela comunidade. É deste modo que o sujeito consegue adquirir a oportunidade de dizer algo. Embora exista um sistema de regras que determina quem pode dizer certas coisas em determinados momentos, só vai existir a troca e a comunicação quando os sujeitos estiverem assumindo uma posição estabelecida por uma classe ou por um grupo social.

Dizer algo hoje significa falar por outros; se não existir a aceitação de um discurso pela comunidade à qual o sujeito pertence o mesmo não funciona. É preciso que as pessoas, ao produzirem seus discursos, levem em conta a aceitação dos membros do grupo a que pertencem.

No ato de falar as vozes falam por nós, porque são enunciados que já foram ditos; por isso, ao falar as pessoas estão dizendo coisas que já foram ditas. Neste intuito é que a voz sem nome de que fala Foucault (2000) é uma voz que já antecedeu alguns anos. Estamos em uma sociedade de exclusão do próprio sujeito, que tem como base os discursos que são produzidos para legitimar os procedimentos de exclusão, como afirma Foucault (2000), através do discurso do sujeito.

O estudo sobre os enunciados em Foucault nos levou a entender a dimensão da importância da linguagem a partir da qual a relação de poder é construída pelos sujeitos. Um indivíduo, ao se apropriar dos enunciados, constrói certo poder de manipular o pensamento de

outras pessoas, já que existe uma ideia de que há as pessoas que pensam e há as que fazem as coisas acontecerem – a relação de dominante e de dominado.

Para Foucault (2008), o enunciado é da ordem do acontecimento. É pensando nisto que podemos dizer que a relação social entre as pessoas é mantida por uma coesão social a partir de regras constituídas. Tais regras, quando passam a ser ameaçadas, rompem-se, e as pessoas organizam vários enunciados com a intenção de manter a ordem. Para aquilo que é constituído como perigo e crise, os enunciados surgem para resolver os problemas de um grupo social. Tendo em vista isto, Foucault (2000) problematiza o presente a fim de entender que os sujeitos sentem necessidade de articular o discurso para se posicionar em seu meio social.

Os enunciados se encontram em constante conflito, visto que alguns acabam engolindo outros. Isto implica a relação de poder que um enunciado pode manter em oposição a outro. Também está implicado o fato de que as pessoas selecionam os enunciados para formar seus discursos. É pensando nisto que percebemos que a língua é o suporte para a comunicação, como Foucault (2000) tem afirmado; isto implica dizer que a língua possibilita que o sujeito enuncie seus desejos para os outros. Para o surgimento de um contato entre as pessoas são necessários algumas elementos, tidos como fundamentais para o processo de interação, tais como: a cultura, a história e o contexto social no qual o sujeito vive no momento específico podem ser manifestados pela linguagem.

Neste sentido, é possível dizer que a mística do MST construiu um discurso específico que dialoga com os valores sociais e culturais da organização, pois, em cada contexto social, o movimento articula palavras com o objetivo de assumir uma posição de classe social.

CAPÍTULO III

OS GÊNEROS DISCURSIVOS QUE COMPÕEM AS MÍSTICAS DO MST

No capítulo anterior vimos como os enunciados se manifestam nas místicas do MST, já que a intenção não fosse citá-los, acabamos falando de como eles desenvolvem um papel importante para a luta dos trabalhadores rurais sem-terra.

No presente capítulo vamos definir os principais gêneros discursivos²⁰ usados nas místicas do MST. E analisar alguns dos gêneros discursivos adotados pelos militantes: o poema, a música e o teatro, selecionados por serem recorrentes no contexto social em que foram inscritos. Desta forma, podemos refletir sobre como os gêneros contribuem para a formação dos militantes orgânicos do MST, entendendo que este tipo de militância assimilou os saberes populares, o que permitiu que fosse assumindo atividades no MST como intelectuais da organização.

3.1 Gêneros discursivos: os enunciados que circulam nas místicas do MST

A ideia de gêneros discursivos trabalhada por Bakhtin (1997) tem nos levado a pensar que as canções, os poemas e os símbolos presentes nas místicas, e em outras atividades do MST, podem ser considerados como gêneros discursivos. Principalmente, porque cada um deles desenvolve um tipo de enunciado específico, apesar de, muitas vezes, com os mesmos conteúdos temáticos. Deste modo, o MST traz para seu cotidiano os elementos simbólicos visando constituir os enunciados para a luta de seu povo. Os signos que circulam nas místicas através das ferramentas e dos gêneros discursivos podem servir de base para a formação de um novo ser social que poderá se tornar liderança da organização, já que os sujeitos passam a ter uma assimilação da ideologia que faz parte da luta do movimento.

Embora existam diferentes linguagens verbais e não verbais, interessa-nos analisar a linguagem verbal presente nos gêneros canção, poema e teatro. Isto porque o estilo verbal utilizado para o processo de comunicação entre os sujeitos é diferenciado, visto que as pessoas

²⁰ A discussão sobre gêneros discursivos será abordada a partir da perspectiva de Bakhtin, na obra *Estética da criação verbal*, 1997.

encontram vários meios para se expressar, não só pelos meios oral e escrito, mas também por outras linguagens muito presentes na luta da organização.

A mística do MST chama a atenção das pessoas porque traz uma linguagem própria, além de ser algo que expressa uma novidade a cada vez que é manifestada. Apresenta uma linguagem que faz referência à luta social do movimento, através da poesia, da música, dos gestos, das mímicas, da expressão corporal, das imagens e ferramentas que apresenta.

É por meio da articulação e da fusão dos diversos enunciados que circulam na celebração que aparece a linguagem poética, musical, gestual, imagética, das artes cênicas e artes pláticas. Isto posto, podemos dizer que a mística pode ser vista como um gesto social, pois ela suporta vários enunciados que articulam o legado revolucionário por meio de várias linguagens que fazem referência às lutas sociais (informação verbal) ²¹. Para Benjamin (1994, p.124): “estamos no centro de um grande processo de fusão de formas literárias, [...]”. É a partir da ideia de fusão, que refletimos que a mística é uma articuladora de vários gêneros discursivos. Por outro lado, ela possibilita a difusão das linguagens que de alguma forma contribuem para o desenvolvimento da síntese do processo revolucionário das lutas sociais. Souza argumenta que

Na mística do MST parece haver uma luta entre realismo e transcendentalismo, luta em que o humanismo e o reflexo do conflito de classes propiciam uma representação afinada com os dilemas sociais dos trabalhadores. Mesmo motivada ideologicamente, as apresentações, os cenários simbólicos, as danças e músicas, que assumem a função estética, seguem a necessidade de expor o homem como sujeito de sua própria história. Há uma elevação capitaneada pela mística, apoiada pela representação de uma sociabilidade nova, em que novos valores são testemunhados simbolicamente. (2012, p.82).

A mística articula um conjunto de elementos que ajudam na representação dos ideais dos militantes, assim eles conseguem expor valores sociais que contribuem na humanização dos sujeitos ligados ao MST. É por isso que para cada momento se utiliza determinada forma de manifestação. No trecho a seguir de uma das entrevistas pode ser visto que no ato da manifestação da mística pode aparecer uma linguagem, inclusive as que não foram sugeridas na preparação do ritual.

²¹ Informação fornecida por Rafael Villas Bôas na defesa desta Dissertação, em Goiânia, em novembro de 2014.

Todo mundo tem a oportunidade e quer fazer parte da mística, mas em sua maioria quem quer ver é sempre é uma novidade, sempre é um mistério, nunca se sabe o que vai aparecer de linguagem e que expressão a mística vai trazer. A mística é também esse mistério também (silêncio). (Trecho da entrevista/Ivagno).

Notamos, entre outros, a presença de dois tipos de gêneros discursivos no trecho da entrevistada acima, sendo eles: a poesia e a música. Porém, aparece outro gênero discursivo no trecho da entrevista abaixo, pois este reforça a presença da dança, que caracteriza uma expressão corporal. Percebemos, ao longo do trabalho, que os participantes das místicas trabalham com vários gêneros discursivos, conforme aparecem no trecho a seguir.

Você tem que planejar em sua maioria, não, ela vai acontecendo nós vamos só convocando e minimamente vamos criando as condições para fazer: com a música, com a poesia, com dança, com expressão corporal, tudo isso faz parte desse momento da mística. (Trecho da entrevista/Ivagno).

Além da linguagem corporal, musical e poética, existe a linguagem imagética ou simbólica através das ferramentas que aparecem nas místicas do MST. Percebemos que a linguagem imagética e a simbólica costuma aparecer na ornamentação dos espaços das místicas por meio das fotos dos mártires ou das ferramentas, cuja presença cumpre a função de lembrar a participação dos mortos na luta. Do mesmo modo que as imagens utilizadas na ornamentação dos espaços para as místicas possibilitam o aparecimento das artes plásticas, usada para embelezar os espaços de formação da militância. Além dessa função ela contribui para materializar a trajetória de luta contra o latifúndio, entre outras coisas.

O militante busca nos livros, nos poemas e nas canções os enunciados que lhes possibilita expressar aquilo que faz parte de sua vida no contexto social da luta. Mas para elaborar uma expressão é necessário usar as artes plásticas, assim, às vezes os militantes usam quadros de mártires e de pensadores que foram fundamentais na constituição do pensamento marxista e socialista. Por outro lado, as artes cênicas ajudam na constituição dos cenários das místicas e no embelezamento. Deste modo, em cada mística são escolhidos os instrumentos que farão parte do ritual, de modo que estes não se repetem, pois o ato enunciativo de uma representação não é o mesmo em outro lugar. De acordo com Bakhtin (2006, p.74), “a lógica da língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis”.

Neste sentido, considerando a classificação de Bakhtin, o gênero discursivo que prevalece no MST tem mais característica do secundário do que do primário, visto que o gênero discursivo é bem elaborado dentro da organização, pois representa a ideologia das pessoas envolvidas. Mas vale ressaltar que o gênero primário é representado pelo secundário, deste modo, o primário acaba completando o secundário. Para melhor entendimento sobre o gênero do discurso, Bakhtin (1997, p.281) explica que

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artísticas, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Os enunciados da vida cotidiana aparecem nos fenômenos da vida literário-artística. De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros secundários conservam os significados da vida cotidiana no plano do conteúdo dos gêneros primários. Deste modo, ambos constituem os seus enunciados, que materializam formas de expressões que articulam todos os tipos de atividade humana.

As linguagens (dança, música, poesia etc.) se constituem como discursos e mantêm, inculcam esses discursos os jovens militantes se é que podemos dizer assim, que ganharam certo respeito das lideranças do MST por terem se apropriado da cultura e das técnicas de manifestar as linguagens nas místicas do movimento. Os núcleos de bases planejam e executam as místicas diariamente. A cada dia há um grupo responsável em pensar as místicas do dia, que podem ser realizadas em vários momentos do dia ou em apenas um momento.

A mística pode aparecer a partir da leitura de um poema, de uma música, de uma palavra de ordem do MST ou até mesmo através de uma ferramenta de trabalho que os camponeses usam em seu cotidiano. No trecho a seguir de uma das entrevistas é possível perceber os elementos que aparecem nas místicas do MST.

São poemas, as ferramentas, folhas, flores, bandeiras e outras coisas, tudo se aproveita até mesmo materiais recicláveis que não é dada importância, como é o caso da natureza morta, galhos secos. Tudo isso se aproveita e é utilizado na mística, porque ela consegue dialogar o morto, o vivo, o não existente com o existente, uma simples agulha pode ser utilizada na mística. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Além de poemas e de canções na mística do MST, nota-se a presença de ferramentas como a foice – um objeto que tem um significado muito grande para a luta do movimento assim como para a vida do camponês; é por meio dela que o trabalhador tira o sustento para sua família. Em outro contexto é atribuído outro significado a esta ferramenta de trabalho, como, por exemplo, nas mobilizações, quando ela se torna, aos olhos alheios, uma arma.

Na mística do MST a foice pode ser vista como um signo social, já que na mística circulam elementos e instrumentos que fazem parte de uma cultura, e cada elemento é extraído de um repertório. Porém, o sentido e o significado dos elementos usados no ritual podem mudar dependendo das relações sociais que os sujeitos estabelecem e do contexto social em que aparecem. Bakhtin (2006, p.115) diz que “o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais”. Neste sentido, os instrumentos que aparecem na mística surgem da relação que os sujeitos estabelecem com a cultura a qual o grupo pertence.

Como dissemos, na mística circulam objetos simbólicos que precisam ser significados pelas pessoas. A bandeira é um fenômeno simbólico que aparece tanto nas místicas quanto nos espaços em que os militantes do MST estão presentes. A bandeira se configura através dos enunciados que fizeram parte da história de luta de outras organizações sociais. Por ser um símbolo da organização do MST, criada a partir da história de luta de outras organizações sociais, esta bandeira traz vários enunciados que se configuram na vida dos sujeitos através da referência à luta dos trabalhadores do campo.

No trecho a seguir de uma das entrevistas é possível perceber alguns dos elementos que circulam nas místicas do MST, sendo que cada um tem sua importância. E foi pensando nesta importância que passamos a perceber que sempre existiu a necessidade de os sujeitos usarem os elementos de sua cultura para justificar a razão de sua luta.

São diversos elementos: a bandeira que não pode faltar, o poema, às vezes, a terra que é um elemento muito forte, a água. Estes símbolos e os demais: o facão, a enxada, a foice, as ferramentas que nos constituem como trabalhadores do campo, as sementes que são para nós o patrimônio da humanidade que é: o milho, o feijão, o arroz, a mandioca, são vários elementos que se juntam para fazer essa mística. (Trecho da entrevista/Messias).

As ferramentas de trabalhos dos militantes do MST são também símbolos importantes quanto a bandeira. Isto porque são instrumentos de trabalho que servem para cultivar os alimentos para a sobrevivência das pessoas. É através delas que os camponeses colocam o alimento dentro de suas casas. No entanto, quando as ferramentas aparecem em outros lugares, como nas mobilizações, podem ter sentido diferente do que é atribuído nas místicas do MST.

Assim, para os militantes do MST, as ferramentas de trabalho que caracterizam a labuta no campo, enquanto que as mesmas ferramentas, em outro contexto social, surgem como enunciados que trazem outra elaboração de significados. Em outras palavras, as ferramentas nas místicas tomam sentidos opostos das mobilizações; na primeira opção surgem como instrumentos de trabalho dos militantes, na segunda aparecem, aos olhos da polícia e dos moradores da cidade, como armas. Neste sentido, existe uma construção de enunciados para as ferramentas dependendo do contexto social em que elas aparecem.

Os elementos anteriormente citados são responsáveis pelos enunciados que circulam no MST; a visão histórica da luta camponesa se mostra por meio da manifestação dos objetos apontados anteriormente. Provavelmente os militantes utilizam estes objetos simbólicos para apreender os saberes que eles trazem e construir seus discursos ideológicos. Neste sentido, a escolha de um objeto a cada momento é associada a uma realidade específica, isto é, dependendo da conjuntura da luta do momento, é escolhido determinado elemento para fazer os sujeitos refletirem sobre os acontecimentos que impulsionam a luta da classe social.

Outro fenômeno que está bem presente nas práticas culturais do MST são as músicas. Vejamos no trecho da entrevista abaixo.

Nessa mística mais pontual é que sempre tem músicas e poemas, as pessoas, as performances, o ensaiar mesmo, dependendo, por exemplo, a mística do congresso às vezes nós passamos alguns dias ensaiando e decorando, entra fulano e sicrano, agora faz isso, mas assim, com uma intencionalidade de passar uma mensagem naquele momento e de levantar também, de fazer com que as pessoas reflitam sobre o tema nas místicas. No geral, essas místicas mais pontuais têm sempre isso: pessoas recitando poemas e cantando as músicas, agora essa outra mística tem nela: chama viva de mudar algo que não está na normalidade, e por isso, algo que precisa ser mudado. (Trecho da entrevista/Clívia).

De qualquer forma, a mística do MST constrói caminhos que levam a entender a realidade do sujeito inserido na luta a partir da construção histórica a qual pertence. No entanto, às vezes as histórias contadas se tornam contraditórias, visto que são contadas a partir da ótica de quem sempre teve o poder.

A mística tem sido utilizada como meio para os rejeitados pensarem a respeito da construção dos momentos históricos que fazem parte da sua vida, pois as místicas do MST enfatizam a importância da representação da realidade vivida pelas pessoas do campo. É neste sentido que passamos a entender que a realidade é uma construção que faz parte de um contexto social. Os sujeitos constroem seus discursos sobre o mundo para que em determinado momento possam entender a história. Em outras palavras, a realidade é orientada por valores sociais que se relacionam com ideias de determinada situação, assim, o MST concebe uma realidade, isto é, um ponto de vista que é diferente de outro grupo, como do latifundiário.

Desta forma, observamos os dois lados: a luta pela posse da terra e a luta para manter o território, e cada grupo tem que lutar para favorecer seus ideais. Mas as ferramentas são desiguais, o que acaba por contribuir para que as pessoas conheçam o MST conforme a mídia o projeta para sociedade. Assim, nota-se que, quase sempre, o ponto de vista dos latifundiários prevalece em relação ao dos militantes do MST, pois o movimento conta apenas com o trabalho de base para mostrar, para a sociedade, quem são os trabalhadores sem-terra. Já o poder público e os latifundiários têm a mídia a seu favor.

Neste sentido, o discurso como algo social abarca concepções sociais sobre a realidade e sobre o mundo, principalmente por apresentar os costumes e valores sociais dos sujeitos. Os indivíduos constroem seus discursos com objetivos específicos, ou seja, o discurso tem um cunho político, social e ideológico, e de alguma forma provoca mudança nas relações sociais.

Neste sentido, os militantes do MST consideram a mística um elemento unificador das diversas interpretações que os sujeitos constituíram sobre a realidade. Podemos dizer que a mística, como manifestação cultural do movimento, tem possibilitado desvendar a realidade que os sujeitos vivem no seu cotidiano. Desse modo, a mística tem incorporado a realidade dos sujeitos, porque ela não é pensada por uma única pessoa, mas por um grupo que analisa o que vai ser representado na manifestação. Por isso, ela se constitui como uma representação coletiva da realidade.

Porque tem aquela mística que é em cima da hora, por exemplo, precisamos de uma mística agora, é claro que sempre tem que haver uma conversa para ver a concordância entre todos os companheiros, porque não posso pensar sozinho, nós sempre pensamos no coletivo, mas pensamos um pouquinho e passamos rapidinho e vai, agora tem umas místicas que tem que pensar antes mesmo, no caso de ser bem feito, dizendo o que é pensado, por exemplo, o de ontem nós teve pouco tempo para pensar, mas acho que foi

bem feita a mística, assim, acho que conseguimos atingir o objetivo. (Trecho da entrevista/Jéssica).

Existe, por parte dos militantes, certa coletividade no momento de preparar a mística, porque ela é algo que será manifestada para um grupo maior. Talvez o propósito de a mística ser pensada coletivamente tenha, como razão, fazer os militantes serem coerentes com os objetivos políticos e ideológicos.

Os gêneros discursivos que configuram as místicas do MST podem ser vistos como uma espécie de sistema que serve para que as pessoas representem sua realidade. As experiências de luta dos trabalhadores sem-terra são sistematizadas através dos meios artísticos e culturais. Provavelmente os gêneros discursivos, como sistemas simbólicos, mostram os aspectos culturais das pessoas, pois os meios utilizados pela militância do movimento permitem que outras pessoas interajam com os participantes das místicas do MST.

As músicas, as poesias, as palavras de ordem, entre outros, são gêneros discursivos que surgem no MST para sistematizar a causa da organização etc. Cada um dos gêneros discursivos é pensado pelos militantes com o propósito de estabelecer os discursos sobre a luta. Desta maneira, as práticas artísticas e culturais são responsáveis pela constituição dos enunciados que circulam no MST. Estes fenômenos de interação são os meios que as pessoas encontram para expressar seus sentimentos e que, na maioria das vezes, trazem uma mensagem de esperança.

Moço é muita coisa (risos), assim, o que é simbólico para a gente são os nossos instrumentos e as nossas ferramentas de trabalhos: foice, enxada, facão, a gente sempre coloca muito os planos, chitas, chapéus é muita coisa que se for listar aqui, também, a bandeira do movimento que é fundamental nas nossas místicas, pois é uns dos elementos muito fundamental em nossa mística são muitos, tudo que a gente... Por exemplo, depende muito da mística, se a gente for fazer uma mística... Ontem como era uma mística de lembrar as pessoas que aqui é organizado por um movimento de reforma agrária e que tudo foi conseguido com luta e como muita força, também, introduzindo a nossa pauta. Dentro de nossa pauta tinha muito elementos que falava sobre educação, sobre saúde e a mística nós usamos livros, um quadro que falavam sobre a educação: 'educação do campo: direito nosso dever do Estado', também, a importância do papel da juventude nessa luta e que não podemos deixar de lado. Também, nós usamos um cartaz que dizia 'a juventude que ousa lutar constrói o poder popular', então, vai muita da mística os elementos que são colocados. (Trecho da entrevista/Jéssica).

É possível perceber a existência de vários elementos que se constituem como enunciados para os militantes do MST. Estes elementos servem para simbolizar a luta dos trabalhadores rurais sem-terra de todo o País.

A prática de desenvolver a mística no MST é um ato formativo por dialogar com os saberes populares²² e com a prática na luta. Isto é, os sujeitos apreendem os conhecimentos através dos trabalhos de base nos acampamentos e assentamentos do MST.

É possível dizer que as místicas são impregnadas de saberes que contribuem para a transformação dos sujeitos sem-terra. E as pessoas que assistem as místicas do MST se vêm participando de um ritual de iniciação no qual elas são levadas a sentir empatia pela luta do movimento. Neste sentido, os gêneros discursivos que permeiam as místicas levam os militantes do MST a se aproximar de sua luta pela reforma agrária.

3.2 O gênero discursivo ‘canção’ nas místicas do MST

As músicas têm papel de destaque a importância do MST, já que existem discursos que afirmam que as músicas educam os ouvidos das pessoas. As músicas que são escolhidas para as místicas têm certo cunho político e ideológico, porque os militantes buscam trazer uma memória que respeita a arte revolucionária que foi constituída através das lutas sociais.

A música contribui na formação discursiva dos militantes do MST e expressa os anseios dessa organização, por isso o MST construiu ao longo da história suas próprias canções, denunciando a dominação cultural em nosso país, pois quando a música não cumpre com sua função social, aliena os sujeitos e não expressa os valores humanistas do povo. Dessa maneira, o MST percebeu que a música, na organização, ajudaria na construção de novos sujeitos, da identidade do ser Sem Terra. (ARAÚJO, 2011, p.251).

As músicas que circulam no MST permitem trazer os enunciados que resgatam os valores sociais do sujeito do campo. Dessa forma, os militantes têm realizado reflexões sobre a sua permanência no campo.

²² Os saberes populares passam de geração para geração através das narrativas orais desenvolvidas pelos anciões, os quais adquiriram as experiências com os antepassados e as passam para os mais novos.

A mística ela tanto pode ter músicas, declamação de poemas com gestos, como ela pode ser também simplesmente você pega um texto de boas vindas e faz uma leitura, isto depende do contexto aonde aquela mística vai acontecer, às vezes uma simples fala, uma música cantada coletivamente na voz mesmo de todos ela surte também o efeito, então, não tem algo como dizer que a mística vai ser assim, pois, ela acontece de várias formas. (Trecho da entrevista/Clívia).

A música no MST passou a ser fundamental para a luta dos sujeitos. E por esta razão os sujeitos sem-terra compõem suas músicas, assim como utilizam, para animar a luta, canções de outros artistas populares que não têm nenhuma ligação com o movimento. As músicas servem como uma forma de conhecimento que contribui para educar os sujeitos para o propósito da luta da organização dos sem-terra. Diante disso, Souza (2012, p.83) esclarece que “a arte, bem como as manifestações estéticas mais particulares, possuem a capacidade, quando bem realizadas, de captar os traços essenciais de sua época e representar novos processos que se realizam no interior da sociedade”.

As músicas que aparecem nas místicas do MST são cantadas pelos militantes coletivamente na maioria das vezes, e com o uso de vários instrumentos musicais, como por exemplo, o violão, tambor, pandeiro e outros. Elas surgem para animar os militantes para prosseguir na luta.

Fico animada quando começa um encontro e logo vem a mística, ontem mesmo em nossa assembléia, acho que a mística foi de arrasar, como dizem os meus amigos. A galera quando, por exemplo, muito tempo que nós não fazíamos uma mística nas assembléias daqui do assentamento, e ontem quando o povo viu que estava sendo realizada uma mística todo mundo começou a ficar de pé, todo mundo começou a cantar junto, aquilo faz você se alegrar e acredito que alegrou também as pessoas, porque é muito importante assim, acredito que é fundamental. (Trecho da entrevista/Jéssica).

A música na mística do MST não é utilizada só para levar alegria ou animar as pessoas, mas também para denunciar a condição social daqueles que lutam pela terra. Bastos (2012, p.147) argumenta que, “em geral, nos movimentos sociais a música costumava cumprir, entre outros, o papel de *animadora* de militantes, passatempo entre discussões sérias, entretenimento para relaxar os ânimos. Essa era uma de suas principais funções. Efetivamente, essa função tem seus efeitos práticos importantes de coesão em torno das situações apresentadas”. É possível dizer que a música se torna um dos elementos que ajuda os militantes a enfrentar os problemas que estão passando na luta, por isso ela passa a ter o papel de animadora.

As músicas fazem os sujeitos lembrar as histórias de vida, visto que elas fazem parte de uma memória social que os sujeitos se apropriam durante a luta. Esta apropriação se deve ao fato de que as pessoas sistematizam suas experiências nos poemas e nas músicas. Isto pode ser percebido no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Porque nas místicas a gente relembra muito do que já vivemos antes, nós sempre gostamos de com os nossos poemas com as nossas musicas... É fundamental no movimento para que não possamos esquecer o que passamos antes e as vitórias que conseguimos hoje, ela tem um papel fundamental no movimento e é o próprio movimento que introduz isso. (Trecho da entrevista/Jéssica).

É por meio das canções que os militantes conseguem refletir sobre o seu processo de luta, visto que a memória social está bem presente. Além disso, as pessoas que morreram por conta de sua militância em uma organização social se tornaram mártires e, conseqüentemente, são vistas como exemplos na organização. Assim, as músicas acabam sendo os dispositivos que fazem os militantes lembrar os acontecimentos que fazem parte da memória.

Percebemos que, na mística do MST, a música é um dispositivo que mobiliza os sentimentos das pessoas ao ponto de estas assumirem a identidade de trabalhador sem-terra. Assim, os sujeitos assumem o compromisso com a luta da organização dos sem-terra através da arte que circula no MST.

O ato de cantar coletivamente pode estreitar o laço entre os sujeitos sem-terra. Desta forma, entende-se que as músicas do MST retratam vários assuntos. Isto pode ser verificado a partir da fala constante no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Porque a mística não é a mesma coisa todo dia, se você, por mais que se pareça, por exemplo, nós vamos passar uma semana falando de um tema e vão aparecer muitos elementos que fizeram parte de outras manifestações, mas nunca é a mesma coisa todos os dias. Daí aprende um poema novo, nós aprendemos uma música nova, aprendemos uma história nova, acho que isso dá uma movimentação maior. (Trecho da entrevista/Hallayana).

O fato de a mística não se repetir nos eventos do MST permite que os sujeitos sem-terra usem, para cada mística, uma música. Isto tem possibilitado, aos sujeitos, aprender com o ritual e com o enredo da música para lidar com o novo momento de suas vidas. A opção de novos temas para a organização tem levado novas características às manifestações do MST e agregado novos valores a estes rituais.

A música nas atividades do MST pode funcionar como um meio de comunicação, afinal ela traz a percepção de vida dos seres humanos de uma dada realidade e, por meio delas, as pessoas organizam suas ideias. Em outras palavras, a música do MST pode ser uma forma organizadora de um saber que possibilita aos sujeitos comunicar-se com os membros de seu grupo social. Deste modo, a música é percebida como uma forma de expressão que possibilita que os sujeitos sem-terra mostrem seus sentimentos de agonia e de indignação, entre outros. Souza considera que:

A mística também é entendida como tentativa de trazer o belo para os espaços cotidianos da organização. Do mesmo modo, valores expressos pelo companheirismo, disciplina e coerência política e moral também são vistos como parte importante dessa prática. (2012, p.49).

O ritual místico é uma prática cultural que organiza as ações dos sem-terra, e que provoca reações nas pessoas que participam das manifestações. Geralmente as reações são no sentido de manter o grupo unido, de valorizar a história e os valores sociais de um povo, de disciplina e de respeito com as coisas que fazem no cotidiano.

Optamos por fazer um recorte do *corpus* das músicas que foram encontradas na mística do Assentamento Palmares II, na I Jornada de luta do Assentamento, e da mística que os militantes do Pará realizaram no IV Congresso Nacional do MST, onde foram coletados os dados para esta pesquisa. O fato de não termos como analisar todas as canções observadas para este trabalho, é que escolhemos duas músicas que trazem um conteúdo expressivo, fazendo referência à vida dos trabalhadores sem-terra, o que nos permitiu aprofundar na discussão do conteúdo de cada uma delas. Vale ressaltar que propomos realizar apenas a análise do texto poético e do conteúdo das canções. A intenção neste item não é realizar uma análise musical tradicional, que abarca a discussão específica dos elementos musicais (ritmo, melodia, harmonia etc.). As canções apresentadas neste trabalho foram observadas nos rituais em que estávamos presentes. Ambas trazem, em seu conteúdo, o aspecto político, a ideologia e as experiências de luta do grupo.

Percebemos que as canções enfatizam os principais aspectos da luta dos trabalhadores ligados ao movimento. A primeira que apresentamos é o Hino do MST, pois, esta canção está presente em todos os rituais, que é chamado de Hino do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, letra de Ademar Bogo e música de Willy C. de Oliveira; e a segunda, Cantilena, de Rafael Lima. Ambas são encontradas na internet.

Vem teçamos a nossa liberdade
 braços fortes que rasgam o chão
 sob a sombra de nossa valentia
 desfraldemos a nossa rebeldia
 e plantemos nesta terra como irmãos!

(1ª estrofe da música Hino do MST – Letra de Ademar
 Bogo e cantiga de Willy C. de Oliveira)

É comum encontrar, nas músicas, referências à luta dos militantes, pois o povo sem-terra se sente representado por meio das músicas. O principal foco das canções é sensibilizar os trabalhadores do campo e da cidade. Também se enfatiza a condição social que eles vivem para sustentar os filhos em uma sociedade da qual eles se sentem excluídos. Na música Hino do MST percebemos o anúncio do que pode significar o grito de liberdade e de união entre os trabalhadores para à conquista da terra, como pode ser visto nos versos da primeira estrofe acima.

Talvez a maior preocupação dos artistas populares dentro do contexto que eles vivem seja a de manifestar seu ponto de vista a partir do aspecto social que eles conseguem perceber de sua condição na sociedade. Para Nestrovski (2007, p.7): “a canção popular tem papel de destaque na cultura brasileira há mais de século. O mínimo que se pode dizer é que a canção é um dos meios através dos quais o país vem inventar e entender a si mesmo”. Isto implica dizer que a canção é uma expressão artística que contribui para conhecermos nossa realidade já que conseguem sistematizá-la e, também, serve de protesto. Seguindo este raciocínio, Bastos (2012, p.139) diz que:

A canção é a principal forma musical com que trabalham os músicos que tomam a arte a partir de alguma finalidade política de luta ou protesto. A reunião de melodia e palavra, característica genérica da forma canção, é utilizada pelos músicos, progressistas, de esquerda, a partir do pressuposto de que essa é a maneira mais adequada e eficaz de transmissão de um conteúdo político. Até certo ponto, o interesse dos músicos que tomam a canção como o meio de exposição política recai sobre a idéia de que essa forma elimina quase todas as possibilidades de sobreposição dos recursos artísticos à mensagem a ser transmitida.

A música passa a ter um caráter político quando os músicos projetam um conteúdo que remete ao contexto de luta. Talvez isto tenha possibilitado, ao MST, trazer as canções para seus espaços com uma exposição política, tendo a finalidade de repassar uma mensagem de

cunho ideológico. No verso 1 do trecho citado anteriormente, a música fala da necessidade do povo de se organizar para a luta em busca de conseguir o sustento de sua família, luta por uma vida digna e por uma oportunidade de trabalho em que ele seja menos explorado. É pensando nisto que a canção pode ser vista a partir de um aspecto político que pode ser uma base para a formação da consciência dos sujeitos. Nota-se, em toda a estrofe da canção, que há um contexto de luta do trabalhador contra a opressão.

Percebemos na canção que o principal tema é a construção de uma sociedade que as pessoas sejam livres, e por isto, que podem ser percebidos temas como: a liberdade, a vida digna no campo, a importância da agricultura familiar e a garantia ao acesso à terra para o trabalhador ter uma vida digna; como pode ser visto abaixo na estrofe dois. Neste sentido, a canção se constitui como um espaço de protesto e, ao mesmo tempo, de desabafo dos militantes. As mesmas se limitam a circular somente nos espaços em que a militância está presente, onde são valorizadas. Talvez em outros espaços, fora do movimento, tais canções não sejam tão valorizadas como deveriam. Neste contexto, a cultura erudita sufoca a cultura popular, como afirma Bogo (1998). Neste sentido, a canção está ligada aos aspectos sociais.

Na segunda estrofe abaixo, pode-se verificar que os trabalhadores estão cansados das condições sociais que vivem, e por isso existe o sonho de construir uma pátria livre por meio da luta dos trabalhadores e, o princípio da luta é construir um poder popular para fazer tal revolução. Na verdade, quem se interessa por este aspecto da vida social dos trabalhadores oprimidos da sociedade? Pois, os que compartilham destas ideias, e que são a favor da luta pela distribuição das riquezas naturais, são aquelas pessoas que compreendem o processo de alienação que sofreram historicamente. Talvez a razão de as canções regionais e populares não serem valorizadas pela maioria da população seja pelo fato de estas se referirem aos aspectos sociais e às mazelas que os trabalhadores vivem no campo e na cidade. Além disso, elas apontam para uma possível mudança na vida das pessoas que sempre foram desprovidas dos bens culturais e naturais da sociedade.

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços Erguidos ditamos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

(2ª estrofe da música Hino do MST – Letra de
Ademar Bogo e cantiga de Willy C. de Oliveira)

Percebemos, a partir da estrofe acima, nas entrelinhas que, os trabalhadores sem-terra tiveram seus direitos negados historicamente. Possivelmente foi este fato que levou os movimentos sociais, como o MST, a desenvolverem o poder de mobilização da classe trabalhadora. Diante disto, a canção é um chamamento do povo sem terra para lutar pela sua liberdade.

A principal razão para os militantes expressarem suas vontades e sentimentos nas canções é no sentido de mostrar sua opção política e, ao mesmo tempo, para dizer que pertencem a uma cultura que deve ser respeita. É por isso que existem tentativas de consolidar uma produção musical por meio de debates entre organizações e movimentos sociais. Bastos (2012, p.145) esclarece melhor isto quando afirma que “mesmo no interior dos movimentos sociais, há os cancionistas que, de maneira consequente, primam pelo capricho das produções, na expectativa de qualificar as tradições musicais que são tomadas por repositório popular, pretendendo tornar mais belo e complexo o discurso político contundente que esperam apresentar”. Desta forma, a música não caracteriza só a luta do camponês para se fixar na terra, mas a participação de homens e mulheres na construção de um projeto popular que leve à mudança social. Também ela remete a um discurso que recupera a disputa de poder. Isto pode ser verificado na estrofe abaixo.

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Nossa Força regatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

(3ª estrofe da música Hino do MST – Letra de
Ademar Bogo e cantiga de Willy C. de Oliveira)

Ao referir à construção do poder popular, na estrofe acima, podemos dizer que enfatiza a participação de homens e mulheres na luta, isto permite que se mude a percepção de que elas (mulheres) são inferiores ao serem comparadas aos homens. No MST elas se tornam protagonistas na construção de sua própria história. Vimos que as místicas trazem muitos elementos e que cada um articula vários outros, que se unem para constituir certo enunciado. É o que acontece com a canção, pois existe canção que fala sobre um determinado assunto, porém, existem outras que abrangem vários assuntos de uma única vez – como é o caso da canção aqui citada. Esta, além de enfatizar a importância da luta pela liberdade, também, refere-se ao poder que certas pessoas exercem e que serve para oprimir outras pessoas; fala ainda sobre o desejo de lutar pela liberdade e outros temas.

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

(4ª estrofe da música Hino do MST – Letra de
Ademar Bogo e cantiga de Willy C. de Oliveira)

A canção de Willy, Hino do MST, enfatiza que os trabalhadores estão unidos para conseguir os seus objetivos. É por meio da mística que percebemos que os sujeitos considerados oprimidos sempre sofreram calados, mas tendo a convicção da vitória. Do mesmo modo, a canção Cantilena, de Rafael Lima, também traz presente a história de um povo.

Passa pra dentro, moça descalça,
Vem com a tua graça, assim reviver;
Sai da janela, anda depressa,
Ouve as histórias dos ancestrais.

Gente que lutou, lutou, lutou, lutou...
Por todo um sonho que era bom;
Gente que sofreu, sofreu, sofreu, sofreu...
E tanto sangue derramou.

Tu nem te lembras, eras criança,
Sempre de trança, a choramingar;
Teu pai lembrava... um longe, distante...
Chegavam homens prum guerrear.

Guerra de homens bravos, fortes e valentes,
Valentes, valentes, valentes, valentes...
Contra a tirania dessa nação;

(1, 2, 3 e 4ª estrofe da música Cantilena – Rafael Lima)

Enquanto algumas músicas têm o papel de reforçar a luta, outras enfatizam a ideologia do movimento. A partir do pensamento de Rafael Lima, na música Cantilena, é possível perceber o ponto de vista que os artistas têm sobre o papel significativo da história da luta dos movimentos sociais. Além disso, reforça-se a ideia da necessidade de uma reforma política no País e, assim, os trabalhadores não serão mais explorados. Neste sentido, percebemos que o conteúdo da canção em análise engloba a luta para mudar uma realidade, o que pode possibilitar, ao trabalhador do campo, sair da condição de explorado. As estrofes da canção mostram que, se o trabalhador não lutar para mudar a realidade em que vive, sempre será explorado na sociedade e estará desprovido de direitos básicos, como alimentação e saúde.

Guerra de gente cabocla, negros, índios, uns humildes,
Humildes, humildes, humildes, humildes...
Luta de fazer revolução.

Teu pai contava que eram cabanos,
Homens, mulheres, nesse lutar;
Vinhão de longe, do breu da mata,
Tomar Belém para governar.

Vieram se chegando assim bem de mansinho,
mansinho, mansinho, mansinho, mansinho...
como que guarás no mangal a pousar;
vieram se entrincheirando assim devagarzinho,
devagarzinho, devagarzinho, devagarzinho...
como uma jiboia num só sussurrar.

Conta teu pai, que foram três guerras,
Contra os desmandos desta nação;
Eram mulheres, homens, crianças,
Todos fazendo a rebelião.

(5, 6, 7 e 8ª estrofe da música Cantilena – Rafael Lima)

Nas estrofes o compositor faz uma crítica ao modelo de exploração, o que detêm o poder de controlar a sociedade. Mais uma vez é enfatizado o poder que os governantes exercem sobre a sociedade. Neste sentido, a arte cumpre o papel de mostrar algumas das contradições com as quais as pessoas lidam no seu cotidiano, e por isso, ela é usada como artifício para o entendimento crítico da história. Bastos (2012, p.146) argumenta que “a arte em geral e a música em particular pode e deve ser um termômetro das contradições vividas pelas organizações políticas, mesmo e principalmente quando feitas no seio das próprias organizações”. Deste modo, a música lida com as contradições construídas no seio de uma sociedade, na medida em que elas expressam as ideias dos seres humanos em diferentes posições sociais em que se encontram.

Embora esteja claro para nós que a música manifesta um universo de ideias que faz parte da história de vida das pessoas. O compositor tem um papel importante na articulação de seus versos musicais, pois ele se posiciona através de uma melodia que expressa o seu ponto de vista sobre determinada realidade social. É o que acontece com os cancionistas ligados ao MST.

De algumas décadas para cá, os cantores populares têm focado na vigilância de suas canções, pois estes se não tiverem certos cuidados na composição de suas músicas, as mesmas

não vai cumprir com sua função social que é formar sujeitos conscientes de suas condições sociais de vida. O fato é que as músicas sofrem influência da indústria cultural, não é caso das canções aqui analisadas, mas torna perceptível o avanço da indústria cultural que transforma tudo em objeto ou mercadoria. É pensando nisto, que não poderemos deixar de falar do capitalismo. Neste sentido, Bolaño (2000) apresentou que:

O desenvolvimento capitalista cria as duas condições sob as quais se dá a criação dos aparelhos de comunicação de massa: uma ampla socialização do processo de trabalho, com a passagem do artesanato para a grande indústria e, de outro lado, um aumento constante da circulação de imagens e palavras, fruto da urbanização e concentração de massa humanas [...]. (BOLAÑO, 2000, p.125).

Dito isto, percebemos que as músicas assim como outras manifestações artísticas sofrem, sem sombra de dúvida, influências da indústria cultural, que tornam as músicas meras mercadorias que devem ser consumidas pelas pessoas. Isto porque, a maioria da população é levada consciente ou inconscientemente a valorizar a lógica do capitalismo. Deste modo, existem tipos de canções que são criadas dentro da perspectiva de mercadoria, já que visam apenas o lucro, por assim dizer a fama. Neste sentido, podemos dizer que existe um estilo ou modelo de música que serve como inspiração na criação das músicas de muitos músicos.

Para Benjamin (1994. p.166): “[...] a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão da obra e finalmente por terceiros, meramente interessado no lucro”. Mais adiante o autor salienta que, “a reprodução técnica da obra de arte representava um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente” (BENJAMIN, 1994, p.166). Assim sendo, podemos dizer que algumas músicas são criadas para indústria cultural, que visa apenas o entretenimento das pessoas. Em síntese, é possível dizer que a maioria das canções não cumpre sua função social, a de educar as pessoas para vida, isto é, trazer conhecimentos que possibilitem as pessoas refletir sobre o mundo etc. Por outro lado, elas reproduzem um pensamento dominante, já que aliena as pessoas para irem aos shows pagando altos valores em ingressos, além do desejo de comprar o CD ou DVD.

De qualquer forma, os cancionistas engajados na representatividade popular têm que levar em conta a forma musical hegemônica para pensar em sua produção artística, já que é a condição para que determinada música seja aceita na sociedade. Neste sentido, que Benjamin (1994) diz que:

A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas, como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos. (BENJAMIN, 1994, p.167).

Através da indústria cultural, o fazer artístico perdeu a essência do pensamento de criar arte para vida, já que ela foi transformada em objeto pelo sistema da indústria, que surgiu por meio do capitalismo, onde tudo passou a ser visto como mercadoria.

De um lado, a transformação do processo de trabalho acima pontada representa o início do movimento de subsunção desse trabalho no capital, movimento cujos limites serão discutidos mais adiante e, de outro, a primeira condição ela própria, significa a eliminação da possibilidade de um contrato direto entre o trabalhador cultural e o seu público. Ou seja, o trabalho do artista passa a ser subordinado ao capital (de forma ainda indireta) enquanto trabalho produtivo (que produz valores de uso passíveis de serem transformados em mercadorias), mas também enquanto trabalho de mediação social. (BOLAÑO, 2000, p.107).

Isto nos levou a pensar que a música como uma arte pode sofrer mudança significativa na forma de sua constituição. Retomando a discussão sobre mercadoria, Bolaño esclarece que:

[...] exemplificando com o caso da música popular e do setor editorial, onde vem ocorrendo uma parcelarização do trabalho, acompanhada do surgimento de novas funções de organização e comando, uma apropriação das habilidades próprias do trabalhador cultural e o consequente aprofundamento da subordinação deste ao capital e a seus agentes (o direto artístico, por exemplo). (BOLAÑO, 2000, p.109).

A indústria cultural tem se apropriado do trabalho do artista, fazendo com que o trabalho cultural tenha tendências de “transformação daquela mercadoria em dinheiro” (BOLAÑO, 2000, p.109). Para isto, torna-se fundamental determinar a renovação de forma e de conteúdo. Embora alguns músicos trabalhem com contradições em sua produção musical, os mesmos conseguem expressar uma arte engajada quando tem em mente uma proposta

musical de embate ideológico. Neste caso, sua canção deve ser diferente das pensadas para a indústria que visa a comercialização. Diante disto, a música pode se constituir como um elemento de avaliação, o que permite, ao músico, tecer críticas sobre o modelo de vida e os aspectos que fazem parte da vida das pessoas. Isto pode ser verificado na estrofe abaixo.

Era gente, gente, gente, gente, gente... Com fé em dias melhores, Trazendo no peito a saga da união; Querendo justiça, bradando suas certezas, Certezas, certezas, certezas, certezas... Fazer do Pará uma grande nação! Já se vão quase uns duzentos anos, Coisa que já nem se ouve mais falar; Boca de abiu fizeram esse tempo, Pra nossa história ninguém contar. Nossa verdadeira história, feita de cabanos, Cabanos, cabanos, cabanos, cabanos... Gente que lutou engrandecendo essa noção; Gente que morreu lutando, lutando, Lutando, lutando, lutando... por um Pará livre! Um Pará com a saga da libertação! Um Pará com a saga da libertação! (9, 10, 11 e 12ª estrofe da música Cantilena – Rafael Lima)
--

As canções que circulam nas místicas do MST, em especial as que apareceram na mística do Assentamento Palmares II, e no IV Congresso Nacional do MST, que foram selecionadas para serem analisadas, pode-se dizer que existe o interesse de alguns militantes em divulgar as canções que fazem parte da trajetória de luta. Ou seja, elas devem aparecer tanto nos espaços de formação do movimento como em outros espaços para que as pessoas de fora da organização possam ter contato com o som e a melodia que caracterizam a vida social do povo sem-terra. Neste sentido, a música que circula na mística serve para agitar e mobilizar as pessoas de forma que elas possam se animar para a luta do MST. Bastos (2012, p.147) considera que

Outra função assumida pela música nos movimentos é a de *agitadora*. Ela está presente em ocupações, nas frentes de massa, nas marchas, nas manifestações em geral. Essa função é das mais importantes da música, mas sempre correu o risco de se ver sobrepujada pelos aspectos estabelecidos pela função animadora.

Além de a música ter a função de agitação, ela passa a ter também o caráter de formadora, é o que Bastos considera quando afirma que outra função é a da música como formação. Este autor também considera que “a música certamente pode cumprir esse papel de formação, quanto mais porque tem em seus quadros militantes capacitados para tal. A música tem um caráter formativo amplo, também no campo pedagógico”. (2012, p.147). Para que a música mantenha o caráter formativo nos movimentos sociais, em especial no MST, os sujeitos têm que se apropriar de outras linguagens artísticas que podem ajudar a divulgar o lado político do movimento e de sua luta pela distribuição das riquezas. É por isso que Bastos (2012, p.148) enfatiza que

No espírito de superar a forma da canção tal qual instituída, os músicos dos movimentos sociais devem continuar tentando manter relações cada vez mais estreitas com frentes ou brigadas que trabalhem com outras linguagens artísticas, como o teatro ou o audiovisual. Com isso, espera-se um desvencilhamento da forma fixada, no espírito de garantir possibilidades mais complexas para o trato musical. Não se trata de reduzir a música a uma auxiliar ilustrativa para as produções teatrais ou audiovisuais, mas a tentativa de potencializar as características de comentário crítico que uma linguagem pode exercer junto à outra.

As linguagens artísticas são articuladas para um determinado contexto e, assim, pontencializam uma forma de arte estética que consegue realizar uma crítica da estrutura social vigente.

Durante a realização do trabalho de campo para esta pesquisa observamos que para cada mística foram utilizadas até duas músicas, considerando-se o hino uma canção do movimento. Como foi dito, existem várias músicas e elas são selecionadas de acordo com a temática escolhida para ser mencionada em dado momento. As duas canções acima foram selecionadas para análise por sintetizarem a luta do MST.

3.3 O gênero discursivo ‘poema’ nas místicas do MST

As entrevistas realizadas com os militantes do MST sobre as místicas apontam para circulação da arte poética, isto é, nos rituais do movimento, a militância costuma usar poemas que servem como instrumentos para as pessoas comunicarem entre si. É importante ressaltar que o poema é um dos principais elementos usados nas místicas. No trecho abaixo de uma das entrevistas é possível perceber como são escolhidos os elementos utilizados nas místicas.

Os elementos usados nas místicas são escolhidos a partir do momento que sentamos para pensar a mística, os sujeitos sentam para pensar, tem um poema, então o poema fala do milho, da terra, fala de amor. Então, vai se juntando os elementos, vamos usar a foice, o facão, a bandeira vermelha tremulando, então, os elementos vão juntando para constituir o contexto da mística, então, não é aleatório usar a bandeira, a semente, a terra, as frases que vão ser usada até mesmo o poema, pois o autor tem uma intencionalidade. (Trecho da entrevista/Messias).

É possível verificar, no trecho da entrevista, que os poemas escolhidos para as místicas se ligam a um objetivo. E esta é a razão de o militante ser cuidadoso no momento em que resolve usar determinado elemento na mística do MST. Tais cuidados visam expressar enunciados que contribuam para a interpretação da realidade vivida.

Percebemos que os poemas cumprem o papel de denúncia e servem de contestação social; os poemas revelam a realidade de quem milita no MST, já que são meios usados para expressar as experiências de luta do movimento. Vejamos o trecho de uma das entrevistas compilado abaixo.

Para essa coisa artística presente na mística, por exemplo, tem aquele que vai a frente e apresenta um poema ou faz uma declamação de um poema e canta uma música, tem gente que não tem tanta desenvoltura, como aquele vai a frente ler um poema ou canta uma música. (Trecho da entrevista/Débora).

A linguagem poética mexe com o pensamento das pessoas e isto tem feito com que os militantes se apropriem dela para fazer com que os sujeitos reflitam sobre sua própria condição social. Por outro lado, os poemas têm permitido que os sujeitos expressem seus sentimentos de tal forma que talvez não conseguissem de outra maneira.

Acho que é um conjunto, tem música, poesia, por isso, definir o que é a mística não sei bem, mas a mística chama muito atenção de quem não conhece o MST; o que mais me chamou atenção foi a primeira vez que vi uma mística, achei uma coisa muito bonita, muita elaborada, também, uma forma de chamar atenção. (Trecho da entrevista/Débora).

Vimos, no capítulo I, que as pessoas têm certa dificuldade em definir as místicas do MST, isto porque as místicas do movimento são articuladas a partir de diversos elementos simbólicos. Provavelmente a mística chama a atenção das pessoas por ser motivadora de várias expressões e sentimentos. As místicas do MST são pensadas por temas, sendo assim, as poesias/poemas passam por uma classificação, já que não é tudo que pode ser utilizado nas místicas da organização.

A mística sempre é pensada a partir de temas, por exemplo. Nós vamos falar do Massacre de Eldorado dos Carajás, então, de antemão já temos poemas que falam do massacre, nós vamos precisar das castanheiras, dos símbolos da curva do S, nós vamos precisar dos fuzis que representam o massacre e das armas dos trabalhadores, das bandeiras que eles estavam utilizando, faixas que eles estavam utilizando no dia do massacre. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Vimos, por meio das entrevistas, a história de luta dos trabalhadores sem-terra sendo narrada, além de serem afirmadas as bandeiras de luta que o grupo assumiu, por meio das místicas. Os poemas nas místicas do MST retratam momentos em que o grupo teve grandes perdas, como as mortes dos seus companheiros de luta. No trecho da entrevista acima pode ser verificado que os poemas, por vezes, falam do massacre de Eldorado dos Carajás – um dos acontecimentos mais marcantes para o movimento no Pará. Assim, as lembranças dos conflitos e das tragédias são refletidas nos poemas que circulam nas místicas do MST. E isto serve para denunciar o massacre dos trabalhadores sem-terra ocorrido em Eldorado dos Carajás, em 1996, além de outros acontecimentos que fazem parte da história do movimento.

Existem indícios, em determinados trechos das entrevistas dos militantes, que permitem rememorar a tragédia que aconteceu na curva do ‘S’ em Eldorado dos Carajás. Isto nos possibilita dizer que existem poemas que retratam a história de luta dos trabalhadores sem-terra, já que enfatizam o drama social que os sujeitos viveram no período do massacre de Eldorado dos Carajás. Existem poemas que fazem referência ao massacre, mas não iremos analisa-los, pois eles não apareceram durante as observações de campo. No trecho abaixo de uma das entrevistas podemos ver como os militantes escolhem os temas para suas místicas e, consequentemente, como fazem a escolha dos poemas.

É como estou te falando, vai de acordo com o tema, então, se nós vamos trata sobre oito de março ou Dia Internacional da Mulher, é claro vamos pensar num poema em que traga presente a importância da mulher que está na luta, também, a importância que a mulher tem na sociedade e que teve, por exemplo, na agricultura que sempre contou com a mulher. E outros temas o que vamos pensar, por exemplo, em poemas que retrate essa situação da mulher na luta. Daí existem diversas músicas que trazem uma mensagem não só da música, não só letra da música, mas a própria melodia também que acaba sendo um complemento. (Trecho da entrevista/Clívia).

É por isso que se diz que a poesia, na mística do MST, tem possibilitado, às pessoas, construir os diálogos necessários para que possam constituir seus discursos, estabelecendo relação com a sua trajetória de luta de outras organizações sociais.

Neste sentido, os poemas que circulam nas místicas do MST, servem para designar o processo de luta. Ao lado disso, a poesia na mística introduz um laço que mantém as pessoas ligadas à terra, fazendo disso um aspecto que caracteriza a identidade do grupo. O poema Reforma agrara é assim²³, de Patativa do Assaré, é um dos utilizados nas místicas. Ele mostra que o que deveria ser comum é as pessoas terem acesso à terra, e que ela não deveria estar concentrada nas mãos de poucos, pois se o trabalhador tem a posse da terra então ela cumpre sua função social. Por causa da falta de acesso à terra é que existe o conflito entre sem-terra e latifundiários, como é mencionado no poema.

E se o poderoso ingrato,
Impedoso e incriemente,
manda força para o mato
prumode atira na gente,
ninguém vai temer a guerra.
Vamo é defende a terra,
quem precisa é quem se estira
E fome não é brinquedo
Vai corre gente com medo
Como rato em acanbira.
Sem terra medo não tenho
Pobre corage possui.
Quando a força matá cem
Vem mil e substitui,
sei que ser triste a cena
É mesmo de fazê pena
Morre cem de quando em quando.
E mil fica resistindo
e morto pro céu subindo
E os vivo embaixo lutando
E pur causa de nós sofrê
Iguá a boi manjarrá
Samo obrigado a fazê
Reforma agrara na marra,
pra neto pra fio e pra pai
a reforma agora sai
que achem bom e que achem ruim,
seja na guerra e na paz,
seu Dotó a gente faz
Reforma agrara assim.

(Poema Reforma agrara é assim, de Patativa do Assaré, mantida a grafia original)

²³ Está-se mantendo a grafia original.

Como vimos, o autor enfatiza a reforma agrária como sendo algo fundamental para os trabalhadores terem acesso à terra. Neste sentido, o poema nos indica que a terra deveria ser de quem trabalha na roça. O ponto mais forte do poema é quando fala do conflito entre os sem-terra e os latifundiários, o qual tem levado à morte milhares de trabalhadores.

O poema Reforma agrara é assim enfatiza que existe a necessidade de fazer reforma agrária e, para isto, os sujeitos não vão medir esforços, pois a condição que vivem na cidade e no campo leva a querer mudar de vida. E eles percebem que a posse da terra possibilita conquistar a almejada dignidade.

Os poemas de Patativa do Assaré aparecem constantemente nas místicas do MST, porque o poeta era ligado à terra e seus versos denunciam as mazelas da sociedade. Além disso, os militantes usam versos do poeta para revelar a dimensão social da vida de quem mora no campo.

O poema de Patativa do Assaré é constituído de ritmo e rima, que estabelece uma harmonia em todos os versos. No poema há uma enunciação que aparece de forma natural, já que reproduz a oralidade, talvez isto seja pelo fato do poeta ter estudado poucos meses. Outra observação é que o poema não está dividido em estrofes, os versos não seguem um padrão, pois não existe uma preocupação métrica de padronização dos versos iguais. Podemos dizer que o poeta se preocupou apenas em expressar sua visão sobre a vida no campo (do nordestino), além de seu sentimento e desejo de permanecer nele. O poeta tem um estilo próprio, que não segue a regra de outros poetas contemporâneos, o que tem em comum com outros é o fato de manifestar algo.

Outro poema, que enfatiza um discurso muito forte no MST é Os dias da Comuna, de Bertold Brecht. A escolha deste poema, talvez tenha haver com a história do poeta e dramaturgo, que foi ativista ligado ao movimento antinazista, sua poesia é uma arte engajada que reliazou críticas da sociedade burguesa de seu tempo. Desta forma, a arte do poeta é uma inspiração para as pessoas que desejam desenvolver atos revolucionários. Por este motivo que ela aparece frequentemente nas místicas do MST. Como já foi dito, para cada mística é escolhido um tema, o qual depende, por exemplo, do contexto social ou de algum acontecimento, como uma data comemorativa.

Bertold Brecht, às vezes, é convidado a se pronunciar nas místicas por meio das vozes dos militantes do MST. A poesia de Bertold Brecht abaixo faz uma convocação para toda a classe trabalhadora.

Considerando nossa fraqueza os senhores forjaram Suas leis para nos escravizarem. As leis não mais serão respeitadas Considerando que não queremos mais ser escravos. Considerando que os senhores nos ameaçam Com fuzis e com canhões Nós decidimos: de agora em diante Temeremos mais a miséria do que a morte. (1ª estrofe do poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht)
--

Na poesia aparece a relação entre dominado e dominante, porém, prevalece um discurso que convida ou convoca as pessoas a não aceitarem a sua condição social.

No poema analisado pode ser visto o aspecto estético que é a preocupação com estrofes e versos, embora o poeta não privilegie a métrica e rima, mas isto não significa que ele não compreende tais recursos e que não sabe utilizá-los. Talvez, a preocupação do poeta não tenha sido a de seguir todas regras de determinadas poesias, mas a de sistematizar suas experiências e, ao mesmo tempo, compreender o contexto social que estava vivendo no período. Este poema, ao ser utilizado na mística do MST, leva os sujeitos a significar suas ações e sua luta pela terra.

A linguagem em prosa está presente na mística. Na percepção de Lefebvre (1980, p.155): “[...] coexistem três formas de prosa: [...] a linguagem cotidiana, e à qual podemos associar a prosa científica; a descrição, de certos ensaios de poema em prosa, que é incontestavelmente poética; enfim, a da narrativa, a que conta uma “história”, que pretende relatar-nos ou representar-nos “realidades”.” Este pensamento nos conduz a pensar que existe uma linguagem poética que traz questões políticas e ideológicas do MST. Isto porque, percebemos a construção de narrativa que representa o contexto social de determinada realidade vivida pelas pessoas ligadas ao movimento. Neste sentido, os poemas que circulam nas místicas expõem histórias que nos possibilita compreender os sentidos de indignação que os trabalhadores têm sobre as injustiças sociais. As poesias tocam os sentimentos das pessoas e valorizam a memória no processo de luta. É uma forma de energia que mobiliza as pessoas a permanecerem na luta.

Consideramos a linguagem em prosa e verso, [...], como uma das mediações para a formação da consciência, não só porque ela faz parte da cultura em geral, mas também porque, nas lutas sociais percebemos que as expressões artísticas são muito utilizadas como instrumentos pedagógicos. (BOGO, 2011, p.13).

Percebemos que a linguagem em prosa e verso contribui para a formação da consciência das pessoas inseridas nos movimentos sociais porque faz parte da cultura. Neste sentido, devemos nos debruçar nos sentidos que os poemas podem trazer para nossas vidas. E por esta razão que temos compreender a linguagem poética, pois ela tem muito a nos ensinar. Na estrofe abaixo do poema de Bertolt Brecht podemos buscar significados.

Consideramos que ficaremos famintos Se suportarmos que continuem nos roubando Queremos deixar bem claro que são apenas vidraças Que nos separam deste bom pão que nos falta. Considerando que os senhores nos ameaçam Com fuzis e canhões Nós decidimos, de agora em diante Temeremos mais a miséria que a morte. (2ª estrofe do poema Os dias da Comuna, de Bertolt Brecht)

No decorrer deste trabalho algumas vezes anunciamos que os poemas, quando são usados nas místicas, reforçam algumas bandeiras de luta porque trazem uma memória discursiva. Também fortalecem a luta dos trabalhadores, já que as pessoas ficam indignadas com os acontecimentos que lhes oprimem. Neste sentido, o poema em questão reforça alguns valores sociais da luta contra a submissão imposta pela classe dominante. Vejamos como a ideologia está presente na estrofe abaixo, o que nos leva a pensar a poesia como forma de manifesto.

Considerando que existem grandes mansões Enquanto os senhores nos deixam sem teto Nós decidimos: agora nelas nos instalaremos Porque em nossos buracos não temos mais condições de ficar. Considerando que os senhores nos ameaçam Com fuzis e canhões Nós decidimos, de agora em diante Temeremos mais a miséria do que a morte. (3ª estrofe do poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht)

No decorrer do poema, percebemos a realidade que milhares de pessoas vivem numa sociedade que privilegia a tendência do capitalismo. Para Marx (2000, p.57), “a riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadorias, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza”.

O poema foi criado partir de outro contexto social, diferente do vivido pelo MST, mas quando os militantes permitem que as vozes sejam ouvidas através das místicas do MST, passamos a perceber que aquela realidade, na qual foi escrita a poesia, é bem parecida com a que vivemos em nosso País.

Neste sentido, esses enunciados assumem o papel de organização dos saberes dos sujeitos através do tempo e, assim, os valores sociais dos sujeitos podem ser manifestados.

[...] passamos a observar certo interesse dos camponeses organizados, pela linguagem em prosa e verso nas manifestações, reuniões e eventos em geral, momentos em que expressavam o senso crítico, [...] fazendo com que eles usufríssem da mediação da linguagem como parte constitutiva da própria cultura [...]. (BOGO, 2011, p.10).

É por meio da linguagem poética que as pessoas têm buscando refletir sobre a sua trajetória de luta. Bogo (2011, p.104) argumenta que “o empenho na produção poética encontrava no acampamento o lugar para a divulgação das mensagens captadas e produzidas pelos sujeitos da ação e também da narração de seus feitos”. Portanto, a poesia na mística do MST enfatiza a identidade do grupo e revela a situação que as pessoas vivem.

Considerando que está sobrando carvão
Enquanto nós gelamos de frio por falta de carvão
Nós decidimos que vamos tomá-lo
Considerando que ele nos aquecerá
Considerando que os senhores nos ameçam
Com fuzis e canhões
Nós decidimos, de agora em diante
Temeremos mais a miséria do que a morte.

(4ª estrofe do poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht)

A luta que o MST realiza é para que não falte o pão na mesa do trabalhador. E com ela o movimento possibilita que se reflita também sobre a má distribuição da riqueza, entre outros temas importantes para a nação.

Considerando que para os senhores não é possível
 Nos pagarem um salário justo
 Tomaremos nós mesmos as fábricas
 Considerando que sem os senhores, tudo será melhor para nós.
 Considerando que os senhores nos ameaçam
 Com fuzis e canhões
 Nós decidimos: de agora em diante
 Temeremos mais a miséria que a morte.

(5ª estrofe de poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht)

O povo, no poema, clama pela liberdade. E como isto não é possível sem a luta, o poema convida as pessoas a construir a sua própria história.

Considerando que o que o governo nos promete
 Está muito longe de nos inspirar confiança
 Nós decidimos tomar o poder
 Para podermos levar uma vida melhor.
 Considerando: vocês escutam os canhões
 Outra linguagem não conseguem compreender
 Deveremos então, sim, isso valerá a pena
 Apontar os canhões contra os senhores!

(6ª estrofe do poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht)

A linguagem poética foca na ótica interpretativa, e isto aparece na mística com um efeito de desvelamento da realidade, já que as pessoas procuram fazer reflexões sobre o que perpassa os rituais para compreender os conflitos que elas enfrentam para alcançar os seus objetivos. Vimos no poema analisado, que ele tem uma estrutura que não privilegia a regra de rima e estrofes iguais.

O poema Os dias da Comuna, de Bertold Brecht, foi usado em uma mística no assentamento Palmares II, em agosto de 2013, com o propósito de chamar a atenção dos governantes locais para os problemas que os moradores encontravam na comunidade. A temática escolhida para mística foi no sentido de dizer que os assentados estavam indignados com o descaso do poder público e, ao mesmo tempo, tinha como foco fazer os sujeitos serem coerentes com os seus propósitos.

Esta mística surgiu na escola do Assentamento Palmares II. As pessoas que participavam do ritual trajavam roupas que faziam referência ao movimento (FOTOGRAFIA 9), isto é, os sujeitos estavam de camisas e boné que estampavam a bandeira do movimento.

FOTOGRAFIA 9 - A mística de abertura da assembleia geral na comunidade Palmares II para discutir os problemas dos assentados



Fonte: Acervo do autor.

Os participantes entraram nos espaços organizados para mística de forma aleatória, isto é, cada participante surgiu de lugares diferentes. Notamos que eles traziam nas mãos instrumentos como: livros, foices, chapéus, cartazes e a bandeira. Além disso, os mesmos faziam gestos com o braço e andavam de lado para outro, no que eram acompanhados pelo poema e, em seguida, pela canção (novo amanhecer). Antes disto, os militantes tiveram um momento para decorar os poemas que aparecem no decorrer da manifestação.

Os poemas usados para análise se diferem um do outro tanto na forma quanto no conteúdo. Porém, quando usados na mística do movimento eles recuperam a história e fazem com que os militantes revivam a luta pela igualdade social tão sonhada pelo MST.

Na mística se manifestam diversas linguagens, como temos dito, mas falar sobre elas e não aprofundar no papel que cada uma assume no ritual nos parece uma defasagem na compreensão teórica e na dimensão simbólica que cada uma desenvolve no ritual. É por isso que ressaltamos que a linguagem teatral contribui para a fusão das demais linguagens como: a poética, a musical e a simbólica. Neste sentido, as linguagens se juntam para incorporar uma teatralidade que visa representar os costumes e crenças dos sujeitos sem-terra.

3.4 O gênero discursivo ‘teatro’ nas místicas do MST

É recorrente, na mística do MST, a linguagem teatral, isto é, existe uma teatralidade que faz parte das manifestações realizadas pelos participantes do ritual. Ela é uma expressão artística que foi incorporada pelo MST por meio de estudos e de experiências, que deram um novo caráter à representação do contexto de luta pela terra. Silva (2011, p.262) considera que “é através da linguagem verbal, não verbal, digital, enfim, que nos mostramos, formamo-nos, percebemo-nos. Assim nasce a arte de cantar, compor, dançar, escrever, expressar-se, representar a realidade. Assim nasce o Teatro”. A linguagem artística cria e recria as identidades, impulsiona a imaginação; além de possibilitar diversão, também, tem a função de dizer certas coisas por meio de palavras, gestos e imagens.

Não há dúvidas de que os militantes do Estado do Pará tenham realizado um estudo do teatro tradicional, o que lhes deu experiências para usar as técnicas e expressões que vêm das artes cênicas. Não se sabe de que forma se deu isto, mas é visível a presença de uma teatralidade que vislumbra uma arte corporal e gestual que é usada pelos militantes por meio da prática das místicas do movimento; apesar de não observarmos o uso de uma técnica específica para representar o modo de vida de quem mora no campo. Mas isto não significa que o grupo não compreenda o papel do teatro e que não busque se apropriar das técnicas ou jogos teatrais para usar nas práticas artísticas e culturais.

O que sabemos é que o MST acumulou experiências teatrais ao longo destas três décadas de luta que organizou no Brasil. Isto nos levou a buscar em que momento o MST se encontrou com o teatro. Verificou-se, então, que os sujeitos ligados ao movimento tiveram algumas experiências relacionadas ao teatro a partir de um contato com o Centro de Teatro do Oprimido (CTO), que, na época, era coordenado por Augusto Boal. Villas Bôas (2013, p.162) conta que

Quando a parceria entre CTO e MST teve início não havia intenção de consolidar um grupo permanente de ação teatral no MST. Já era claro que o objetivo central seria a formação de multiplicadores com as técnicas de Teatro do Oprimido. Mas, depois daquela turma, outras poderiam vir para novas sequências de oficina com Boal e o CTO. Contudo, o grupo de militantes reunido na oficina avaliou, após longa discussão, que por uma série de motivos a solução estratégica para a questão seria a consolidação de um grupo nacional de formadores na área teatral, que se encarregaria de multiplicar internamente os conhecimentos aprendidos com Boal e o CTO. Daí surge, num ato de ação deliberada daquele grupo de militantes, e não por

uma instância deliberativa legimitada como tal, a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré. Esse ‘livre arbítrio’ nos causou inicialmente algum problema, pois com razão, tivemos que explicar o que nos levou a essa atitude de nos auto-definir como uma brigada nacional.

A relação do MST com o Centro do Teatro do Oprimido fortaleceu o grupo que pensava o teatro no movimento, e a figura fundamental neste processo de aprendizagem foi a de Augusto Boal. Sua participação na formação dos militantes do MST possibilitou a formação da Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, o que pode ter possibilitado, aos sujeitos, repensar o processo de luta pela terra.

Percebemos que a artes cênicas foram incorporadas ao MST por meio das experiências a partir do contato com Augusto Boal – ele foi o responsável pelas experiências teatrais que circulam entre os grupos teatrais ligados ao movimento, já que os grupos teatrais dos assentamentos do MST se apropriaram do conhecimento cultural e artístico de Boal.

Augusto Boal, por sua vez, apropriou-se do teatro épico para pensar o teatro do oprimido, já que o teatro épico possibilita revelar as condições sociais que as pessoas vivem. Do ponto de vista de Benjamin (1994, p.133): “o teatro épico, portanto, não reproduz as condições sociais, ele as descobre. A descoberta das condições se efetua por meio da interrupção das sequências. Mas a interrupção não se destina a provocar uma excitação, e sim a exercer uma função organizadora”. Diante disto, podemos afirmar que o teatro no MST tem a função organizadora e de mobilização das diversas linguagens que circulam no MST. O que, por sua vez, pode ter levado os militantes a usar os saberes das artes cênicas para ajudar na formação da consciência dos sujeitos oprimidos. Villas Bôas (2013, p.165) considera que

Com o aprofundamento da experiência, da apropriação técnica e estética da linguagem teatral, passamos também a adquirir conhecimento de obras e procedimentos narrativos que nos permitem abordar um processo histórico amplo, e as conexões entre latifúndio, agronegócio, indústria cultural e contra-revolução permanente. Para esses casos, a intervenção do indivíduo em cena esbarra no limite da verdade parcial da ação individual como fator de mudança histórica. Notamos que forçar a mão do Teatro Fórum nessa demanda implica em resvalar para o arcabouço ideológico da livre iniciativa.

Augusto Boal é tido como precursor de uma proposta de teatro engajado e, por isso, ele foi e continua sendo importante para o MST. Ele se tornou uma referência por ter criado e dirigido peças teatrais que recuperam a realidade de trabalhadores, isto é, as peças teatrais

encenam alguns dos momentos de opressão que os trabalhadores vivem em seu cotidiano. No entanto, não sabemos se as técnicas vindas das experiências de Augusto Boal, as quais ele semeou no MST, são as mesmas que os participantes das místicas utilizam hoje para manifestar o modo de vida que os acampados e assentados vivem no campo. Villas Bôas (2013, p.166) enfatiza que

Há aí uma atitude de coerência política com a proposta elaborada a partir da radicalização das lutas populares dos anos 1960: o teatro desvincilhado de suas estruturas mercantis, da mediação da produção profissional, da imposição da bilheteria, dos patrocinadores; o teatro inserido organicamente como linguagem integrante do processo de formação dos militantes, dos assentados e acampados. Não custa lembrar que até hoje há questionamentos sobre a pertinência do MST se envolver com teatro, e até mesmo de se envolver com os cursos superiores ofertados em parceria com as universidades. Argumentos que reiteram a divisão social do trabalho, relegando a alguns a fronteira intransponível do trabalho manual, e privilegiando outros com o universo do trabalho intelectual e da produção simbólica. (VILLAS BÔAS, 2013, p.158).

O Teatro do Oprimido tem sido a base para as experiências teatrais dos trabalhadores sem-terra. E Augusto Boal assumiu a tarefa de continuar a luta pelo reconhecimento da arte engajada, a qual foi perseguida durante a ditadura militar. O Centro do Teatro do Oprimido teve como referência, em seus trabalhos, o teatro épico, e isto possibilitou o encadeamento e a articulação dos conhecimentos populares para fortalecer a arte nos grupos teatrais ligados ao MST. Villas Bôas enfatiza que

No momento em que o teatro épico foi derrotado pela ditadura, nasce a experiência do Teatro do Oprimido. Educação Popular como elo de retomada dos vínculos com a classe trabalhadora. Entretanto, contraditoriamente, o elo entre vida e cena exige o suporte de uma estrutura formal predominantemente calcada no drama, por conta da exigência de uma situação cênica que exige o diálogo como veículo da ação intersubjetiva dos personagens, para garantir a possibilidade de intervenção. Entretanto, parte da estrutura da cena de fórum é épica. (2013, p.166).

A proposta do Teatro do Oprimido possibilitou uma nova abertura para mudança do teatro convencional, pois incorporou novas características que serviram como direcionamento para as mazelas da sociedade, voltando seu interesse para o cotidiano das pessoas e para os dramas sociais vividos pelos sujeitos. Isto possibilitou tomar a própria vida como uma

situação cênica, isto é, a situação de opressão de uma pessoa, por exemplo, pode se tornar cena de uma peça teatral. Isto permitiu que Augusto Boal construísse um diálogo que visou criar debates sobre alguns aspectos sociais que alienam as pessoas e que fortalecem a indústria cultural. Augusto Boal é contra o teatro que visa criar espetáculos para alimentar a indústria cultural. Ao contrário disto, o dramaturgo propôs um teatro que tem como tarefa a formação política das pessoas para que não se deixem alienar. Neste ponto reside a importância do percurso feito por Augusto Boal, que levou o teatro para os movimentos sociais.

Villas Bôas (2013, p.158) afirma que

O contato que fora interrompido com o golpe agora retornava, em chave radical, pois pautado pelo método e princípio da transferência dos meios de produção da linguagem teatral visando a autonomia dos multiplicadores e grupos formados pelo MST. Ou seja, diferente da avaliação de muitos grupos de teatro brasileiros, que vêm no MST apenas a dimensão de público politizado e ambientado em espaço externo à zona urbana, Boal não pretendia apenas fazer teatro para o MST, mas nos termos da educação popular, se dispôs a fazer teatro com o MST, se propondo a dar forma teatral aos problemas do Movimento, e transferindo as técnicas para que elas fossem usadas de acordo com as demandas e interesses do MST.

É visível que Augusto Boal teve a pretensão de fazer teatro com MST. Pois ele ajudou os militantes do movimento a apropriarem-se das experiências teatrais que iriam dar um novo rumo para a luta da organização. Por isso, o dramaturgo articulou os problemas sociais encontrados pelo movimento e os desenvolveu em uma situação cênica que representa o drama coletivo que as pessoas ligadas ao MST vivem. Em outras palavras, ele observou os problemas sociais e os levou para uma dimensão artística que possibilitou usar as técnicas do teatro para constituir uma forma que permitisse desenvolver debates sobre questões políticas e ideológicas, entre outras.

O que é possível dizer, neste momento, é que a arte cênica se manifesta nas práticas artísticas da militância do MST e que a mística, como sendo uma delas, passa a desenvolver uma teatralidade nos rituais. Como dissemos anteriormente, é provável que esta teatralidade viesse das experiências teatrais que Augusto Boal desenvolveu com grupos ligados ao MST. A teatralidade que a mística manifesta passa a ser fundamental na formação da consciência dos sujeitos sem-terra. Cabe ao militantes mais antigos ensinar aos que estão ingressando no

movimento a se reconhecer como membro de uma comunidade e a estar ligado nas questões políticas e ideológicas.

O teatro, nesta perspectiva, assume a função de mostrar e de modificar as ações dos sujeitos sem-terra. Silva (2011, p.275) argumenta que “o teatro, assim como todo fazer artístico, faz com que o homem reconheça-se socialmente e ideologicamente, aproximando-o do mundo e das pessoas”. É por meio da prática artística que o sujeito se reconhece e é entrando em conflito com os problemas que enfrentam que conhece si mesmo. Silva (2011, p.275) também diz que “na arte, todas as formas são válidas, o conteúdo que se utiliza e a maneira como se faz uma obra literária, uma música ou uma peça teatral dependerá de como o sujeito percebe a si mesmo e ao outro. O ato de fazer teatro amplia nossa visão, modifica nossas ações”. E, conseqüentemente, ele, o teatro, pode contribuir para a formação de uma identidade, pois pode recuperar elementos de uma cultura.

A teatralidade presente na mística do MST tem a dimensão de manifestar o aspecto político e estético. O que pode servir como instrumento para mobilizar as pessoas para a luta, pois a arte na organização contribui para os militantes protestarem, assim como também serve para engajar as pessoas para fazer parte de um projeto de luta que visa a democratização da terra.

No MST os sujeitos que participam da luta (a luta pelo acesso a cultura e a arte) valorizam a arte engajada. Isto se deve ao fato que ela é um dos elementos que contribui para formação das pessoas. Silva explica que (2011, p.263) “o Teatro cumpre seu papel de formador de consciência quando utiliza técnicas de maneira engajada, quando se compromete com uma determinada linguagem social, não excluindo a forma artística, quando assume, de fato, o seu papel de reinventar a realidade”. Isto nos leva a dizer que o teatro reúne diversos elementos artísticos que se constituem como uma linguagem que ajuda a motivar os sujeitos a se envolver em uma trama.

No teatro que visa apenas ter a função de um espetáculo não existe relação entre ator e plateia. Na mística do MST é diferente, pois a preocupação dos militantes não é o espetáculo em si mesmo, mas como uma manifestação que pode ajudar as pessoas a ter uma postura crítica acerca de sua condição social. E, por isso, a mística traz uma teatralidade que dialoga com o social. Isto possibilita mexer com as pessoas, principalmente, porque na mística do

MST se manifestam identidades, as quais são valorizadas e respeitadas. Silva (2011, p.274), esclarece que

Além de propiciar formação humana, o teatro é uma forma de descobrir outras potencialidades. Há um mito de que no campo não necessita de escola, lazer, diversão, arte, de acordo com este mito, apenas uma enxada basta, afinal, este é tido como o único instrumento de trabalho do camponês. O trabalho com teatro proposto pelo MST e que engloba os grupos de diversos assentamentos apresenta o contrário; é uma forma de os jovens descobrirem que podem trabalhar com o que se identificam, eles podem ser cantores, pintores, poetas, músicos, atores. (SILVA, 2011, p.274).

É possível perceber que os militantes participantes da mística articulam uma teatralidade engajada, é o caso da sistematização das situações vividas em situações de apresentação de uma dada realidade, como uma peça teatral, por exemplo. Isto não é algo que possa ser prejudicial ao propósito da mística, ao contrário, os elementos do teatro contribuem para que os militantes tenham elementos para representar sua realidade ao povo sem-terra. Desta forma, a teatralidade serve para enriquecer a manifestação, pois possibilita aos sujeitos que usem uma linguagem fácil de ser entendida pelas pessoas. Diante do exposto, ressaltamos que a linguagem teatral é importante nas místicas do MST, assim como as demais linguagens. Todas são somadas para fortalecer a luta dos sem-terra pela democratização da terra e dos bens culturais.

3.5 Os gêneros discursivos na formação de um novo ser social

Procuramos nos apropriar da discussão sobre os gêneros discursivos para compreender sua contribuição para analisar as místicas do MST. Foi possível perceber que a linguagem assume uma tarefa específica na mística, que é formar o sujeito sem-terra. Neste sentido, é que presenciamos a arte no movimento através das místicas, pois nesta atividade circulam diversas linguagens que são usadas para expressar a realidade do sujeito que mora no campo.

A partir da discussão sobre gêneros discursivos na mística, podemos conceber que o ato de celebração é um dos acontecimentos mais significativos para o MST. O ritual é uma construção coletiva que envolve os sujeitos na celebração e nas demais atividades da organização. Neste sentido, podemos dizer que os militantes articulam várias linguagens, de modo que as místicas permitem a difusão de vários enunciados. Isto tem possibilitado, aos sujeitos sem-terra, expressarem o legado revolucionário, os gestos e as imagens simbólicas.

Desta forma, a mística é articuladora da cultura revolucionária, pois possibilita constituir uma cultura política do MST. Por isto, a mística é considerada pelos militantes como um dos instrumentos mais importante para o MST. Vejamos como uma das entrevistadas vê a mística do MST.

É um dos instrumentos mais importante dentro do MST é a mística, porque ela por si só fala e é a arte falando dentro de nós, então, por mais que as pessoas não gostem de arte, mas a mística acaba tocando dentro das pessoas. (Trecho da entrevista/Poliana).

Talvez a mística, por ser uma construção coletiva, possa ser vista como uma arte e este fato possa dar a ela a função de tocar as pessoas. Possivelmente isto ocorre pelo fato de ela trazer as linguagens que reforçam o processo de luta do movimento. Assim, as místicas passam a ser importantes para o MST, contribuindo de várias maneiras para a formação de sujeito que, posteriormente, pode vir a assumir, dentro da organização, a função de liderança.

Quando se perguntou, a um dos militantes do MST, se a mística contribui de alguma forma para a luta, em sua resposta, destacou que ela contribui. No caso, segundo ele, somente dessa forma a mística possibilita, aos sujeitos, refletir sobre sua realidade.

Sim, contribui sim, porque assim, ela nos faz refletir sobre os momentos que vivemos, ela é o alvorecer, sabe que as místicas sempre quando vai iniciar a luta primeira é a mística, faz a gente sentar para discutir os elementos que vamos usar: a bandeira, um poema, o hino que nós vamos cantar. Estes são elementos que se juntam para nos dar força para luta, então ela tem uma função muito importante que é a função de fomentar um debate. (Trecho da entrevista/Messias).

Percebemos que as místicas do MST possibilitam que os sujeitos realizem debates sobre determinados assuntos, isto não acontece só no momento em que elas são preparadas, mas fundamentalmente depois que acontecem. É nestes momentos que os sujeitos tiram suas impressões sobre os assuntos tratados nas manifestações. Além disso, as místicas da organização dos sem-terra são expressões artísticas que reúnem muitos enunciados, o que torna difícil definir ou categorizar o seu ritual.

Para mim a mística, enquanto ser humano indivíduo, ela tem feito diferencial muito grande, porque através da mística fui conquistada para o movimento, foi a mística que me ganhou para o MST, porque é teatro, é musica, são muitas linguagens envolvidas e um só instrumento que é a mística, então, para mim, acho que ela é um meio de formação, capaz de formar, um instrumento de formação. (Trecho da entrevista/Hallayana).

Mais uma vez a mística do MST aparece como meio de formação, e isto tem permitido dizer que ela é uma das principais ferramentas que organizam os sem-terra, além de contribuir com a identidade destes sujeitos no processo de formação dentro do MST. As místicas têm possibilitado que eles sigam os princípios do movimento, como ocupar terras, educar as pessoas e buscar melhores condições de vida. Isto possibilita, ao MST, constituir uma cultura. Na visão de Bogo,

A luta vai criando hábitos e jeitos que dão identidade à organização e aos poucos descobrimos que a cada passo construímos nossa existência, que chamamos de MST. Assim ocupamos terra, lutamos por créditos, educamos crianças, construímos casas e escolas, participamos de disputas eleitorais, gravamos CDs, protestamos contra as privatizações, fazemos ações de solidariedade. (BOGO, 2000, p.5).

Podemos perceber que as apresentações desenvolvidas pelas místicas têm, até certo ponto, os aspectos da construção da consciência dos sem-terra. Ou melhor, aspectos formativos.

Os objetos que surgem nas místicas desenham as imagens que fazem parte da vida dos sujeitos engajados no MST, isto pode servir para os militantes pronunciarem o mundo em que vivem através dos objetos simbólicos. A linguagem, neste sentido, ressignifica as coisas e pode levar as pessoas a terem entendimento daquilo que lhes é apresentado.

É possível dizer que as místicas necessitam ser articuladas com uma linguagem, que deve funcionar para redimensionar o mundo. As linguagens nas místicas constroem para os sujeitos o significado dos signos que lhe são apresentados e como são denominados pela classe social.

A expressão através dos textos serve para sistematizar as propostas de luta, assim como os pensamentos dos militantes do MST. O discurso tem um papel importante para levar os sujeitos para frente, ou melhor, para pensar a sua realidade. Até certo ponto a mística traz certa ousadia, visto que ela possibilita que os sujeitos reflitam sobre seu papel na sociedade, além de denunciar as injustiças que são cometidas em sociedade. Em outras palavras, os discursos que permeiam as atividades realizadas pelo movimento dos sem-terra, principalmente nas místicas, são as ferramentas de luta que possibilitam que os sujeitos articulem as formas de se expressar em seu meio social.

As linguagens verbais e não verbais estão impregnadas de valores, de história que circulam nas místicas do MST e se constituem como instrumentos pedagógicos. Os militantes vêem na mística as linguagens que servem como uma ferramenta que possibilita conhecer melhor o movimento.

A linguagem que o MST tem construído através das místicas procura enraizar novos valores sociais na vida dos trabalhadores ligados ao MST e contribui de diversas maneiras para a formação dos militantes. A linguagem que surge nas místicas do movimento é constituída pelas músicas, pela poesia, pelo corpo, pelas vozes dos cantores populares, pelas poesias dos poetas populares e pelas ferramentas de trabalho que servem para manifestar a ideologia da organização.

Nas místicas do MST as expressões artísticas ganham vida, isto é, os corpos dos participantes nas místicas se movimentam e, com isso, ganham alegria, felicidade, emoção. Em outras palavras, as místicas levam emoções para a vida daqueles que lutam por seus ideais. Por outro lado, as místicas também despertam, nas pessoas, sentimentos de indignação por mostrarem a realidade dos fatos, visto que elas trazem recordações dos momentos de sofrimento que cada antigo companheiro passou na luta.

Os significados dados para as místicas do MST surgem conforme as experiências dos sujeitos, as quais são construídas através das relações sociais mantidas pelas pessoas no cotidiano da luta. Além disso, nas místicas do movimento, aparecem histórias de vida que devem ser contadas para o povo. Neste sentido, as místicas do MST só se apresentam como jogos metafóricos para aqueles que não entendem a luta dos trabalhadores sem-terra. Em outras palavras, a maioria das pessoas não associa o que acontece nas místicas com a realidade porque não vivencia a luta e, assim, não consegue dar sentido às narrativas que são apresentadas nas místicas. A mística pode ser vista como um diálogo que traz várias vozes que denunciam a realidade vivida pelas pessoas oprimidas na sociedade. Percebemos que a cultura do movimento está ligada à mística, pois ela manifesta um saber que os sujeitos constituíram por meio de suas experiências na luta dos camponeses.

É provável que cada grupo social articule sua própria linguagem para manter a relação dialógica entre todos da comunidade. Assim, a mística é constituída por um discurso artístico e cultural que representa a luta do MST. O ritual trabalhado nas místicas é significativo para os sujeitos, porque dialoga com a história social dos militantes que estão no MST e, por isso,

passa ser significativo para as pessoas que estão inseridas na organização e que passam a ter oportunidade de ter acesso a esta dialogicidade histórica. Neste sentido, a linguagem é o sistema simbólico da mística, que tem como objetivo representar a luta do MST. Para compreender a luta da organização o sujeito deve apreender, durante o processo de luta, os significados atribuídos à mística pela comunidade linguística constituída.

É neste sentido que os militantes reproduzem o seu modo de vida para as místicas do MST, fazendo disso uma representação de suas vidas. Por outro lado, as místicas têm a função de levar os sujeitos a pensar sobre sua realidade. O trecho a seguir de uma das entrevistas confirma isto.

Acho que sim, porque quando se pensa uma mística, às vezes o que a gente está pensando não vai sair na hora da manifestação, tudo pode acontecer na hora que a mística vai acontecer, às vezes fazemos assim, vamos fazer um panorama da mística, mas na hora que é para ela acontecer, pode acontecer de ser diferente, pois a vida aparece na mística; os elementos aparecem e também aparecem novos elementos que surpreendem quem pensou a mística. Então, a gente vai aprendendo o movimento da vida que é mais importante do que pensar... A vida acontece diferente, muitas vezes fortalece aqueles sujeitos que estão pensando a mística, e quem está fazendo a mística. (Trecho da entrevista/Messias).

Nas perguntas feitas aos militantes do MST durante as entrevistas, em especial a que sugere que eles falem sobre o que podem aprender com a realização das místicas do movimento, foi fácil perceber que se aprendem muitas coisas com as místicas da organização dos sem-terra. Por meio das místicas são transmitidos saberes que foram acumulados historicamente pelos sujeitos. E os mesmos, ao se apropriarem deles, têm a capacidade de expressá-los através das místicas do MST. E é desta forma que os sujeitos têm se formado dentro do movimento: através das místicas. É participando das místicas e discutindo o seu planejamento coletivamente que os militantes mostram sua pertença à organização dos sem-terra, o que possibilita que muitos deles cheguem até a liderar a organização.

O papel da mística está vinculado ao processo de formação de um novo ser no movimento, em síntese, no forjar de uma consciência que pode levar o sujeito a assumir até mesmo posição de dirigente na organização.

Participar de uma sessão da Mística é envolver-se em dois momentos distintos: um momento de contemplação estética, em que a emoção se faz presente; e um momento de retorno ao mundo analisado pelas categorias

trazidas pela representação, pela poesia, pelos textos. Assim, a Mística contribui para a formação de consciência dos sujeitos envolvidos. (SANTOS, 2010, p.16).

As memórias deixadas por alguns grupos sociais podem ser usadas na formação da militância de grupos sociais no Brasil. Movimentos sociais como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o MST têm focado na formação de seus intelectuais e, em meio a isso, foram formados intelectuais que se originaram a partir da ideologia do grupo. Do ponto de vista de Gramsci (1991, p.3):

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo, da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc.

A maioria dos grupos sociais busca, por meio de seu trabalho, manter a estrutura social construída por seus antepassados, isto é, através de suas ações intelectuais e espirituais e que estabelecem relações de poder na sociedade para que seus projetos de exploração sejam aceitos. Os intelectuais emergidos deste processo têm a função de proteger a cultura e a identidade do grupo.

Talvez as relações de poder que configuram as místicas, e que as mantêm, possam ajudar na formação dos intelectuais da organização, já que os mesmos são forjados a partir da assimilação política e ideológica do grupo a que pertencem. Em síntese, os intelectuais das organizações sociais devem se apropriar da assimilação ideológica da classe social a que pertencem para desenvolver as atividades que podem libertar os sujeitos da opressão, do preconceito, entre outras coisas.

Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 1991, p.9).

Os grupos formam seus intelectuais a partir da assimilação de sua ideologia. Isto tem feito o MST construir os espaços para instruir os sujeitos, a fim de levar até eles a oportunidade de fazer a diferença na luta por seus direitos.

O MST tem focado na formação de seus intelectuais, alfabetizando os sujeitos politicamente para que os mesmos tenham condições de valorizar os princípios e valores do movimento. E, portanto, tornarem-se intelectuais da organização com compromisso com a causa social. Isto tem feito o MST buscar construir sua identidade. Hall (1997, p.12) argumenta que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades [...]”.

O processo de exploração do trabalhador é fomentado pelo trabalho de alguns tipos de intelectuais que fazem parte da classe dominante, que são especialistas em oprimir os sujeitos, ou melhor, em explorar sua mão-de-obra. Ao contrário destes intelectuais, aqueles formados através da luta por mudança social tendem a ter um diferencial, eles estão preocupados em propor atividades que beneficiem o grupo ao qual pertencem.

Os intelectuais de tipo rural são, em sua maior parte, “tradicionais”, isto é, ligados à massa social camponesa e pequeno-burguesa das cidades (notadamente dos centros menores), ainda não elaborada e movimentada pelo sistema capitalista. Este tipo de intelectuais põe em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local (advogados, tabeliães, etc.) e, por esta mesma função, possui uma grande função político-social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política. (GRAMSCI, 1991, p.13).

Toda atividade de nível intelectual demanda um tipo de conhecimento, por isso o sujeito que lidera uma organização social tem que estar em constante formação.

[...] todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1991, p.7).

O sujeito que contribui para a luta de uma organização social acaba desenvolvendo algum tipo de atividade intelectual para representar o grupo. A forma de pensar destes intelectuais tem o poder de mobilizar as pessoas para buscar seus direitos.

A mística, sendo o produto da atividade da militância do MST, tem grande importância para a educação dos trabalhadores sem-terra. Segundo Castro (2005, p.17), “a consciência da importância da Mística está no seu papel de organizar, dar liga, unidade e educar seus participantes em torno do projeto e do ideal. A mística é o ideal que sonhamos”.

As experiências dos sujeitos incorporadas nas místicas do MST contribuem para que outras pessoas aprendam a lidar com os desafios que aparecem na luta, de modo que elas se tornem mais ativas dentro do movimento para resolver os problemas do seu cotidiano. Neste sentido, a prática da mística no MST conseguiu e consegue formar pessoas dentro do movimento. Podemos verificar isso no trecho a seguir de uma das entrevistas.

Sim, isso é bem óbvio, às vezes a inserção na mística já ajudou a formar muitos quadros, por exemplo, uma pessoa que não tinha uma participação tão efetiva no movimento ou na luta. Mas, que sua participação na mística, a partir da leitura de um poema, a levou a falar no microfone, e isto possibilitou a se destacar no movimento enquanto liderança. Nós temos vários jovens que eram assim, que era apenas estudantes e que não tinha essa inserção no movimento, mas, a partir da participação nas místicas, nos debates, foram se inserindo como sujeito da luta e que hoje são grandes militantes do MST. (Trecho da entrevista/Messias).

As experiências que os sujeitos adquirem do processo de implementação das místicas têm possibilitado dialogar com outras experiências sociais vividas no decorrer do processo de luta de outras organizações. O conhecimento possibilitado pelas místicas do MST serve para contribuir para a formação social, política e ideológica dos sujeitos que fazem parte da luta do MST.

A mística também ela é vida para o MST, por exemplo, costuma dizer quando uma coisa não está indo muito bem é que está sem mística, por isso, a mística é uma das coisas mais importantes do MST também, como há ocupação de uma terra, a mística também é um dos elementos muito importantes, acredito que também ajuda a animar e conscientizar mais também, mas não sei se é o foco principal da mística, talvez não seja isso. (Trecho da entrevista/Débora).

As atividades em que os militantes orgânicos são inseridos no MST fazem deles os responsáveis pelo planejamento e pela manifestação das místicas. Porém, existem aqueles

militantes que não conseguem participar da manifestação das místicas. No entanto, estes militantes que não se inserem nas atividades das místicas aprendem do mesmo modo que aqueles que participam, já que a apreciação das místicas contribui para a formação de uma militância não participativa, mas porque eles compreendem as lutas sociais e sabem de sua dimensão política.

Não sei, penso que depende por que a liderança também participa das construções das místicas, das apresentações das místicas. Mas, acho que vai também desse negócio da afinidade, que tem certo dirigente que num participa de mística, não vai ajudar a preparar a mística e nada disso, mas tem dirigente tem mais afinidade, acredito que os dirigentes, por exemplo, os dirigentes da frente de massa não são muito, de preparar uma mística de ir à frente e ler um poema. Mas o pessoal, por exemplo, da educação, do setor de educação os dirigentes vão ajudar a preparar a mística também, apresenta a mística, acho que depende muito da afinidade da pessoa. (Trecho da entrevista/Débora).

A formação que o MST disponibiliza para sua militância se dá pelo menos de duas maneiras: a formação dos sujeitos na luta diária, no convívio social com os acampados e assentados; e por meio da apropriação dos saberes sistematizados sobre as lutas históricas, o que possibilita reflexões. Talvez a realidade vivida pelos trabalhadores sem-terra disponibilize os elementos que possibilitam a criação da prática revolucionária do MST.

É possível ver uma dimensão da contribuição da mística do MST a partir do entendimento de que ela tem um sentido materialista, pois possibilita que o mesmo sujeito que planta se aproprie de sua dimensão simbólica. O participante da mística é o sujeito que lida com a terra para tirar o sustento da sua família; ao mesmo tempo, ele busca se apropriar dos gestos simbólicos e da história revolucionária para contribuir com a formação de seus companheiros de luta (informação verbal)²⁴.

Para Souza (2012, p.73), “a relevância da mística na formação de sujeitos históricos está em sua tentativa de criar uma esfera ideológica tendo como base a representação estética do mundo, cujo reflexo pode, em algumas situações, revelar os desafios da humanidade”. Percebemos que, além das atividades que realizam nos acampamentos e assentamentos, elas ajudam na formação dos militantes, o que dá experiência para enfrentar os desafios. Por outro lado, as práticas culturais da organização também contribuem para a formação dos sujeitos

²⁴ Informação fornecida por Rafael Villas Bôas na defesa desta Dissertação, em Goiânia, em novembro de 2014.

como lideranças da organização a partir da assimilação da ideologia do MST. É descrito por Gramsci (1991, p.4) que “[...] os intelectuais ‘orgânicos’, que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, no mais das vezes, ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social que nova classe deu à luz”.

A tendência dos grupos sociais é de forjar seus quadros de intelectuais. Mas isto não basta, os mesmos são classificados conforme a necessidade do grupo. Além disso, os intelectuais que são forjados na luta dos trabalhadores têm características diferenciadas dos intelectuais criados pelos empresários, visto que estes têm interesses próprios, já os formados pelo movimento de luta têm como base o interesse de um coletivo ou uma comunidade.

Notamos que há, no movimento, a proposta de forjar quadros de militantes que busquem contribuir com a organização da população acampada e assentada. Neste sentido, os intelectuais forjados na luta da organização têm compromisso com a luta e com o povo. Além deste compromisso existem outros que são fundamentais dentro do movimento, sendo um deles o estudo, pois existe a necessidade de apropriação do conhecimento para conduzir o movimento à luta pela conquista da terra. Do ponto de vista de Gramsci (1991), o movimento, ao se constituir como tal, já tem seus intelectuais, mas é a luta que aprofunda a qualidade da intervenção dos intelectuais no movimento e na sociedade.

É visível no MST a percepção que afirma que os militantes do movimento são intelectuais; porém, alguns militantes assumem atividades diferentes, enquanto uns assumem a coordenação do acampamento e do assentamento, outros vão para a coordenação da regional, para estadual e para nacional. Embora existam atividades diferentes, os militantes dialogam nos encontros para debater os rumos da luta; assim, eles assumem o papel de intelectuais da organização dos sem-terra.

CAPÍTULO IV

ESTUDO SOBRE A MÍSTICA DO MST NA PERSPECTIVA DAS PERFORMANCES CULTURAIS

Nos capítulos anteriores enfatizamos o desenvolvimento da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, apontando os principais elementos que compõem as manifestações apresentadas nos espaços de discussão dos militantes do MST. Buscamos, com isto, dizer que os aspectos culturais trazidos pelas místicas contribuem para capacitar os sujeitos para serem líderes da organização. Neste sentido, falou-se da memória social, dos enunciados, dos discursos e dos gêneros discursivos.

O presente capítulo busca analisar a mística no âmbito das reflexões das performances culturais. A partir do entendimento de performance como as ações que os sujeitos desenvolvem através das experiências, questiona-se: Quais os elementos presentes na mística que são características de uma performance? Esta pergunta possibilita pensar que a performance aparece ou surge quando os participantes usam as suas experiências de vida no seu cotidiano. Os camponeses construíram um estilo de vida próprio que marca a sua identidade, sua cultura, sua história e o modo como lidam com a sua realidade.

Entendemos que a performance aparece através das experiências que as pessoas tiveram, isto é, ela é resultado das experiências dinamizadas historicamente. As pessoas, de modo geral, desenvolvem uma performance, porque vivem rituais todos os dias, e eles se repetem, o que contribui para tal performance. Neste sentido, a mística, por ser um dos meios que possibilitam, às pessoas, expressarem suas experiências de luta e sua cultura, acaba possibilitando a elaboração de uma performance que é típica dos trabalhadores ligados ao MST.

4.1 Uma análise das místicas do MST por meio das discussões sobre as performances culturais

Partimos das discussões sobre performances através do estudo de Turner (1982) e de Schechner (1985), a partir dos quais é possível fazer uma leitura sobre o assunto em uma

dimensão discursiva²⁵, que irá contribuir para o conhecimento já abordado na antropologia da performance, o que introduziu a antropologia da experiência, como afirma Turner (1982). É na relação que a antropologia da performance estabelece com a antropologia da experiência que Dawsey (2011, p.208) concorda com Turner (1982, p.14) quando este diz que “[...] uma experiência se completa ou se realiza através de uma performance, ou forma de expressão”.

Por meio da discussão teórica de Turner (1982), assim como de Schechner (2006), abre-se a possibilidade de discutir a performance como experiência, a qual se manifesta no cotidiano dos indivíduos, seja de forma consciente ou não. Muitas vezes, até sem perceber as pessoas estão realizando performances.

A mística do MST, por ser uma construção coletiva, é elaborada por meio de vários fatores que fazem parte da cultura dos sujeitos ligados ao movimento. Assim, como também consegue aglutinar fatores estéticos que ajudam na manifestação da mística do movimento. Conforme Sottilli,

[...] os fatores sociais, políticos, históricos e cotidianos se relacionam aos fatores estéticos que compõem os elementos artísticos evocados na mística: poemas, músicas, teatro, artes visuais (cenários, vídeos, filmes, produção de figurinos, painéis, quadros etc.). Assim, é produzida uma prática heterogênea em que um elemento afeta o outro [...]. (SOTTILLI, 2010, p.21).

O ritual do MST consegue reunir vários elementos para manifestar o propósito dos trabalhadores rurais sem-terra. E, por isso, reúne o lado histórico, o social, o político e as experiências dos sujeitos juntamente com o lado artístico, representado por meio dos cenários, do teatro, das artes visuais, das artes plásticas. A mística se torna uma prática diversificada por trazer vários elementos para os sujeitos protestarem a condição social que vivem; também para divulgar sua luta pela terra e pela transformação social. Para isto, muitas vezes é necessário trazer o belo, ou seja, é necessário enfatizar a importância da arte no movimento.

Os camponeses têm um estilo de vida próprio na lida com a terra e para permanecer nela. E isto é representado nas místicas do MST, onde é apresentada a realidade que caracteriza a luta do trabalhador para se manter na terra. Os participantes das místicas entram

²⁵ Utiliza-se este termo para indicar que ao falar de performance se está citando o ritual e o teatro, assim se tem clareza das definições de performances.

em transe²⁶ quando estão dentro da atividade, porque ela provoca emoção por contar a história de um povo.

O estudo sobre a mística tem possibilitado refletir que ela está presente o tempo todo nas atividades do MST. O que permite, ao ritual, trazer memórias do passado para projetar o futuro para a humanidade. Mesmo absorvendo o papel que a mística desenvolve no MST, é possível dizer ela pode ser entendida como uma performance, já que a performance cultural é da ordem do acontecimento. Ao relacionar esta ideia com a mística, surge um sentido que nos permite dizer que existe uma performance que permeia na mística do MST.

A mística pode ser entendida como performance cultural por pelo menos duas óticas. Primeiro ela está presente o tempo todo, ou seja, é um acontecimento permanente que tem certas regras, as quais, no entanto, não são rigidamente seguidas; segundo ela é uma representação do comportamento dos trabalhadores do MST. E isto possibilita aos participantes desenvolver ações que aparecem nas dificuldades que os trabalhadores encontram para se fixar no campo. Desta forma, as expressões são criadas para representar o contexto social que os trabalhadores vivem; isto traz uma estética amparada em uma performance artística.

Para Schechner (2006, p.2), “[...] performance – de arte, rituais, ou de vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experimentados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam”. Percebemos que existem performances que são constituídas por meio das místicas, sendo que elas advêm das experiências dos sujeitos que participam do processo de luta da organização. E as místicas costumam trabalhar a realidade dos trabalhadores sem-terra e, portanto, aparecem elementos do cotidiano, desde o comportamento dos camponeses na luta diária na sua roça e até o que o MST almeja para a classe social.

Neste sentido, a performance presente na mística do MST é contra-hegemonia, já que existe a participação coletiva na preparação e na apresentação do ritual nos espaços do movimento, subvertendo as relações de poder convencionadas na sociedade. Além disto, ela tem uma função social, que é contribuir para as reflexões dos sujeitos que estão na luta pela transformação social.

²⁶ Pegando o termo emprestado de Schechner, que o utiliza em suas abordagens sobre performance, 2006.

Do ponto de vista de Souza (2002, p.84), “[...] o desenvolvimento das místicas como parte da práxis dos movimentos sociais anunciam possibilidades efetivas de, pela sua mediação artística com uma expressão genuína do real, erguer no horizonte dos trabalhadores novas formas de sociabilidade”. Percebemos nas místicas que os atos dos sujeitos têm resquícios que podem ser caracterizados como artísticos, estes conseguem se manter durante toda a manifestação do ritual, pois o que está em jogo é a representação da realidade que os sujeitos vivem na sociedade. Nem que, para isto, seja necessário teatralizar os enfrentamentos e as condições de vida que as pessoas que moram no campo vivem para permanecer em sua terra. É por isso que Souza afirma que

A mística é uma forma de arte que nasce do pensamento mágico, mas que dele tenta se desvencilhar em busca de autonomia, um processo não inteiramente concluído. As performances aproximam-se de uma representação realista do mundo, cujo reflexo, inerente às formas artísticas, possui a tendência de atuar na constituição educativa do homem enquanto sujeito histórico. (2012, p.77).

É nesta perspectiva que o MST vem mostrando, através da mística, os momentos marcantes durante sua trajetória de resistência social. Além disso, a mística tem possibilitado relembrar os feitos de muitas pessoas que lutaram em prol da organização. Santos (2010, p.32) afirma que “a mística tem sido vista por muitos como o momento em que os sem-terra celebram a memória de grandes mártires, lembrando grandes nomes que tombaram na luta e hoje se tornaram exemplos na luta do movimento”.

A mística possibilita, aos sujeitos, lembrar-se de suas conquistas, também das possíveis vitórias que o grupo poderá alcançar. Mas vale ressaltar que a mística serve para articular os desejos das pessoas de buscar uma vida melhor.

O papel da mística é variado, mas faz parte de um processo de fazer-se, torna-se coletivo com unidade e identidade do MST e das pessoas que dele participam nas circunstâncias de enfrentamento e resistência com o latifúndio e o Estado, nestas duas décadas de existência. A formação de grupos, equipes, coletivos, setores, brigadas, para a realização de atividades e resolução das questões do Movimento fez e faz com que as pessoas encarnem a mística de participarem do Movimento. E o Movimento ao estar encarnado nesta mística de participação se faz *presente ao seu próprio fazer-se*. (CASTRO, 2005, p.24).

Em princípio, a mística pensada como performance cultural do MST pode trazer vários significados para os militantes do MST. Estes significados se desdobram em outros para os sujeitos que não estão inseridos no movimento. Os sentidos dados à mística refletem de forma marcante na vida dos sujeitos que participam deste ritual.

Consideramos a mística no MST como signo, que enquanto tal reflete e refrata uma realidade. Enquanto manifestação própria da cultura do Movimento Sem-Terra, a Mística é um acontecimento que pode ser capaz de refletir muito sobre os sujeitos que dela participam, fato que faz dessa expressão do movimento um objeto de estudo. (SANTOS, 2010, p.14).

A mística não deve ser comparada a um teatro, na verdade, os elementos que nela circulam permitem que ela seja comparada ao “contrateatro”. Além disso, a mística não é para ser assistida, mas para ser vivenciada pelos sujeitos que lutam pela terra e pela transformação social.

A Mística do MST como um ‘contrateatro’ repõe o aspecto épico da multidão. Seja como um momento, um tempo; seja na dinâmica do fazer-se de suas ações nas ocupações ou nos cursos. Partilha-se uma subjetividade de experiências herdadas e compartilhadas que afirmam a presença do ‘povo’ e revitaliza a luta social como um *modus operandi* da transformação, da inversão da ordem social. Ela é, ainda, uma maneira simbólica de experimentação de um futuro social junto às pessoas que participam das suas ações e dos seus espaços, mas que depende de quem a vivencia pois ‘só faz sentido se faz parte da vida’. (CASTRO, 2005, p.29).

O ritual que a mística, pode trazer é a inversão da ordem social que os sujeitos vivem, isto é, a luta pela transformação social, o que permite a construção de um futuro do qual as pessoas possam fazer parte. Percebemos que a mística do MST mobiliza os saberes, os valores sociais e as ações dos povos antigos, como os índios, os negros que viveram nas senzalas e os que fugiram e criaram um sistema de vida nos quilombos. Isto permite que os militantes compartilhem com os trabalhadores as memórias e as histórias de luta dos sujeitos que antecederam a luta do MST.

A mística tem se tornado um suporte para ajudar o movimento em todos os sentidos: no que se refere à organização dos trabalhadores, na formação da identidade e no desenvolvimento da luta da organização. Diante disso, as místicas não nascem e nem acontecem do nada. Elas têm um objetivo específico ao acontecer tanto nos espaços do MST quanto em outros espaços que não são do movimento.

A mística do MST não nasce do nada! Esta sentença remetia à necessidade de o Movimento forjar de onde a mística vinha e quais eram as suas características. Traçar um entendimento para seus integrantes e também para aqueles que eram estranhos ao MST passou a ser uma tarefa de intelectuais [...]. (COELHO, 2010, p.130).

As pessoas que atuam na organização acabam motivando outras pessoas a pensar na mística como uma ferramenta fundamental na construção da identidade dos sujeitos.

[...] a mística procura despertar nos sujeitos, através da mensagem lida de um poema, da música, sentimentos de alegria, tristeza, indignação, medo e coragem, fazendo com que os sujeitos se sintam vivos. Refletindo sobre suas próprias condições de vida e das pessoas que estão ao seu redor e tomando posição diante dos fatos ocorridos na sociedade, a Mística faz parte do conjunto de trabalho de conscientização social que leva à indignação contra qualquer forma de injustiça. (SANTOS, 2010, p.16).

Percebemos que a performance que acontece da experiência das pessoas não estabelece regras para tal realização, já que o ritual que os sujeitos realizam faz parte do dia-a-dia que leva no campo. Ao lado disso, percebemos que para a realização da mística não existe uma receita que possa ser usada para se elaborar o ritual da mística. Mas se nota que existem alguns elementos que são fundamentais para tal realização.

A mística pode ser vista como uma performance cultural do MST, principalmente por despertar nos sujeitos, através dos objetos, das mensagens lidas de poemas ou das músicas, sentimentos que possibilita que os acampados e os assentados unam forças para lutar por seus objetivos. A forma como a leitura e os objetos aparecem na mística nos faz perceber a existência de um rito que traz várias performances para dentro do MST. Conforme Souza,

Em formato de rito, são performances que transcendem o espaço dos acampamentos e assentamentos e são consideradas quase obrigatórias nos encontros, atividades pedagógicas, como cartão de visitas e como forte componente dos próprios atos e manifestações políticas do grupo. A mística aparece como um fator de agregação e motivação constante, que objetiva gerar vínculos entre os militantes e o MST. As objetivações artísticas canalizam em narrativas a revolta popular do movimento. (SOUZA, 2012, p.47).

Podemos perceber que os atos que os militantes desenvolvem perpassam por um rito que leva as pessoas a realizar performances, as quais servem para narrar a trajetória de luta dos trabalhadores sem-terra, na maioria das vezes representam os fatos negativos da história

vivida pelos sujeitos. Estas performances sempre articulam com expressões das artes cênicas que contribuem para as apresentações dos militantes.

Embora tenha sido dito por Bogo (2002) que a mística é um mistério, percebemos, ao longo deste trabalho, que ela é uma ação de protesto. E quando manifestada pelos sujeitos, pode ser vista como uma performance que traz as experiências que os sujeitos tiveram no decorrer das atividades desenvolvidas no MST. Estas experiências aparecem na mística por meio de expressão artísticas e, por isso, a mística pode ser vista como performance, já que privilegia a estética. Conforme Souza,

A função estética em grande parte das apresentações expressa a necessidade da luta social, refletindo o contexto de crise civilizatória que vivemos e a possibilidade efetiva de mudança deste quadro. Longe de mágica, essa ideia, manifestada na mística, de transformar os sem-terra em sujeitos concretos da mudança necessária; de arrebatá-los para essa difícil jornada, caracteriza-se como um tipo de simbolização realista fundamental ao MST. (SOUZA, 2012, p.81).

Nesse sentido, a mística, no nosso entender, trabalha com o realismo social do MST. E para enfatizar isto de modo que os trabalhadores entendam, torna-se necessário que a militância use suas próprias experiências de luta para manifestar, ao público, o contexto social de luta que deve ser enfrentado por eles para alcançar seus objetivos. Ao lado disso, os militantes têm usado a arte para se expressar para os trabalhadores sem-terra.

[...] fica claro que, realizar arte, isto envolve treino e ensaio. Mas a vida cotidiana também envolve anos de treino e de prática, de aprender determinadas porções de comportamentos culturais, de ajudar e atuar os papéis da vida de alguém em relação às circunstâncias sociais e pessoais. (SCHECHNER, 2006, p.3).

A prática e a vivência da militância na luta do MST têm possibilitado conhecer a cultura da massa camponesa através de sua inserção nos acampamentos e assentamentos. Os rituais que os militantes realizam nas místicas vêm de suas experiências através das relações sociais entre os acampados e assentados; por isso os militantes conseguem articular uma performance cultural do MST em suas místicas.

A performance, como discutido por Durkheim, constitui-se como o ritual que manifesta os comportamentos e ideias de determinada comunidade que devem ser compartilhados pelas pessoas para manter a ordem social do grupo.

A idéia de que rituais são performances foi proposta, aproximadamente, um século atrás. Émile Durkheim (1858-1917) teorizou que as performances rituais criavam e sustentavam “solidariedade social”. Ele insistia que embora os rituais pudessem comunicar ou expressar idéias religiosas, eles não eram idéias nem abstrações, mas as performances decretam padrões conhecidos de comportamentos [...]. (SCHECHNER, 1895. p.58).

Compreendemos que as performances usadas em um grupo específico, como é o caso do MST, assumem o papel de criar e, ao mesmo tempo, de sustentar o que as pessoas construíram historicamente, de manter viva a memória e a história de luta de organizações e de pessoas que ajudaram na luta por mudança social. É neste sentido que a mística do MST articula vários comportamentos nos rituais para reforçar para o grupo o compromisso que eles assumiram para a mudança social.

De acordo com Schechner (2006, p.2), “[...] performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias”. Neste sentido, a performance criada pela mística do MST tem como objetivo recontar a história de luta dos trabalhadores camponeses, além de possibilitar, aos sujeitos, novas oportunidades de conhecer a identidade do MST.

Em uma performance cultural do MST podem ser incluídos os gestos, as vozes e, entre os gêneros do discurso e da linguagem não verbal, o próprio silêncio, o qual, dependendo de quem interpreta, pode significar muita coisa. Em cada mística os sujeitos pensam nas vozes que devem aparecer durante as performances dos participantes, nos gestos, nas ferramentas de trabalho dos camponeses e no próprio cenário, que pode ser esteticamente criado ou não. Isto é pensado a partir de um propósito específico do MST; as leituras de poemas e as músicas que tocam são pensadas para ressignificar a luta dos trabalhadores – um poema não é lido só com o objetivo de ser lido, mas porque existe um propósito que deve ser alcançado pelo movimento.

Percebemos que, para cada espaço, é planejada uma mística específica, e a performance que acontece em um determinado espaço não se repete em outro; embora elementos anteriores apareçam, mas nunca será idêntica à primeira. Isto porque cada sujeito

que participa da mística teve uma experiência singular nos acampamentos, nos assentamentos e dentro da organização MST.

É evidente que a mística acontece por meio de ensaio, embora elas aconteçam, na sua grande maioria, de maneira informal. Apesar disto, os sujeitos ensaiam as performances específicas para cada momento, porém, o que contribui para surgir uma performance cultural é a vivência dos militantes na luta.

Percebemos que o teatro tem como foco simbolizar, indicar e, ao mesmo tempo, ilustrar determinada situação vivida pelas pessoas. A performance se manifesta não para carregar os mesmos propósitos de reproduções que os *performers* procuram desenvolver em suas ações manifestadas, mas para articular as experiências dos sujeitos dentro de uma perspectiva de vida já amadurecida durante as relações sociais constituídas pelos indivíduos na sociedade.

A mística trabalha um comportamento restaurado, pois, como afirma Schechner (2006), a performance é vista como um comportamento restaurado ou uma experiência duas vezes vivida. Neste sentido, a mística é entendida como uma performance por enfatizar as experiências dos camponeses, que sempre lutaram pela conquista da terra, o primeiro passo da luta.

A concepção de luta do MST tem possibilitado, ao mesmo trilhar uma trajetória de luta e resistência social. Os encontros e reencontros entre os vários movimentos sociais durante décadas deram, ao MST, uma nova perspectiva de luta para seu povo. A cultura do MST, juntamente com a história de outras organizações sociais, possibilitou, ao movimento, pensar em uma cultura para sua classe social. E isto tem sido motivo para vários acontecimentos na vida das pessoas que sempre estiveram ligadas à luta do MST, como as revoltas de fazendeiros e políticos que acabaram na morte de 19 trabalhadores sem-terra na curva do 'S', fato conhecido como o Massacre de Eldorado dos Carajás (PA).

As experiências de luta dos militantes são responsáveis pelas místicas do MST. Neste sentido, a mística é responsável por reconstituir os acontecimentos que fazem parte da história de luta da organização. As performances culturais apresentadas através da mística incorporam a identidade do povo sem-terra, que busca uma realidade social diferente da vivida por eles.

Percebemos que as performances culturais são tradições deixadas pelos nossos antepassados, uma vez que o sujeito nasce dentro de uma estrutura social pronta, cabendo a ele apenas aprender os valores, os costumes e as culturas de seus semelhantes. Em outras palavras, a tradição cultural que continuamos parte do ponto onde nossos antepassados pararam, mas não é a mesma que viveram. Por isso, uma cultura sob a influência de outras desenvolve um perfil específico no modo de vida dos sujeitos.

A mística, como uma reguladora de performance do MST, está ligada à vida social dos sujeitos que moram no campo (os trabalhadores organizados pelo MST). Por outro lado, as performances que surgem através das místicas podem contribuir com a formação de ‘um novo ser social’ no MST – aquele sujeito que poderá dar continuidade à luta da organização dos sem-terra.

Para finalizar a discussão sobre os procedimentos aplicados na realização das místicas ressaltamos a importância das organizações internas do MST, os núcleos de base (NBs). São eles os responsáveis por articular as místicas nos espaços de atuação do movimento. No entanto, a mística não necessariamente acontece através das NBs, porque esses grupos, que pensam e desenvolvem as místicas, são organizados nos eventos do movimento; fora dos eventos as místicas acontecem naturalmente, por vontade dos militantes.

Existe um conjunto de elementos que fazem parte de uma performance; sendo que estes possibilitam aos sujeitos interagirem entre si e contribuem para a constituição de um discurso que estabelece a intenção social do grupo. Desta forma, as pessoas buscam várias formas de emitir mensagens em defesa de seus interesses, mas a relação de poder só se estabelece na vida das pessoas de acordo com o que os ouvintes recebem ou decodificam da mensagem.

Diante da discussão sobre performance, vimos que os gêneros discursivos e as linguagens verbal e não verbal fazem parte das performances dos trabalhadores sem-terra, já que os militantes do MST, quando preparam as místicas, utilizam de vários elementos para manifestar a razão da luta que o movimento desenvolve na sociedade.

4.2 O drama social presente nas performances que aparecem nas místicas do MST

As experiências antropológicas abordadas neste trabalho buscam compreender a discussão sobre performance cultural. Os antropólogos trazem elementos da vida social dos sujeitos, como é o caso de Turner (1982), que fala sobre o drama social que as comunidades desenvolvem no seu contexto social, especificando, a partir de sua observação, sobre as aldeias Embu²⁷.

A vivência de Turner em diversos rituais, e a sua experiência antropológica, possibilitaram que o mesmo observasse o drama social que serviria como uma forma de desenvolver a análise das relações sociais. As experiências de Turner foram fundamentais para a abordagem de Schechner sobre a performance, o que também acaba sendo de muita importância para os seus seguidores atuais.

As reflexões embrionárias de Victor Turner (nascido em 1920) vêm de sua experiência em rituais e dramas sociais em Ndembu, nos anos de 1950. As reflexões mais agudas de Schechner (nascido em 1934), por sua vez, vêm de sua experiência em teatro de vanguarda. (DAWSEY, 2011, p.207).

Percebemos que o drama vivido pelas pessoas pode ser visto de várias maneiras, isto é, aos dramas sociais, em determinado contexto, são atribuídos significados que se renovam e tomam outros sentidos. Existem alguns momentos em que a mística do MST pode ser vista como drama social dos sem-terra. Durante esta pesquisa apareceram algumas hipóteses que nos levam a falar da existência de um drama social no MST, a começar pela entrada do sujeito na organização a partir das reuniões realizadas nos bairros. É por meio dos encontros entre os militantes e as pessoas nas favelas de todo o País que começa a existir, na vida de muitas pessoas, a esperança de um dia ter um pedaço de terra. Assim também começa o drama social dos sem-terra.

É a partir da ideia de um dia ter um pedaço de terra através da luta do MST que os sujeitos sem nenhuma estrutura social – sem casa, sem emprego e além de não dispor de educação básica, chegando a ser, em sua maioria analfabetos ou semi-analfabetos – se desafiam a superar suas limitações para enfrentar a estrutura social dominante e conquistar

²⁷ Os conhecimentos sobre dramas sociais surgiram a partir das observações de Turner nas aldeias Ndembu no ano de 1950. Estas reflexões sobre dramas veem por meio das experiências em rituais.

seus sonhos. De certa forma, as pessoas que participam de uma luta se constituem como atores sociais por passarem a viver para lutar pela distribuição da terra e pela liberdade.

A ação que os sujeitos sem-terra realizam para disputar a posse da terra faz da vida das pessoas envolvidas um drama social, ou vários dramas sociais. Isto porque os militantes e trabalhadores rurais lutam por uma causa onde não existe certeza; a certeza que eles têm é a da necessidade de lutar e que, caso eles não desenvolvam sua luta, não há nenhuma possibilidade de conseguir a terra.

O contexto social vivido pelos sujeitos sem-terra possibilita, aos mesmos, trazer para a mística do MST o modo como eles lidam com os acontecimentos. Neste sentido, a mística do movimento passa a ser usada como a forma para os sujeitos representarem suas experiências de luta, o que a constitui como uma performance cultural do MST. Desta forma, os militantes trazem para as místicas os conflitos que vivem no cotidiano, as ações dos sujeitos, os comportamentos das pessoas e, por fim, o medo de não conseguir alcançar seus objetivos através da luta. Estes aspectos são os que constituem uma espécie de drama social do MST.

Na mística os militantes do MST sistematizam os momentos da vida dos trabalhadores sem-terra. Eles reconstituem cenas das ocupações das terras ou estradas, das manifestações e do modo de vida no campo e na cidade, além de projetar o que eles podem conseguir com a luta de forma organizada do movimento. De algum modo as pessoas, no MST, reconstituem, através de suas experiências, cenas dos principais momentos vividos na luta como um artifício para mostrar sua realidade. Deste mesmo modo, fazem de suas vidas um metateatro, sendo possível, através dele, representar como os sujeitos sem-terra vivem.

Os sujeitos representam sua realidade para os outros, fazendo dela um livro que deve ser lido. Deste modo, as místicas do MST possibilitam, às pessoas que não estão inseridas na organização dos sem-terra, realizar diversas leituras sobre sua realidade. Também levam o olhar das pessoas para a luta do movimento, pois representam as ações dos sujeitos sem-terra através de um ritual.

A encenação de um grupo teatral se desenvolve no palco de tal forma que provoca, na plateia, certa empatia²⁸, a qual acontece através dos significados que são dados ou atribuídos

²⁸ É bom ressaltar que nem toda peça teatral provoca o sentimento de empatia na plateia, pois muitas pessoas ficam frustradas com os acontecimentos e acabam saindo do espaço onde está sendo realizada a peça.

aos conjuntos de elementos que são apresentados, tais como: gestos, vozes e o cenário. A performance construída é resultado da mudança da realidade vivida pelo ator/personagem. Ela tem a capacidade de mudar o ‘eu’ daquele que representa uma realidade no palco e também daqueles que participam como ouvintes, que acabam incorporando a vivência apresentada.

Os momentos mais eletrizantes de uma performance, em qualquer tradição, podem ser justamente aqueles em que o corpo lampeja por detrás (ou por baixo, cima etc.) da máscara. Trata-se da experiência de quem se descobre como “não-eu” e “não não-eu” ao mesmo tempo. (DAWSEY, 2011, p.209).

A ideia de que a performance esteja presente em todos os atos das pessoas é demonstrada por Schechner (2011) quando ele afirma que a performance é o resultado de uma experiência vivida, ou seja, um comportamento restaurado. A performance pode ser considerada pelo menos de duas maneiras: uma performance trabalhada pelos artistas, como no caso do teatro; e as que surgem das experiências sociais dos sujeitos, como é o caso dos vendedores. Em outras palavras, existe o drama vivido e o drama representado nas performances por meio de gêneros escolhidos.

É possível afirmar que todo o ritual preparado, e depois encenado, possibilita, aos sujeitos, fazer parte de um contexto que pode ou não ter relações próprias. Percebemos que os *performers* precisam do seu público para manter as personagens vivas na encenação. Porém, torna-se necessário que o ator se comunique com a plateia de tal forma que leve até ela uma energia, a qual servirá na construção de sentido através dos atos do *performer*/audiência.

Na mística existe uma relação ator e plateia, pois o ator/militante busca interagir com o expectador, que é o militante ou simpatizante do MST, o que lhe permite construir uma relação de troca de experiência. Isto é, o ator, na mística, busca levar sua experiência de vida para o expectador, assim, é possível haver uma troca de saberes entre ambos que perpassa o momento de apresentação da mística. De modo geral, a mística é um ritual que harmoniza o mundo de quem vive no campo, que contribui para a humanização das pessoas que estão inseridas na luta pela liberdade por meio do MST.

Para conceber a ação das pessoas como uma performance se torna necessário observar se o ato dos sujeitos é algo representado ou vivido, ou seja, se é uma experiência da pessoa.

Por isso, é importante a presença da audiência²⁹ nos ensaios para que estejam em sintonia com o mundo de significação atribuídos à encenação. Uma vez que o ato performático seja carregado de significados, deve ser interpretado pela audiência; porém, acontece que nem todas as pessoas estão aptas a dar significado àquilo que é apresentado. Por isso, alguns ensaios não incorporam uma linguagem que dá relevância para o que é mostrado, com isso, o espetáculo fica sem vida em seu contexto cenográfico. Na visão de Schechner (2011, p.215), “[...] a consciência performática é subjuntiva, cheia de alternativas e potencialidade. Durante os ensaios especialmente, alternativas são mantidas vivas, o trabalho é intencionalmente não fixado”.

Percebemos que a performance só pode ser interpretada a partir das diversas leituras e do desvendamento dos signos que ressignifica o mundo artístico. A linguagem vinculada à peça e aos demais elementos que compõem a mesma possibilitam emergir uma energia na plateia durante certo tempo, mas não conseguem permanecer durante todo o tempo. Quando os acontecimentos param de envolver os espectadores, o esfriamento³⁰ tira as pessoas do transe para que vivam a sua realidade.

Compreendemos que cada performance constrói um sentimento nas pessoas, o que permite dizer que a relação entre o *performer* e o espectador é algo fundamentalmente fantástico para o desenvolvimento de uma peça teatral. O esfriamento de uma encenação acontece quando a peça teatral não desenvolve mais o sentimento de prazer nos participantes, isto é, as pessoas procuram na encenação algo que possa lhes prender a atenção, algo que lhes possibilite viver o não cotidiano, aquilo que não está acostumado a vivenciar na sua realidade.

É possível dizer que os gestos, as danças, as músicas e as palavras servem para ressignificar o mundo. Por isso, os discursos que as linguagens produzem são categorias da experiência dos sujeitos, portanto, que advêm da vida social. É por meio destas dinâmicas de manifestação que são declarados os dramas sociais que os militantes e os trabalhadores sem-terra vivem no acampamento.

Os dramas sociais do MST são apresentados nas místicas do movimento através de performances elaboradas pelos militantes. Schechner (2011), ao enfatizar que a performance pode estar presente na vida social e nas próprias relações sociais das pessoas, estava pensando

²⁹ Audiência é um termo usado por Schechner para se referir aos expectadores.

³⁰ Acontece o esfriamento quando o a peça teatral para de prender a atenção do expectador.

que a performance vem como ação. E quando se fala que o discurso acaba sendo uma categoria da performance está se querendo dizer que as pessoas, quando realizam uma performance, buscam várias formas para se comunicar por meio da dança, dos gestos entre outros.

O conjunto de elementos que fazem parte da performance tem uma intenção social, seja para se comunicar ou para persuadir as pessoas. Bakhtin³¹ dizia que as classes dominantes mantêm o seu poder através da linguagem. Neste sentido, o discurso faz parte da performance, pois as pessoas buscam vários mecanismos para construir seus enunciados em prol de seus interesses. Mas a relação de poder só se estabelece na vida das pessoas de acordo com a forma como os ouvintes recebem ou decodificam a mensagem. As reflexões de alguns autores nos conduzem a pensar que existe certa diferença entre teatralidade e performance, elas incorporam uma especificidade na discussão.

A retórica teatral que durante muito tempo se desenvolveu no intuito de dar sentido às representações dos sujeitos nos palcos da vida, não aparece mais; em certos momentos os *performers* não conseguem mais dar ‘vida’ às suas representações. O fato é que as pessoas não veem o artista como antes, ele não desenvolve, na plateia, o brilho que envolvia as pessoas no contexto cenográfico apresentado, pois entre o palco e a plateia passou a existir um abismo muito grande.

Existem alguns objetos interessantes para serem discutidos na contemporaneidade, como as performances que surgiram a partir da revolução industrial. O processo de análise das performances possibilita entender quais mudanças surgiram nas artes; a teatralidade, neste aspecto, começa a se desenvolver em uma postura mais natural, ou seja, busca sistematizar as experiências dos sujeitos a fim de constituir um espetáculo mais voltado para a realidade vivenciada pelos sujeitos.

Os processos de ritualização performáticos, idealizados pelo fluxo da experiência de uma pessoa, buscam constituir um diálogo coletivo entre os *performers* e a plateia, criando um vínculo de coletividade entre ambos pelo fato de envolver os sentimentos e as memórias das pessoas no círculo de encenação que leva as mesmas a reviver o passado.

³¹ Na obra ‘Marxismo e Filosofia da Linguagem’, publicada em 2006.

Podemos afirmar que o teatro, em sua proporção, não cria vínculo de mediação daquilo que é representado esteticamente em relação ao cotidiano dos indivíduos. Porém, a performance, em sua essência, desenvolve-se a partir da relação dos sujeitos com o seu cotidiano. Isto é, o teatro é um espaço em que os sujeitos vivem uma realidade passageira que não condiz com a realidade dos envolvidos, no entanto, a performance se consolida através de atos involuntários dos sujeitos, ou seja, acontece de forma espontânea na vida das pessoas através de suas relações sociais.

Os rituais místicos do MST servem para as pessoas viverem seus sonhos e isso permite que elas saiam do cotidiano para se inserir em um contexto social oposto ao que vivem na sociedade, onde têm que lidar com o poder público, com a polícia e com poder judiciário para garantir uma vida melhor. É através dos espaços sociais que os sujeitos criam performances para jogar com as estruturas sociais. Neste sentido, as pessoas, em todos os momentos, estão atuando e levando outras pessoas a incorporar a sua atuação.

Percebemos que os rituais que fazem parte de nossa vida nos condicionam a viver performances que às vezes se tornam necessárias. Os papéis que os sujeitos desenvolvem não são algo fora de sua realidade, embora, às vezes, os sujeitos procurem revelar um comportamento que intensifique as experiências vividas historicamente. Isto porque os papéis assumidos pelos sujeitos em uma performance estão reformando os dramas sociais que outras pessoas vivem; é através da mística que os militantes representam os dramas sociais que a classe enfrenta na sociedade.

É neste sentido que tanto Turner quanto Schechner dimensionam seus discursos sobre performance, na intencionalidade de diferenciar e, ao mesmo tempo, de provocar discussões sobre a arte; principalmente por ser uma nova forma de analisar as relações sociais vivenciadas pelas pessoas. É um meio que possibilita conhecer as manifestações dos seres humanos e lhes atribuir significado em seu contexto social.

CONCLUSÃO

Esta dissertação é resultado da pesquisa e da vivência de um militante/pesquisador que se propõe a assumir uma postura de vigilância em relação às exigências do seu trabalho acadêmico. Por outro lado, não se abre mão do papel de militante ao encarar o trabalho como atividade política que pode contribuir e servir de referência para a formação de outros colegas. Neste sentido, foi possível investigar a mística como sendo uma das práticas culturais desenvolvidas nos principais espaços da militância do MST. Esta é vista como celebração, que ressalta a cultura dos sujeitos ligados ao movimento. É o momento em que eles conseguem expressar, por meio de várias linguagens, uma síntese do processo de luta revolucionária. Além disso, a mística é um dos instrumentos que fortalecem a luta do povo sem-terra, já que materializa a realidade dos sujeitos.

A mística do MST é responsável pela inserção de vários militantes na luta pela conquista da terra. Isto se deve ao fato de que ela manifesta a trajetória de luta dos militantes, ao mesmo tempo em que consegue mobilizar pessoas para a luta pela transformação social. Isto acontece porque as condições sociais que os sujeitos vivem impulsionam a fazer parte do MST, para contribuir com este processo de luta.

A compreensão teórico-conceitual estabelecida na análise das místicas do MST possibilita dizer que a prática social do MST pode ser vista como uma ação de protesto do povo sem-terra. A mística para os militantes do MST significa a força que motiva os trabalhadores, o instrumento que permite expressar o seu desejo, seu sentimento de indignação, entre outras coisas. E estabelecer um conceito de mística implica na mudança de sentido para o grupo que a manifesta, reduzindo-a a uma simples manifestação. Por isso, preferimos apontar as místicas do MST como sendo as ações que os sujeitos realizam através do processo de luta que desenvolvem na organização. Elas podem acontecer por meio de um planejamento coletivo da militância do MST.

É possível dizer que os sujeitos sem terra precisam pensar a mística para que ela possa acontecer, embora as próprias ações das pessoas possam ser consideradas uma mística, desde que as ações tenham a ver com a sua realidade. Isto é, os atos que as pessoas realizam, e que fazem parte da luta do MST, podem ser apontados pela militância do movimento como a arte mística, já que as ações trazem significados para a vida dos sujeitos sem-terra.

O principal elemento que aparece na mística do MST é o modo de vida dos sujeitos sem-terra. Em outras palavras, os aspectos culturais que fazem parte da vida dos trabalhadores rurais são manifestados nas místicas dos militantes do movimento. Isto porque se pensa nos aspectos que fazem os sujeitos serem coerentes com os objetivos construídos pelo grupo.

Os sujeitos inseridos nas atividades do MST continuam as práticas discursivas e não discursivas de outras pessoas, de outros grupos sociais, provavelmente de seus antepassados. Ao lado disso, sentem a necessidade de trazer os valores sociais de sua classe social até os dias de hoje, o que faz destas pessoas seguidoras das ações da geração passada. Em outras palavras, elas passam a ser continuadoras de uma tradição cultural ou várias tradições culturais que foram esquecidas pela história.

Neste sentido, os sujeitos sem-terra se constituem, por meio dos rituais e das atividades sociais do MST, como atores sociais que incorporam experiências de luta. Diante disso, eles constituíram a capacidade de sistematizar suas vivências através da linguagem poética, corporal, imagética e simbólica. Isto tem possibilitado contribuir para a formação discursiva que os sujeitos sem-terra usam em seu cotidiano para dialogar com os policiais, com os fazendeiros, com os juízes, entre outros.

A finalidade das linguagens que circulam nas místicas do MST está vinculada à proposta de formar um novo ser social? Perguntas como esta possibilitaram que se investigasse se existia um processo educativo nas místicas do MST por meio das linguagens. Percebeu-se que as linguagens, independentemente de quaisquer que sejam, são utilizadas para que os sujeitos sem-terra sejam capazes de assimilar a política e a ideologia do MST, podendo intervir em sua realidade através do ideal de uma sociedade. E é deste modo que é forjado, dentro do MST, o militante orgânico, uma vez que é pensada uma formação que torne os sujeitos conscientes dos seus atos, de sua realidade e de sua luta.

Por meio da mística do MST as pessoas passam a despertar o interesse pelo estudo, no intuito de se apropriar do legado revolucionário. Assim, toca a identidade e a postura política de pessoas que viveram em uma sociedade anticapitalista. O que sabemos é que o MST tem constituído a cultura do estudo para sua militância, já que tem possibilitado aos sujeitos terem informações e formação para serem conscientes de sua realidade. Desta forma, a busca e a apropriação do conhecimento passam a ser um dos princípios fundamentais para as pessoas perceberem as injustiças que acontecem na sociedade.

A partir das atividades culturais dos militantes do MST pode ser compreendida a formação política e ideológica do grupo. Sem os aspectos culturais a dinâmica de vida das pessoas na sociedade lhe transforma em alienados, isto porque as pessoas não cultivam mais os mesmos costumes ou os valores sociais de uma geração. Daí a importância de valorizar a cultura dos sujeitos para entender sua formação.

Os militantes do MST realizam uma ação que possibilita uma performance e, por meio dela, podem manifestar uma ou várias ações que têm o poder de mexer com os sentimentos das pessoas em um determinado contexto social. Nesta circunstância, a performance manifesta emoção não só em quem assiste, mas principalmente em quem participa do ato.

O conhecimento que circula na mística do MST permite, ao participante, viver o mundo da performance, isto é, participar da cultura dos trabalhadores rurais sem-terra. Desta forma as pessoas vivenciam como é a realidade dos sujeitos sem-terra, o que pode servir para compreender como o povo vive no campo. É pensando nisto que se pode perceber que a forma como o sujeito olha para a luta dos trabalhadores rurais pode contribuir para sua formação.

A interpretação da mística do MST neste trabalho aponta para o entendimento de uma performance cultural realizada pelo MST através da luta dos trabalhadores rurais sem-terra. Mística esta que possibilita que os sujeitos sem-terra expressem seu mundo por meio das linguagens verbais e não verbais.

Os sujeitos que atuam na luta do MST podem se tornar militantes orgânicos através dos trabalhos de base que desenvolvem nos acampamentos e assentamentos do MST. Porém, a participação nas atividades do movimento pode levar os militantes a se tornar uma liderança. Isto depende de como os sujeitos se apropriam da assimilação política e ideológica do grupo a que pertencem. Dessa forma, os sujeitos se tornam militantes orgânicos e passam a ter a função de dar continuidade à luta, já que assimilou o conhecimento do processo de luta da geração passada, o que permite conduzir a luta presente.

A linguagem poética e a musical na mística do MST serve como revelação da filosofia de vida dos sujeitos que estão inseridos na luta. Através destas linguagens os sujeitos conseguem se inspirar para a luta e dialogar com o modo de vida dos sujeitos sem-terra.

É possível perceber que a linguagem simbólica constituída através dos aspectos culturais que fazem parte da vida social dos trabalhadores sem-terra também contribui para a

performance cultural do MST. Deste modo, as performances culturais dos militantes do MST impulsionam a luta dos trabalhadores rurais sem-terra de todo o País. Neste sentido, a mística pode ser entendida como uma ação inspiradora de reflexões, pois sem ela seria difícil os sujeitos repensarem o seu processo de luta pela terra.

A mística do MST é vista como um elemento que possibilita a integração dos sujeitos sem-terra. Isto porque é fruto das experiências dos militantes e da participação coletiva dos trabalhadores sem-terra. Esta celebração desenvolvida pelos sujeitos possibilita romper com a lógica alienante da divisão do trabalho. Além disso, a mística como celebração da vida, da luta, das condições sociais e do legado revolucínario, contribui para a manifestação de um gesto social que expressa a cultura política do movimento. Por outro lado, o ritual é uma atividade cultural que manifesta um posicionamento que é contra-hegemônico, já que é um ato de protesto e de reflexão sobre a estrutura social em que as pessoas vivem.

Esta dissertação trouxe um percurso da mística do MST, partindo de suas principais definições. Isto possibilitou uma interpretação crítica do ritual místico do movimento. Para tanto, foi necessário fazer uma descrição densa dos elementos que circulam na mística, o que permitiu saber até que ponto eles contribuem para o processo de formação de uma militância orgânica. Foi com este olhar que a investigação nos apontou que existe um processo de conscientização dos sujeitos sem terras por meio da mística, pois os elementos que circulam nas manifestações não aparecem aleatoriamente. Isto porque, eles são escolhidos para trazer uma mensagem para os trabalhadores rurais sem terra, que servem de alerta para os perigos que a sociedade impõe para os sujeitos, já que eles podem ser alienados. Por isso, os elementos que circulam nas místicas têm como função levar o esclarecimento para o povo sem terra, trazendo os problemas sociais que as pessoas vivem inconscientemente. Sendo de grande importância a discussão sobre enunciado, discurso, linguagem poética, musical, performance, ferramentas de trabalho etc, para compreender que os elementos presentes na mística contribuem para o processo de formação dos sujeitos ligados ao movimento, na medida em que estes (elementos) serviram e servem de dispositivo para conscientizar os trabalhadores. Neste sentido, foram abordados os enunciados que constituem os discursos dos militantes, trazendo a reflexão para o contexto das performances culturais como campo dinâmico e complexo de reflexão e produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **Chicletes eu misturo com bananas?** Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- AMARAL, Roberto Antônio Penedo do. **Paul Ricoeur e as faces da ideologia.** Goiânia: Editora UFG, 2008.
- ARAÚJO, Caroline Leite. **O papel da música no movimento dos trabalhadores rurais sem terra.** Belém: GTR - Gráfica Editora, 2011.
- BAKHTIN, M. **Speech Genres and Other Late Essays.** Trans. by Vern W. McGee. Austin, Tx: University of Texas Press, 1986.
- _____. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12. ed. Hucitec, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Contribuição de Bakhtin às teorias do texto e do discurso.** Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- BARRETO, Sara da Silva. Reforma Agrária no Brasil: o MST como movimento educacional; (Pós –graduação “Lato-sensu”) - Universidade Candido Mendes -Rio de Janeiro - 2003.
- BASTOS, Manoel. **Luta em si:** desafios militantes na música como política (2012). Apostila cultura, arte e política no MST - Coletivo Nacional de Cultura, 2014.
- BOGO, Ademar. MST e a cultura. **Caderno de Formação**, n. 34. MST, 2000.
- _____. Vigor da mística. **Caderno de Cultura**, n. 2. São Paulo: MST, 2002.
- _____. **O papel da cultura no Movimento Sem Terra (1998).** Apostila cultura, arte e política no MST - Coletivo Nacional de Cultura, 2014.
- _____. **Linguagem em prosa e verso:** uma mediação para a formação da consciência. Monografia da Graduação em Letras Vernáculas. Orientadora: Profª. Drª. Maria Neuma Mascarenhas Paes - UNEB-BA. 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas). 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOLAÑO, Cesar. **Indústria Cultural:** Informação e Capitalismo. São Paulo: Hucitec/ Polis, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. **Sílvio Romero:** teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- CHAUI, Marilena de Sousa. **O que é ideologia.** Brasiliense, 1980.

CASTRO, Carmen Verônica dos Santos. **A mística de tornar-se jovem no MST** - a experiência do I Curso de Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural. Seropédica, Rio de Janeiro: UFRRJ, CPDA, 2005.

COMILO, Maria Edi da Silva; BRANDÃO, Elias Canuto. **Revista Eletrônica de Educação**, ano 3, n. 6, jan./jul. 2010.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. 2010. 284f. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2010.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005.

_____. Sismologia da performance: Ritual, Drama e *Play*. **Revista de Antropologia**, v. 50, n. 2, 2007.

_____. Schechner, teatro e antropologia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, 2011.

EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ESTEVAM, Douglas (2007). **O campo da estética**. Apostila cultura, arte e política no MST - Coletivo Nacional de Cultura. 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **(Re)tratos discursivos do sem-terra**. Uberlândia: EDUFU, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães - Coordenadora de Tradução; revisão técnica e prefácio. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. Michel Foucault explica seu último livro. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (pp.145-152).

_____. Sobre as maneiras de escrever a História. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (pp.62-77)

_____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Linguística e Ciências Sociais. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (pp.40-55).

_____. Retomar a história. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (pp.260-281).

_____. Introdução (in Arnauld e Lancelot). In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (pp.119-140).

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GONDAR, Jô. **Quatro preposições sobre memória social**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Livraria Almeida, Coimbra, 1980.

LISSOVSKÝ, Mauricio. **A memória e as condições poéticas do acontecimento**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**, Ed. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MORAES, Nilson Alves de. **Memória social: solidariedade orgânica e disputas de sentidos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Apostila cultura, arte e política no MST** - Coletivo Nacional de Cultura. 2014.

NESTROVSKI, Arthur. **Lendo música, 10 ensaios sobre 10 canções**. São Paulo: Publifolha, 2007.

OLIVEIRA, Carmen Irene Correia de; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. **Memória e discurso: um diálogo promissor**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos: Teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema**. São Paulo: Perspectiva: 2005.

RIBEIRO, Nilza Brito (org). **Educação do campo: pela democratização da terra e das letras**. GTR- Gráfica Editora, 2011.

SCHECHNER, Richard. **Between theatre and anthropology**. University of Pennsylvania Press, 1985.

_____. **O que é performance?** em Performance studies: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, 2006.

_____. Performers e espectadores: transportados e transformados. **Revista Moringa Artes do Espetáculo**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2011.

_____. Between theatre and antropology. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral. In SCHECHNER, Richard - **Cadernos de Campo**, nº 20.

SANTOS, Natal da Silva dos. **Mística**: outra linguagem na escola Oziel Alves; (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pará – 2010.

SAMPAIO, Plínio Arruda. **A mística**. 2002.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **A mística no MST: mediação da práxis formadora de sujeitos históricos**. Tese de doutorado em Sociologia. UNESP.2012.

SOTTILLI, Tiago Andrea. **Mística e arte no processo de formação do IEJC**. Monografia do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal de Brasília. 2010.

SILVA, Cacilda Viera da. **Elementos discursivos presentes nas palavras de ordem do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra**. Belém: GTR - Gráfica Editora, 2011.

SILVA, Maria das Graças. **O teatro no movimento sem-terra e a construção de identidades**: a experiência do assentamento Califórnia. Belém: GTR - Gráfica Editora, 2011.

TURNER, Victor. **From ritual to theatre**: the human seriousness of play. New York: PAJ Publications. 1982.

VILLAS BÔAS, Rafael. **MST conta Boal (2013)**. Apostila cultura, arte e política no MST - Coletivo Nacional de Cultura, 2014.

WILLIAMS, R. **Cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.